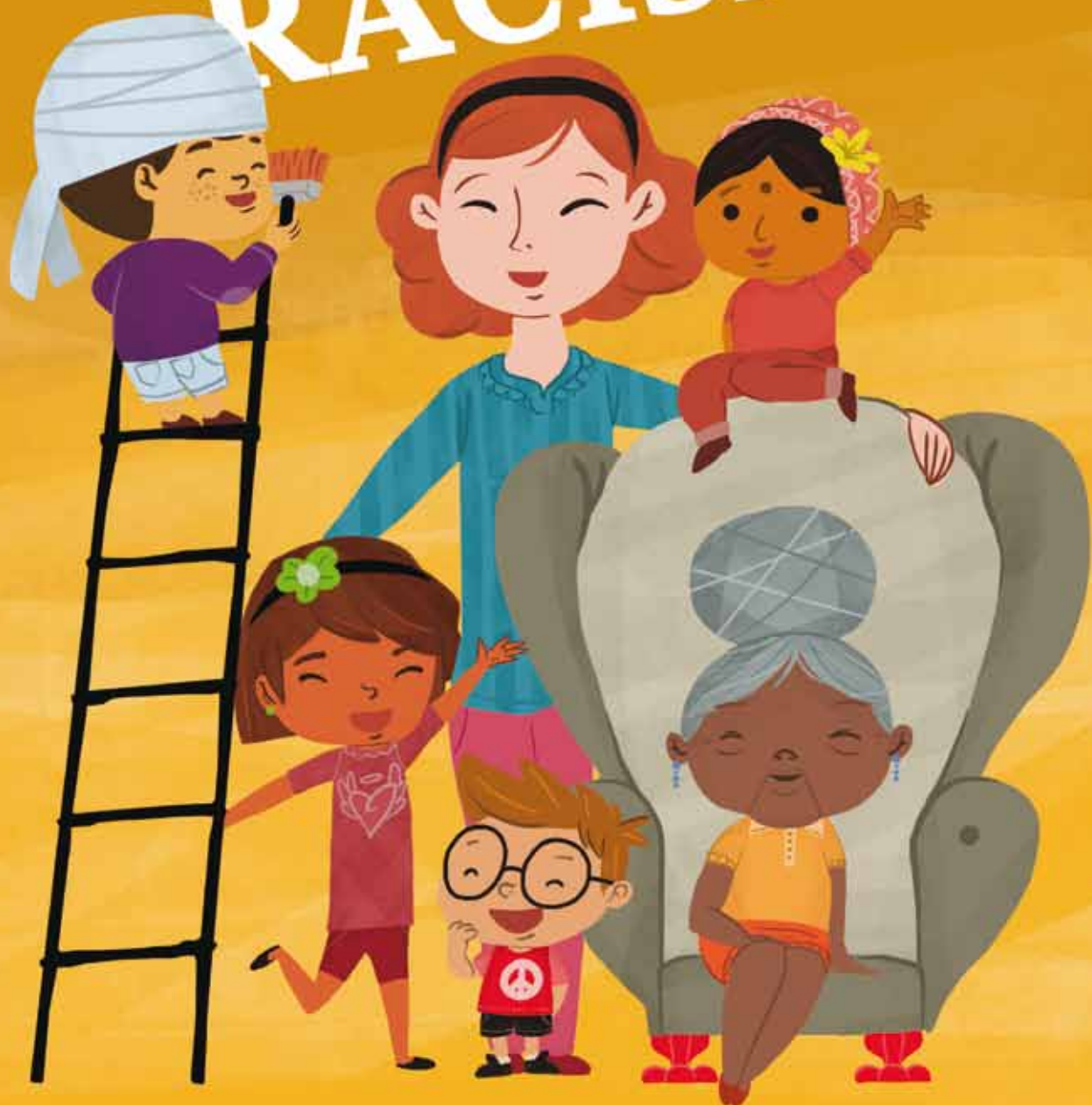


39

Poemas & Contos contra o RACISMO







TÍTULO
**CONCURSO NACIONAL DE POESIA/
CONTO**
CONTRA O RACISMO

EDIÇÃO
ACIDI
**ACM, I.P. – ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES,
I.P.**
RUA ÁLVARO COUTINHO, 14
1050-025 LISBOA
T. 218106100 F. 218106117
ACIDI@ACIDI.GOV.PT
WWW.ACIDI.GOV.PT

AUTORES
**FINALISTAS DO CONCURSO NACIONAL DE POESIA E
CONTO CONTRA O RACISMO**

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO
WWW.JORGEVICENTE.COM

ILUSTRAÇÃO
FIDEL ÉVORA

IMPRESSÃO
PROS – PROMOÇÕES E SERVIÇOS PUBLICITÁRIOS, LDA.

TIRAGEM
700 EXEMPLARES

ISBN
978-989-685-059-3

DEPÓSITO LEGAL

LISBOA, MARÇO DE 2014

ÍNDICE

4 **PREFÁCIOS**

7 **CATEGORIA I**

Participantes entre os 10 anos e 13 anos

- 8 • Catarina Mota de Azevedo Araújo
- 10 • Ana Margarida Amado
- 12 • Carolina Amante
- 14 • Tiago Miguel Correia de Melo Russell Pinto
- 16 • Catarina Bruto da Costa Gracias Rebelo
- 18 • Diogo Alexandre de Almeida Barradas
- 22 • Helena Isabel de Brito e Moura Rocha
- 26 • Jéssica Ferreira Duplito
- 30 • João Afonso Batalha
- 32 • João Afonso Ribeiro Costa Vilas Boas
- 34 • Margarida Rodrigues

37 **CATEGORIA II**

Participantes entre os 14 anos e 17 anos

- 38 • Ana Teresa Jorge Guerreiro
- 40 • André Miguel Encarnação Silvestre
- 42 • Beatriz do Rosário Koehler
- 44 • Beatriz Guedes Sardão
- 54 • Carolina Rocha Daniel
- 58 • Cláudia Felisberto Pinto
- 62 • Danilo Patrick de Sousa
- 64 • Hetiandra de Jesus Sampaio Palmeiro
- 68 • Marisa Alves Pedro
- 70 • Adriana Matos Pedrosa e Sofia de Matos Pedrosa
- 94 • Diana Raquel Fernandes Freitas

97 **CATEGORIA III**

Participantes maiores de 18 anos

- 98 • Ana Paula Dias de Pinho Oliveira
- 104 • Antónia Rosa Cristo
- 106 • Delmar Francisco Maia Gonçalves
- 108 • José Fernando da Silva Magalhães
- 110 • Jéssica Beatriz Anastácio Jacinto
- 116 • João Alberto Fernandes Roque
- 130 • Joaquim Jorge Silva Carvalho
- 136 • Joaquina de Lurdes Martins Silva
- 138 • Luís Paulo Mendes Amaro
- 140 • Marcella Rodrigues dos Reis
- 144 • Rita Borges Gouveia
- 146 • Rosa Maria de Jesus Malveiro
- 148 • Rosália Santos Correia
- 150 • Sónia Marisa Marques dos Santos Fazenda
- 152 • Telma Marlise E. Silva
- 156 • Teresa Maria Lino de Araújo Ferro
- 158 • Virgínia Maria Fortunato Carlos Antunes Doblado

PREFÁCIOS

Um dia ouvi dizer que um poema tem de ser lido com o coração e, para mim, o grande desafio foi compreender esta afirmação para conseguir atingir o objetivo desta grande tarefa levada a cabo por quinhentos e tal miúdos e graúdos.

A Emoção foi «sentir» cada palavra transmitida, ficar presa de forma a sentir que era a vítima do poema, ou ser o espetador de um conto, e terminar com uma lágrima no olho e com sede de continuar a ler, mais um e outro poema ou conto. Agradeço-vos por estes novos sentimentos. São todos vencedores. Para quem vai ler, digo «há sempre tempo para um poema, basta querer!».

Iolanda Veiga

Conselheira da Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR) e jurada do Concurso Nacional de Poesia e Conto contra o Racismo.

Martin Luther King e Nelson Mandela são duas referências maiores na luta da igualdade, contra o racismo. No entanto, este combate não se faz apenas com referências. Faz-se diariamente e está dependente da iniciativa de cada um de nós. O racismo só existe quando a sociedade permite, quando se tem uma atitude passiva perante a desigualdade e a diferença.

Este livro mescla a arte da escrita com os direitos humanos e a luta pela igualdade. É uma síntese de centenas de contos e poemas escritos no Concurso Nacional de Poesia e Conto Contra o Racismo.

Participar do júri proporcionou uma leitura gratificante. Numa fase posterior representou uma escolha muito difícil acerca dos poemas e contos que poderiam fazer parte deste livro. Foi uma árdua tarefa. Cada texto era um texto vencedor, era um texto que sensibilizava contra o racismo e a discriminação, era escrita ao serviço da igualdade.

Agora, cumpre ao leitor duas excelentes tarefas e prazeres: ler e refletir.

Gustavo Behr

Conselheiro da Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR) e jurado do Concurso Nacional de Poesia e Conto contra o Racismo.

Fazer parte do júri do concurso de poesia e conto contra o racismo foi um grande desafio!

Ao ler os 513 trabalhos que nos chegaram, foi possível viajar, através da escrita, para momentos de dor, sofrimento mas também de grande alegria onde, se por um lado, conhecemos momentos de verdadeiro racismo e discriminação, conhecemos momentos de celebração da diversidade.

Foi por isso um privilégio ter a cargo esta árdua tarefa, em conjunto com os meus colegas de júri, Iolanda Veiga e Gustavo Behr, a quem muito agradeço.

Gostaria de agradecer também a todas as pessoas (dos 10 aos 72 anos) que tiveram a coragem de partilhar as suas ideias e experiências através da escrita. Agradeço também ao nosso ilustrador, Fidel Évora que, através do desenho, nos ajuda a ler as emoções que vão para além da escrita.

Espero que a invisibilidade que esta temática tem em Portugal, possa ser combatida através deste livro.

Rosário Farmhouse

Alta-comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural



CATEGORIA I

Participantes entre os 10 anos e 13 anos

Catarina Mota de Azevedo Araújo

1º prémio

Ana Margarida Amado

Carolina Amante

Tiago Miguel Correia de Melo Russell Pinto

Catarina Bruto da Costa Gracias Rebelo

Diogo Alexandre de Almeida Barradas

Helena Isabel de Brito e Moura Rocha

Jéssica Ferreira Duplito

João Afonso Batalha

João Afonso Ribeiro Costa Vilas Boas

Margarida Rodrigues



Sou como tu...

Nasces, sobrevives
Cresces, observas
Sou como tu.

Optas, decides
Queres, trabalhas
Sou como tu.

Amas, sofres
Vives, acreditas
Sou como tu.

Somos diferentes
Somos iguais
Somos filhos
Somos pais
Sou como tu.

Autor:

**Catarina
Mota de
Azevedo
Araújo**
13 anos

1º PRÉMIO





O racismo

Nós somos todos iguais
Não há raça nem há cor,
Se em nosso coração
Houver amor muito amor

Autora:

**Ana
Margarida
Amado**
10 anos

Sentimentos e emoções
Vivem no nosso coração.
Nós temos muitas razões
Para respeitar o nosso irmão

Se o nosso sangue é igual
É vermelho em qualquer tema,
Não devemos transformar
A cor da pele num problema

Geram-nos com amor
Nascemos iguais em tudo.
Porque é que tem de haver diferença
E crueldade no Mundo?

Todos temos ambições
Branco, preto ou amarelo
Vamos vivê-las e, paz
E o Mundo será mais belo

Vamos olhar-nos nos olhos
Lado a lado, mão não mão.
E acabar com o racismo
Que há na nossa geração.





Luta contra o Racismo

O racismo ainda existe,
Apesar de muitos lamentos,
O negro ainda é excluído,
E sofre muitos tormentos.

Autora:

**Carolina
Amante**
11 anos

Para quê pôr de parte?
Para quê discriminar?
Se somos todos iguais,
Não na cor, mas no olhar!

O racismo no Mundo
Quer nos ganhar
Mas se todos nos unirmos
Não nos vai alcançar.

Em vez de olharmos para a pele
Vamos todos olhar para o coração!
E ver o outro como ser igual
Não como um ladrão!

Não continuemos com isto
Vamos lá todos lutar,
Pois o racismo e discriminação
Vão ter mesmo de acabar!!!

Vamos esquecer preconceitos
E parar de apontar
Afinal todos queremos
Os nossos sonhos realizar!

Se um negro encontrares
Não mudes o teu modo de pensar
Trata-o bem e com carinho
Normalmente, sem o julgar.

Lá por haver pessoas diferentes,
Doutro sítio ou religião
Todos nós no mundo devemos
Ao racismo dizer: Não!!!





Sou como tu

Ser, viver, sentir...
Eu sinto, tu sentes, ele sente
Eu vivo, tu vives, ele vive
Eu sou, tu és, ele é,
Nós somos...

Autor:

**Tiago Miguel
Correia de
Melo Russell
Pinto**
13 anos

Cada pessoa uma gota,
Sozinhos somos nada,
Juntos, fazemos onda.

O mundo é um mar,
Cada um uma gota biota,
Cada peixe um amigo,
Cada fossa um precipício,
Cada alga um episódio,
Cada pedra um espólio.

Mas no final,
Cada gota um mundo...
Profundo.

Sou como tu...





O pavão sem coração

Naquela floresta viviam os mais belos animais do mundo.

O pavão era o mais conhecido, pois era o mais belo e raro de todos os animais. Só existia um no mundo. Mas o pavão era muito egoísta e malcriado e, por isso, ninguém gostava dele. Ninguém... com exceção da raposa.

A raposa era muito querida, mas como queria sempre ir atrás do pavão, por causa da sua beleza, ia perdendo cada vez mais amigos.

Certo dia, pela manhã, o cavalo convidou a raposa para ir jogar à bola com o ouriço e o coelho. A raposa olhou para o pavão, que abanou a cabeça em forma de um grande e redondo “NÃO”. A raposa, para não contrariar o pavão, negou, mais uma vez, o convite dos amigos. Sentia-se orgulhosa por ter um amigo tão belo.

Porém, nessa mesma tarde, enquanto o pavão descansava e farta de nada fazer, a raposa foi até a casa do cavalo. Bateu à porta. Este abriu-a com um grande sorriso, que se desmanchou quando a viu.

- Queres vir brincar comigo?- disse a raposa.

Ele, um dos animais mais simpáticos e bondosos de toda a floresta, fechou a porta sem dizer nada. Procurando não desistir, a raposa foi procurar mais animais, perguntando-lhes a mesma coisa, e a resposta era sempre a mesma: uma porta que se fechava.

A raposa voltou a casa muito, muito triste. Pegou numa folha com água e, como era habitual, lavou-se e deitou-se. Na cama, perguntava a si própria o que acontecera. No meio do sono e da tristeza, ouvia uma voz, ao longe, que lhe dizia: “Raposa, olha para ti, vê no que te estás a tornar. Já ninguém gosta de ti.”

Foi então que algo a despertou.

No dia seguinte, foi à porta de cada amigo pedir desculpa, e estes aceitaram-na de volta.

Foi assim que a raposa percebeu que não se gosta de uma pessoa pela sua aparência, mas pelo seu coração.

Não vejas com os olhos

Vê com o coração

Não te leves pelas aparências

Que elas podem não ter razão

Autora:

**Catarina
Bruto
da Costa
Gracias
Rebelo**
10 anos



Crónicas de um rapaz que não conhecia o racismo

Alguns vociferam insultos e maldições, palavras hostis, para rebaixar e que não servem para mais do que levar uma pessoa à loucura e principalmente ao sentimento de repulsa por si mesma.

Outros recorrem a uma abordagem mais física: cerram os punhos, agarram as facas e saem às ruas para marcar a sua posição com atos de pura violência, que só podem ser explicados com uma falta de inteligência que espanta muita gente.

É curioso como erradamente cada homem intervém naquilo que acha inferior de uma maneira diferente e como simples preconceitos podem gerar tais acontecimentos. Nunca os entendi, embora tenha sofrido com alguns. Mesmo assim até me acho um homem feliz, dotado de alguns talentos, ambições e uma extrema habilidade para continuar a sorrir por mais que o mundo pareça negro aos meus olhos.

Estive envolvido em algumas situações caricatas em que o racismo, mesmo vindo daqueles que pensava conhecer, se fez notar e que a sociedade parece achar corretas.

Certa vez, passeava eu pelas ruas de Lisboa guiado por um amigo meu, quando me deparei com uma voz masculina, de alguém certamente com alguma idade, que com o seu sotaque indiano me passou um chapéu de palha para as mãos:

— Quer comprar? — perguntou-me, passando-me cada vez mais chapéus para as mãos.

Antes sequer de poder recusar, o amigo que me acompanhava deu-me um forte puxão no braço que me fez largar os chapéus e sair de perto do homem.

— Não fales com esse homem! É um daqueles “monhés”. Não merece o nosso respeito! Eu deixei-me estar calado. Conhecia bem o meu amigo e o facto de ambos sermos gozados por sermos “negros” (embora não consiga dizer como é saber como realmente sou) mas o que não entendia era a razão para ele ter discriminado o vendedor, tendo sentido também já várias vezes na pele como era ser a vítima.

Foi essa a questão com que me debati durante as noites seguintes passadas sem dormir. A resposta, porém, só me chegou dias mais tarde, quando entrei na loja chinesa do meu bairro. Lá dentro, dois sujeitos estavam envoltos numa violenta discussão:

— Devolve o que lobaste! Senão chamo polícia! — gritava o chinês, que, presumivelmente, seria o dono da loja e que não tinha ainda dominado a língua portuguesa.

— Se cale, homem-cor-de-mijo! — gritava o possível ladrão, possivelmente de origem brasileira, enquanto se ria da piada racista que tinha lançado para ar.

— Não me chame isso seu pleto macaco — vociferava o chinês com cada vez mais raiva na voz.

A conversa terminou bruscamente e, com algum ruído, o ladrão saiu rapidamente, dando-me um encontrão que me fez cair e deixando no ar um comentário do género “Me deixe. Tenho mais que fazer”. Com a ajuda do oriental, que também se queixava de alguns murros do assaltante, lá me levantei.

“O racismo é uma pistola” foi o que me ocorreu. As pessoas disparam quando se sentem ameaçadas: aqueles que são gozados disparam para se poderem sentir superiores a outros; esses outros disparam também pelas mesmas razões e os seguintes fazem o mesmo...

Assim se cria um ciclo.

Sempre fui músico. Era a música um daqueles dons que compensavam aquilo que desde a nascença não conseguia fazer. Certo dia, resolvi prestar provas para uma academia conhecida a nível internacional. Peguei no violino e pedi boleia até ao centro da cidade. Já no edifício do teste, entrei numa sala. Lá dentro, o ambiente era fresco, pesassem

Autor:

**Diogo
Alexandre
de Almeida
Barradas**
13 anos



embora os trinta e tal graus que se faziam sentir lá fora. Distingui o som dos ares condicionados a trabalhar tal como o leve som de um lápis a escrever. Havia também um forte cheiro a produtos de limpeza que me dizia que a divisão seria miraculosamente limpa. Sentia a gota de suor a cair-me da testa e a minha pulsação a aumentar cada vez mais.

— Bom dia! Você deve ser o rapaz com quem falei há alguns dias — disse, dando-me um aperto de mão forte — Mas... não tinha dito no seu perfil que era negro...

— Mas essa característica influenciar-me-á enquanto toco? — perguntei eu indignado.

— Não, de modo algum, mas... — balbuciou o homem, atrapalhado.

— Então deixe-me tocar!

Comecei a tocar a minha melodia. Penso que não falhei nenhuma nota, estive sempre dentro do tempo e não me lembro de ter falhado nem no mais ínfimo pormenor mas mesmo assim o homem interrompeu-me. Ouvi-o a levantar-se.

— Foi bastante bom, mas não posso compactuar com a entrada de um negro para esta escola — disse em tom de desdém enquanto fazia menção de me conduzir até à saída. Desci à rua. Calado e cabisbaixo mas ao mesmo tempo irado, entrei numa rua estreita e encostei-me à irregular parede, tocando tristemente. Fiquei lá durante horas, a tocar.

Quando a temperatura começou a baixar e os mosquitos começaram a aparecer, ouvi uma voz conhecida a dirigir-se a mim:

— Quem toca tão bela música? — perguntou o homem da escola de música, que com quase a certeza absoluta ainda não me tinha visto — Um talento destes devia ser conhecido pelo mundo!

Mantive-me calado durante algum tempo enquanto sentia os passos a aproximarem-se e depois respondi, sorrindo:

— Não. Penso que este talento deve continuar escondido, visto que a minha cor é mais importante do que a forma como toco.

Virei as costas ao homem e saí do local, sorrindo despreocupado e deixando os homens julgando as cores que os meus olhos não conseguem ver.

Diferença na Cor

Devido à crise e estando desempregado há alguns meses, Afonso decidiu emigrar. Com três irmãos menores, seu pai doente e sua mãe que em toda a vida só tinha cuidado deles e da casa, não lhe restava outra solução senão ir trabalhar para fora do país.

Através de um amigo conseguiu emprego em Angola. A adaptação não foi difícil mas o seu trabalho era muito duro. Trabalhava nas obras, logo ele que metade da sua vida foi passada a estudar e o seu primeiro emprego tinha sido numa loja de informática. Ele sabia que era muito novo e que ainda podiam-lhe surgir novas oportunidades, mas, naquele momento, a única coisa que ele queria era ganhar dinheiro para ajudar a sua família.

Com o passar do tempo, Afonso, apaixonou-se por uma mulher angolana, ela era bonita, carinhosa, divertida, ela tinha tudo o que ele sonhava numa mulher. Mas, havia um pequeno problema ela era de raça negra, para ele isso não importava mas ele sabia que os pais não a aceitariam, iam considera-la uma pessoa “diferente”. Mesmo assim, Afonso foi superior ao preconceito e assumiu aquela relação. O seu nome era Leonor.

Já mantinham a relação há dois anos, quando Leonor teve a excelente notícia que estava grávida. No momento em que o disse a Afonso, esse mostrou-se muito preocupado.

— O quê? Grávida? Não pode ser, sempre tivemos tanto cuidado. – Disse ele.

— Sim, estou grávida, já fiz o teste e não restam dúvidas – retorquiu Leonor – vamos ter um filho, não ficas feliz por isso? – Acrescenta.

— Claro que fico feliz, mas nunca imaginei ter um filho de uma pessoa de outra raça, não é que eu tenha problemas com isso, mas não sei como irá reagir a minha família quando souber que vão ter um neto com os pais de raças diferentes. – Respondeu Afonso, um pouco embaraçado.

Leonor ficou magoada com Afonso, pois nunca pensou que a cor de sua pele fosse problema para ele ou para quem quer que fosse.

O tempo foi passando e eles falavam pouco no assunto, até porque, Afonso ainda tinha esperança que o filho nascesse branco. Não era, que ele se preocupasse pelo facto de Leonor ser negra, pois ele amava-a muito mas, um filho é diferente. Ele não queria que quando fosse para Portugal, o seu filho fosse discriminado.

Chegou, finalmente, o dia em que Leonor entrou em trabalho de parto. Afonso levou Leonor para o hospital. Ele estava muito nervoso e ansioso para conhecer o seu filho e saber a cor da sua pele. Ele ainda não tinha contado nada aos seus pais, tinha decidido que só depois de saber a cor é que iria conversar com os pais. O parto correu muito bem e, pouco depois, Leonor já estava no quarto com o seu filho. Era uma menina.

Afonso aproximou-se devagar e quando olhou para ela, tão pequenina e indefesa, aquilo que o mais atormentava passou a ser tão insignificante que ele mesmo teve vergonha de alguma vez ter, sequer, pensado em tal coisa.

A sua menina era a mais bonita de todas, mesmo sendo negra.

— Então, Afonso, estás feliz? – Perguntou Leonor.

— Eu sou o homem mais feliz do mundo! Eu tenho a mulher que amo e a nossa filha é tão perfeita ... – disse Afonso, olhando para a filha linda que tinha nos seus braços.

— E, os teus pais? Achas que eles vão aceitar a Rute como neta deles? – Perguntou.

— Vão ter de aceitar. Vão ser uns avós babados. – Afirmou Afonso, mas com algum receio da reação deles. Afonso despediu-se da sua mulher e, quando chegou a casa, a primeira coisa que fez foi telefonar a seus pais.

— Olá mãe, tudo bem com vocês? - Disse Afonso. – Olha, tenho uma novidade para vos

Autora:

**Helena Isabel
de Brito e
Moura Rocha**
13 anos



contar. Acabo de ser pai. É uma menina e chama-se Rute.

A mãe ficou calada e Afonso começou a ficar desesperado, ainda faltava a parte pior, dizer que ela era de raça negra.

— Sim filho. Porque é que não nos disseste mais cedo? Tinhas medo de quê? — Perguntou-lhe a mãe.

— É que ... a minha filha é negra. A sua mãe é da raça negra e ela é igual. — Respondeu-lhe Afonso.

— Como é que, passado tanto tempo ... Tu nunca nos falaste dessa mulher? — Disse a mãe muito espantada.

— Não sei. Mas acho que foi pelo facto de ela ser negra. Tive medo que vocês não a aceitassem.

— Mas filho, as pessoas de raça negra são como nós, a sua cor não faz com que elas sejam diferentes, são pessoas com coração, sentimentos e afetos como qualquer outra pessoa. — Explicou a mãe.

— Oh mãe, estou tão contente por vocês pensarem assim. Tens que a conhecer ... é tão linda. Mal possa, vou a Portugal para vocês as conhecerem. A Leonor é a mulher mais carinhosa que já conheci e eu sou muito apaixonado por ela. — Disse Afonso, felicíssimo.

Quando Afonso desligou o telefone foi como se tivesse libertado um peso que estava sobre as suas costas. Mal podia esperar para contar a Leonor a conversa que tivera com a mãe.

No dia seguinte, Afonso foi ao hospital buscar as duas pessoas mais importantes da sua vida e levou-as para casa.

Quem és tu?

Atrás daqueles montes altos e íngremes, permanecia ainda viva uma das cidades mais antigas daquele mundo psicológico.

Era uma cidade velha, ninguém conhecia a sua história ou o seu passado. Os habitantes estavam divididos em dois povos por uma linha imaginária, tudo porque a maioria das pessoas que lá habitavam tratavam-se a si próprias de “brancos” ou “os de pele pura”. Outro povo que habitava também na cidade eram considerados em minoria como: “os negros” “os de pele de mistura”.

Os de pele pura por serem maioria, achavam-se os donos da cidade e daí decidiram que ninguém dos dois povos se podia misturar, fechando os olhos, não querendo ver a beleza que havia nas suas diferenças, abrindo-os somente para as diferenças que não queriam ver. Apesar desta divisão, algo os mantinha juntos: o governador que governava naquela cidade, o mais velho dos velhos, ganhou este cargo por uma única e exclusiva razão: o seu corpo ser metade branca e a outra metade negra. Ninguém sabia a razão deste “fenómeno” (como lhe chamavam). Muitos rumores e histórias imagináveis percorriam aquela cidade. Enquanto o Governador ouvia as “impressionáveis” histórias sobre ele que nem ele próprio conhecia, apenas esperava pela pessoa que iria mudar a opinião errada que os povos tinham sobre si e sobre os outros.

Num dia em que o sol penetrou por entre os cortinados do quarto do Governador, um cheiro a canela misturado com hortelã invadiu o quarto, acordando o Governador, que se sentiu curioso de saber onde tinha origem aquele aroma húmido e refrescante. Ao sair da cama, deu dez passos em direção à porta do quarto abrindo-a e de lá saiu. Diante dos seus olhos, pôde ver a cor mais bela que alguma vez vira numa pele. Um menino de cabelos encaracolados, pele cor de canela, descalço, encontrava-se de pé na sua sala, e tinha com ele uma caixa onde se podia ver que guardava frascos aromáticos, feitos pelas mãos de sua mãe.

O Governador muito conhecido pela antipatia, mandou o rapaz aproximar-se com um gesto dos dedos.

— Quem és tu?- perguntou o Governador com a sobrancelha franzida e os braços cruzados.

Sem obter resposta à sua pergunta, o Governador voltou a questionar o rapaz.

— De onde vens tu?- outra vez sem resposta, mas desta vez o Governador começava a ficar impaciente com este estranho rapaz.

— Que queres tu?- o rapaz parecia mesmo não querer responder. Pela última vez, o Governador questionou-o sobre o que mais desejava saber:

— Quem é que te deu essa cor?- a pergunta poderia ter parecido inocente, se as palavras não tivessem sido cuspidas em forma de desprezo total e as expressões da sua cara não fossem intimidadoras.

Após esta ultima pergunta, o rapaz virou as costas levando consigo o mistério da sua origem e a caixa que trouxera.

O Governador virou também as costas, voltando à sua vida normal, furioso e ainda mais. Passaram-se semanas desde o encontro entre o Governador e o rapaz desconhecido. Tal como as pessoas mudam, o clima também. Tinham chegado à cidade as tempestades torrenciais e as ventanias capazes de derrubar árvores ou até mesmo crianças! Ninguém se atrevia a sair de casa, mesmo quando o tempo acalmava não era fiável arriscar.

Uma pessoa terrivelmente teimosa que recusa qualquer concelho, saiu de casa porque “nada lhe podia acontecer”. Desafiando o tempo, o Governador aventurou-se colina

Autora:

**Jéssica
Ferreira
Duplito**
13 anos



acima, colina abaixo curioso de descobrir o que ninguém alguma vez tinha descoberto. Após ter caído muitas vezes na lama, ter a roupa ensopada de água e de muito esforço, tinha finalmente chegado a uma cidade, não a sua. A cidade tinha algo diferente, o sol permanecia no mesmo sítio tentando alcançar todos os cantos da cidade. O ritmo dos passos das senhoras apressadas, o correr e os gritos das crianças, as gargalhadas animadas dos senhores que se sentavam nas várias esplanadas dos cafés, naquela cidade onde eram todos negros, Sua Excelência pensou muito intrigado: o que estariam ali a fazer todas aquelas pessoas? Começou a andar, a matutar na sua pergunta e sentindo-se meio desconfortável pela sua diferença. Ao atravessar a estrada de uma rua larga, não reparou que vinham quatro rodas gigantes que suportavam um transporte a alta velocidade, e olhando para a frente pôde ver uma criança, parada no meio da estrada a observar a força das grandes rodas. O corpo do Governador manteve-se petrificado, mas o futuro que ele talvez conhecesse, podia ser catastrófico, e, de repente, uma adrenalina dentro de si cresceu, um choque deu-se nas suas pernas que apesar de terrivelmente pesadas, começaram a correr velozmente sem pararem, os seus braços abriram e aconchegaram a criança e com um salto atirou-se para o outro lado da estrada, o medo e toda a adrenalina apagaram-se quando o seu corpo pesado bateu no chão, e os seus braços muita força faziam para agarrar a criança. De repente, o passeio começou a ser invadido de gente, crianças, senhoras, senhores e idosos respiravam de alívio, com preocupação e um sorriso na cara pelo ato de heroísmo do Governador.

Ele levantou-se, pousando a criança nos braços dos pais. No meio de muitos agradecimentos e muita confusão, o Governador estranhou as pessoas não falarem da “sua pequena diferença”. Ele sentia-se sozinho naquela multidão, e uma voz sussurrou-lhe ao ouvido: “-Quem és tu?”. Olhando para o seu lado direito viu o tal rapaz misterioso que tinha conhecido semanas atrás, o rapaz tinha desaparecido a correr rua acima, o Governador seguiu-o ignorando os convites e os agradecimentos da população que agora o admirava.

O Governador correu, correu e correu até perder de vista o rapaz, e apercebeu-se que estava numa cidade, outra cidade. Aqui não presenciou tempestades ou algum sol, era simplesmente vento. Aqui as pessoas também faziam ritmo, mas desta vez eram brancos como a parte esquerda do seu corpo. As pessoas passavam por si e cumprimentavam-no, com sorrisos e sem verem diferença alguma nele. «-Mas que raio se passa com toda a gente? Não veem que eu sou diferente?». Outros pensamentos invadiam a cabeça do Governador, começou a questionar-se se os seus pais viriam daquelas duas cidades.

Outra vez a mesma voz de há bocado aqueceu o corpo gelado de frio: “-De onde vens tu?”. O tal rapaz outra vez! O Governador tentou agarrar o seu braço, mas em vão. Cansado, pensou em voltar para a sua cidade, mas não sabia o caminho e não estava com vontade de pedir indicações, por isso pôs-se a aventurar numa floresta muito parecida à que havia na sua cidade, e sem medo pôs-se a caminho.

A floresta parecia não ter fim, era uma floresta normal com árvores, plantas, pedras e alguns caminhos. O Governador já não aguentava todo aquele esforço, e ao ver uma enorme pedra onde podia descansar, correu até ela sem ver onde punha os pés, e de um momento para outro deixou de sentir o pé esquerdo, o seu corpo sentia-se leve como se estivesse a voar, mas em vez disso estava a cair! O buraco era negro e não sabia se tinha fim, a sua mão agarrou-se a um enorme pau de madeira, e os seus pulmões encheram-se de ar, os seus olhos transbordavam de desespero e a sua voz foi libertada: “-Socorro! Socorro!” Gritou repetidamente em vão. Gritava tão alto que nem tinha ouvido passos apressados a ficarem cada vez mais altos.

Uma sombra tapou o buraco por completo, o Governador apercebendo-se de tal facto, olhou para cima e viu a cara aflita do rapaz misterioso. A sua voz acalmou-se e foi substituída pela voz calorosa do rapaz: “-Que queres tu?”.

— Ajuda.- respondeu serenamente o Governador.

— Era o que eu queria ouvir...- e com isto, o rapaz fez sinal a alguém.

Eram dois homens...iguais a ele? Metade dos seus corpos negra e a outra metade branca...

Após o terem ajudado, perguntaram se ele estava bem. Os dois homens queriam levá-lo para a sua cidade, mas este recusou, aceitando o convite para uma outra vez.

— Tenho de voltar à minha cidade para mudar opiniões- declarou o Governador. E agradecendo aos dois homens e ao rapaz pela ajuda, virou as costas e quando já estava distante ainda ecoava ao longe o brado do rapaz: “-Espero que já saiba quem lhe deu essa cor!”



O racismo

O racismo é errado.
Quem o faz devia ser castigado.
Não importa a cor da pele,
O sítio de onde vens ou até aquilo que tens.

Autor:

**João Afonso
Batalha**
11 anos

Não importa a cor da pele,
Porque o valor da amizade
É a razão maior
Para a nossa identidade.

Seja qual for a cor,
Todos temos a faculdade,
De pensar e ser diferentes
Com respeito pela igualdade.



O homem invisível que falava com pássaros

Autora:

**João Afonso
Ribeiro
Costa Vilas
Boas**
12 anos

Perto da minha nova casa existia uma praceta. E da minha janela, conseguia acompanhar tudo o que ali se passava. Depressa aprendi a reconhecer cada uma das pessoas que ali passavam todos os dias. Sabia de cor os seus horários e hábitos. A senhora que ia sempre passear o cão. O menino que andava de skate. O senhor que gostava de se sentar num banco a ver quem passava, a olhar para as árvores, a falar com os pássaros. Isso era o que mais me fascinava. Escolhia sempre o mesmo banco, e esse banco ficava no recanto mais bonito da praceta. E ele parecia uma pessoa sozinha, mas feliz.

Fiquei curioso com ele. Quem seria aquele homem? Com o tempo, fui-me aproximando dele. Primeiro fazendo de conta que era por acaso, que ia a correr atrás da bola. Depois, comecei a sentar-me no banco do lado. Nunca trocávamos uma palavra, mas eu sempre sorria para ele. Até que ganhei coragem e, passadas semanas, sentei-me no mesmo banco e apresentei-me. Tive de insistir, porque pareceu-me que ele não me tinha ouvido. Nunca vou esquecer o sorriso que me fez quando lhe estiquei a mão dizendo o meu nome. Hesitante, perguntou-me se o estava a ver. Não entendi a pergunta e disse que sim, que o via perfeitamente. Aliás, que o via todos os dias da minha janela. Foi quando ele esticou a mão e disse o seu nome com dificuldade: Samuel. Ficamos amigos naquele momento.

Samuel estava reformado, e, em vez de ficar em casa, preferia ir para a praceta, ver o movimento das pessoas e das árvores. Revelou-se um grande contador de histórias. O que eu mais queria saber era se ele realmente conseguia falar com os pássaros. Algum poder especial devia ter: vivia rodeado deles, que pousavam perto dele, ou mesmo nos seus ombros.

Falou-me da sua juventude em Moçambique, da época em que vivia livre na natureza, em que os seus animais de estimação eram muitos daqueles que aqui só encontramos no jardim zoológico e, por isso, tinha aprendido a linguagem dos pássaros. Falou-me do pai que nunca conheceu, da sua mudança para Portugal há muitos anos atrás, quando a família para quem trabalhava lá teve de voltar para cá. Veio com eles para Portugal, na esperança de poder descobrir o seu pai, de quem tinha apenas uma foto: era um homem branco. Mas nunca o conseguiu encontrar. Em vez disso, decidiu seguir os seus senhores e esteve com eles até que estes morreram. Sempre o trataram como igual. Nunca deram importância à cor da sua pele. Tinha herdado o tom negro chocolate da sua mãe. Mas desde que aqueles tinham «partido», Samuel nunca mais se sentiu em casa em lugar nenhum.

Moçambique tinha ficado para trás, já não conhecia ninguém, e Portugal parecia-lhe agora um lugar estranho, onde as pessoas o olhavam de lado, com desconfiança. Tudo porque ele não era branco. Depois começou a achar que ninguém o via. Foi quando se lembrou do dia em que uma mulher se esbarrou nele e, em vez de lhe pedir desculpa, disse-lhe que ele não devia andar ali, que ele não era gente. Então convenceu-se que as pessoas não o viam por causa do feitiço que aquela mulher lhe tinha lançado, ao decidir que ele não era gente.

Um tempo depois, lembrando a primeira vez em que nos falámos, disse-me: «Aquela tarde mudou a minha vida. Se tu me conseguias ver, é porque, afinal, eu não era mais invisível. Durante muito tempo, achei que me tinha acontecido qualquer coisa estranha, porque parecia que as pessoas não me conseguiam ver. Primeiro fiquei triste, depois comecei a achar divertido poder fazer coisas que ninguém via. Passado um tempo, cansei-me e percebi que os animais me conseguiam reconhecer. Então comecei a falar com eles. Tornaram-se os meus amigos, os únicos com quem conseguia comunicar. Até que tu chegaste, por alguma razão viste-me e, ao falares, conseguiste quebrar o feitiço que aquela mulher me lançou. Foi como se tivesse voltado a nascer. Naquele dia, ao dizeres o meu nome em voz alta, voltei a ser gente de novo.»





Luta contra o racismo

O racismo é um sentimento
Negros e brancos ou cheios de cor
A sociedade cria um pensamento
Que leva todos à dor.

Autora:

**Margarida
Rodrigues**
11 anos

Pessoas que fazem este vandalismo
Pessoas que não têm coração
Que bom seria esquecer o racismo
E toda a sua discriminação.

Somos todos iguais
Cada um com a sua importância
Nunca diremos jamais
Não queremos tanta ignorância.

Precisamos de mais liberdade
Viver a vida de forma pura
Independente da sua humanidade
Da sua religião ou da sua pele escura.

Queremos acabar com o preconceito
Esta devia ser uma preocupação geral
Houver entre todos o respeito
Que nos traria facilidade global.





CATEGORIA II

Participantes entre os 14 anos e 17 anos

Ana Teresa Jorge Guerreiro

1º prémio

André Miguel Encarnação Silvestre

Beatriz do Rosário Koehler

Beatriz Guedes Sardão

Carolina Rocha Daniel

Cláudia Felisberto Pinto

Danilo Patrick de Sousa

Hetiandra de Jesus Sampaio Palmeiro

Marisa Alves Pedro

Adriana Matos Pedrosa e Sofia de Matos Pedrosa

Diana Raquel Fernandes Freitas

Não é a cor que sorri

Autora:

**Ana Teresa
Jorge
Guerreiro**
16 anos

1º PRÉMIO

Uns dentes brancos,
outros amarelos.
Olhos escuros,
mogno,
com ou sem sulcos,
não sei,
as sombras não os deixam ver.
Cabelo também escuro,
Petróleo em hélice,
de brilho baço e
e volume elétrico.
Nariz pequeno e esborrachado,
maças do rosto sem rubor.
Corpo pequeno,
mas forte,
robusto do duro trabalho.
Talvez não sei,
de algum seu antepassado,
também não o sei.
No entanto,
mesmo que os dentes fossem
não meio amarelados,
mas sim brancos como a cal,
não faria qualquer diferença.
Mesmo que os olhos fossem
verdes jardins
ou profundos oceanos
não faria qualquer diferença.
Nem que o cabelo fosse
de um loiro sujo
ou rubro de fogo,
liso e lambido,
com reflexos ofuscantes
como um espelho luzindo.
Nem que o nariz fosse
empinado e arrogante,
rodeado de rosas,
murchas e às manchas.
Nem mesmo o corpo
fosse o mais alto e esbelto,

efémero e fraco.
Nem se fosse
ou deixasse de ser,
o sorriso,
que lhe rasgava a cara,
tão belo quanto tudo
(ou talvez mais do que isso...)
se alteraria.
Simplesmente lindo e contente.
Porque,
mesmo que não fosse quem era,
que não gostassem,
que apelidos lhe fossem dados,
que sofresse,
aquele sorriso...
Ah, sim,
fosse branca,
preta,
amarela,
vermelha ou morena,
o sorriso não diminuiria,
não mudaria.
E isso única,
e simplesmente,
porque não é a cor que sorri...
É quem está debaixo da pele...





Amizade de muitas cores

Conheci no outro dia
Um menino d'Angola.
Cheguei perto dele:
«Queres jogar à bola?»

Autor:

**André
Miguel
Encarnação
Silvestre**

14 anos

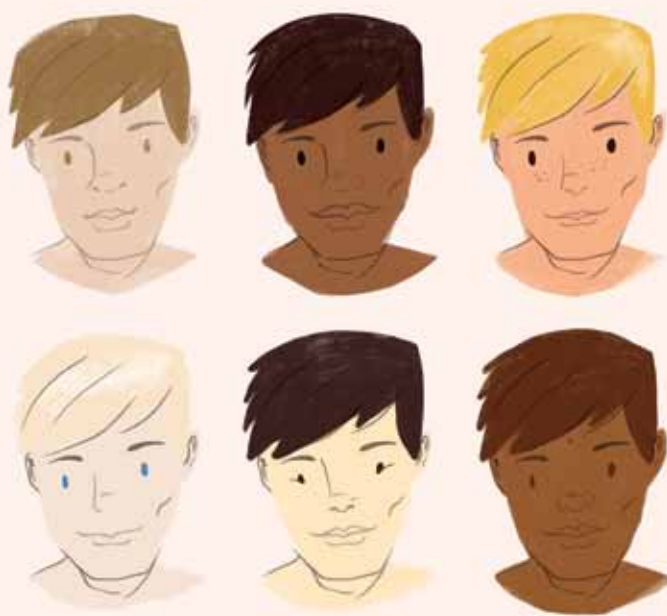
Conheci noutra dia
Um cigano a cavalo.
Cheguei perto dele:
«Eu posso montá-lo?»

Conheci no outro dia
Uma menina chinesa.
Cheguei perto dela:
«Queres sentar-te na minha mesa?»

Sem preconceito,
Sem medo,
Nem ódios!

Joguei futebol,
Andei num cavalo de verdade
Partilhei o seu rissol,
E não vivo sem amizade!

Tenho mil amigos,
Não ligo ao seu passaporte,
Só me interessa a amizade,
E vivo cheio de sorte!



Revolta

Autora:

**Beatriz
do Rosário
Koehler**
15 anos

Era um dia igual aos outros. Estava a regressar a casa depois de um dia de trabalho. Esperei o autocarro na paragem, como sempre costumara fazer. Entrei logo assim que este chegou, para conseguir um lugar sentada.

E lá estava ele. Um lugar à minha espera. Sentei-me e ao meu lado sentou-se um homem negro, muito negro, com um ar calmo e inofensivo.

O autocarro encheu e havia muitas pessoas de pé, uma das quais um homem, este branco, que olhava seriamente para o homem negro sentado a meu lado.

O homem negro ainda não tinha dado conta que o outro o estava a observar, até que a certa altura o homem branco começa a barafustar:

— Onde é que isto já se viu?! Agora os pretos já andam de autocarro?

Todos os olhares se dirigiram para ele, exceto os do tal “preto”. E eu, confesso que detestei que ele tivesse dito aquilo.

— Como é que é possível? Pretos sentados e eu de pé? Os pretos não deviam entrar aqui! - gritava o homem, mostrando-se indignado e deixando o autocarro em alvoroço.

O homem negro não reagia. Eu notava mágoa no seu olhar.

A mim fervia-me o sangue. «Devo fazer alguma coisa?» — pensava — «Tenho de fazer alguma coisa».

Perguntei ao homem se queria que o ajudasse.

— Obrigado, mas não. O melhor é ignorar, não quero arranjar confusão.

E o outro continuava a agir da mesma forma, sem se calar com aquelas detestáveis bocas. E cada vez eram piores e mais horríveis, e mais tudo.

Os restantes passageiros não se manifestavam, pareciam não se importar, ou até mesmo concordar, trocando apenas opiniões uns com os outros.

Eu começava a perder a cabeça. Ninguém merece ouvir aquilo e ninguém tem o direito de o dizer seja a quem for. Decidi intervir:

— O senhor desculpe, mas acho que não está a ter uma atitude correta! Aqui todos temos os mesmos direitos! Ou pensa que alguém, lá por ser de cor diferente, tem menos direito de se sentar que o senhor?

O autocarro inteiro olhou para mim.

— Você não tem moral nenhuma para falar dessa maneira nem para julgar alguém por não ser igual a si. Que indecência! — continuei.

O homem negro continuava sem olhar para o outro. Este último não me respondera, até que, do nada, solta uma gargalhada.

Cada vez o julgava mais estúpido.

— Samuel? — diz.

O homem negro virou, finalmente, a cara para o homem branco, reconhecendo-o.

Os dois desataram a rir. O negro levantou-se e esticou o braço ao outro, que, pelos vistos, era seu conhecido e parecia estar apenas numa tentativa de brincadeira ou picardia. Engoli em seco e pedi desculpa pelo mal-entendido.

Se fiz figura de parva? Não. Figura de parvos fizeram todos aqueles que não se impuseram perante aquela situação que, se fosse “real”, era uma situação grave e vergonhosa.

Em pleno século XXI, quando dizem que a sociedade já está tão avançada e que o racismo é coisa do passado, fui a única pessoa no meio de tantas que tomou a iniciativa após uma atitude racista e preconceituosa. Talvez muitas das pessoas presentes no autocarro admitam não ser racistas e ser contra a discriminação, mas depois do que aconteceu, percebi que, afinal, estas situações são ainda muito comuns e são poucos aqueles que se impõem. — pensei, para mim.

O homem branco acabou também ele por me pedir desculpa, saindo do autocarro com o homem negro, deixando-me a pensar naquele acontecimento.



A esperança é sempre a última a morrer

Autora:

**Beatriz
Guedes
Sardão**
15 anos

Quando pensamos que a nossa vida será sempre igual, sempre monótona, sempre deprimente, sempre sombria, sempre dolorosa, quando menos esperamos que a qualquer momento o nosso destino possa mudar, é quando tudo fica diferente, quando uma estrela começa a brilhar, quando o sol nasce, quando a lua ilumina a noite, quando as pessoas nos aceitam como somos, quando nos tornamos alguém. Alguém...

Sempre pensei que a minha vida não pudesse mudar, sempre pensei que iria sofrer para a eternidade. Mas eternidade é muito tempo e o mundo acaba por nos recompensar por tudo o que sofremos. Neste momento, pensando bem, acho que se não sofresse tudo o que sofri, não seria a pessoa que sou hoje, não seria reconhecido, não seria amado, não saberia amar.

A dor perseguiu-me durante dias, semanas, meses, anos. Esteve sempre lá, no meu coração. Eu podia parecer feliz por fora, mas, na verdade, o meu coração estava magoado, as minhas emoções estavam misturadas, os meus sonhos estavam apagados.

A vida é feita de desafios, obstáculos, dificuldades, mas, principalmente, dor. Tudo o que podemos fazer para continuar a viver é aprender, aprender a viver. Dito assim, pode parecer estúpido, mas acreditem, é verdade. Ao longo da minha vida, aprendi que temos de pegar na dor, no sofrimento, no medo e transformá-los em algo bom, em felicidade, em amor, em coragem.

Estou no fim do meu percurso, já vivi tudo o que tinha a viver, sofri tudo o que tinha a sofrer, amei todos do fundo do meu coração, guardei memórias que jamais esquecerei.

O meu único desejo era tornar-me num líder, defender as pessoas iguais a mim, que sofreram o mesmo ou até mais que eu. As lágrimas humedecem a minha face quando penso que o consegui concretizar. O meu coração aquece por dentro, as memórias, o passado, as recordações...

Por vezes, desiludi muita gente e sinto que este é o momento certo para pedir desculpa a essas pessoas. Sem elas, eu não conseguiria sobreviver.

Vivi anos e anos sem amigos, sem alguém com quem falar. Isso é a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa. Nós pensamos que conseguimos viver sozinhos, apenas conosco próprios, mas a vida não é bem assim. Os amigos ajudam-nos a ultrapassar os obstáculos, os amigos transformam as pedras da vida em borboletas, os amigos transformam as tempestades em bonitos dias de primavera, os amigos transformam as mágoas em incentivos e coragem, os amigos fazem parte de nós. E é por isso que sem ela eu não conseguiria: Anabelle.

(...)

Querido Diário,

Outro dia, outro sofrimento! Mais um dia de escola, mais um dia no Inferno.

Saí de casa sem tomar o pequeno-almoço e fui a pé para a escola, como todos os dias. No caminho para a escola, um rapaz vinha atrás de mim, a seguir-me. Tentei abstrair-me, mas ele continuava atrás de mim. Parei, olhei para trás, porém não tive coragem de o enfrentar.

— Oi, Martin! Tudo bem?! – disse o rapaz, ironicamente.

— Sim, eu só estava a ir para a escola... - respondi, timidamente.

— Vocês pretos nem sequer deviam ter direito à educação!



Quando ele disse isto, desatei a chorar, o que só piorou a situação, uma vez que ele continuou a insultar-me e a gozar por eu ter começado a chorar. Depois, chamou os seus amigos.

— Ei, Tom, Dan, venham ver isto...

Os outros dois rapazes aproximaram-se de mim e começaram a bater-me. Eu sentia continuamente os punhos deles no meu rosto, os seus pés na minha barriga. Não me conseguia defender, fiquei demasiado fraco. O sangue jorrava do meu nariz, a minha cabeça latejava, já não sentia o meu corpo.

Mal eles se aperceberam que eu estava quase a desmaiar, desataram a correr. A única coisa que eu tinha a fazer era recuperar as forças e chegar à escola. No entanto, eu estava demasiado fraco e o percurso até à escola foi doloroso e demorou mais do que eu esperava. Quando cheguei, fui à casa de banho, limpei a cara e dirigi-me rapidamente para a sala de aula. Entrei, e a professora disse:

— Martin, outra vez atrasado? O que se passa contigo? Vá, senta-te, rápido. Íamos agora começar a aula.

Obedeci e sentei-me. Na minha secretária estava um papel. Abri-o, lentamente, com medo do que pudesse estar lá escrito.

«Então, gostaste? A nós soube-nos tão bem...»

Naquele momento, só me apetecia chorar, mas não podia, não podia demonstrar as minhas fraquezas em frente à turma toda, iriam gozar todos comigo.

As aulas foram o mesmo de sempre: aborrecimento, medo, dor, dor, dor.

Logo que as aulas acabaram, fui para casa, para fugir aos rapazes que me atacaram de manhã. Cheguei a casa, não tinha fome, por isso fui-me deitar. Porém, nem à noite o sofrimento desaparecia. Pensei que se dormisse, a dor desaparecesse, mas não era assim tão fácil. O sofrimento e o medo do que pudesse acontecer no dia seguinte não me deixavam adormecer. Os meus dias eram assim... Todos os dias vivia com medo do que pudesse acontecer no dia seguinte.

As semanas passaram e o meu medo era cada vez maior. Viver com medo é a pior coisa que nos pode acontecer. É-nos difícil pôr um pé em frente ao outro, dar um passo, devido ao medo de poder existir um buraco no chão que nos faça cair para um abismo.

Eu continuava a chegar atrasado, não fazia os trabalhos de casa, era constantemente atacado e magoado, não comia.

Quando me olhava ao espelho, assustava-me com a minha própria figura. Os meus olhos estavam cansados, o meu corpo estava magro. Mas o que mais me incomodava era olhar-me nos olhos, em frente ao espelho, e ver uma pessoa triste, zangada com a vida. Os meus olhos eram negros, refletiam o medo que eu vivia.

Numa noite de inverno, deitei-me no pequeno jardim em frente à minha casa velha e estragada, com o telhado a cair e as paredes pintadas de branco sujo. E escrevi, escrevi, escrevi. Como não tinha ninguém com quem falar, a escrita era o que mantinha a minha esperança.

Querido Diário,

Sinto a falta dos meus pais. Era mais fácil sobreviver com eles por perto. Sinto falta do sorriso da minha mãe, sinto falta da força do meu pai. O apoio deles ajudava-me a vencer os meus medos e a enfrentar os que me magoavam. Contudo, sinto mais falta da minha irmã, daqueles olhos azuis de esperança, de vontade e de coragem. Sinto falta das

nossas brincadeiras e das nossas conversas. Agora vivo sozinho numa casa que está prestes a ruir... Tenho medo, medo do que possa acontecer... Já perdi todos os que amo, não posso perder o sítio onde vivo. Para onde vou morar??? O meu tio continua a visitar-me todos os meses para saber se está tudo bem, mas sinto que ele não se importa realmente com isso. Os professores continuam a avisar-me para não chegar tantas vezes atrasado, nem se apercebem das feridas que carrego comigo todos os dias no meu coração, nem veem as pisaduras e as cicatrizes que permanecerão para sempre na minha face. Não se apercebem ou não querem saber... Estou a um passo de deixar de lutar, a um passo de desistir, a um passo de deixar este mundo...

No dia seguinte, não me apetecia acordar, ao menos em casa ninguém me magoava. No entanto, não podia assistir a mais uma humilhação por parte dos professores, por isso recuperei as minhas últimas forças, levantei-me, vesti as minhas roupas velhas e esburacadas e saí de casa. As minhas sandálias cada vez mais me magoavam a andar e os meus pés continuavam a sangrar.

Subitamente, ouvi gargalhadas e pensei: “Outra vez não!”.

— Olá Martinzinho... Estou com fome, vocês não estão rapazes? – dirigiu-se aos seus companheiros.

Eles acenaram que sim e roubaram-me a última fatia de pão que eu tinha. O dinheiro que o meu tio me mandava dos Estados Unidos não era suficiente para comprar muita comida e roupa, por isso eu vivia quase na pobreza.

— Continuas a ir à escola? Eu já te disse que pessoas da tua cor não são aceites aqui. Ninguém te quer ver na escola. Nós odiamos-te.

Ódio. Aquela palavra que me perseguiu durante toda a vida. As pessoas repetiam todos os dias que me odiavam. Depois de a minha família morrer, nunca mais ouvi dizer que me adoravam. Adoro-te. Aquela palavra que dizem que nos enche o coração...

Eu não podia suportar mais aquilo. Desatei a correr até à Ponte do Desespero. Logo que cheguei, apoiei-me no parapeito da ponte e olhei o horizonte. Depois, imaginei: será que eu iria conseguir chegar ao horizonte, será que eu iria alcançar o meu destino? O meu coração já estava tão negro, as minhas mágoas já não desapareciam, mais valia acabar com a minha vida ali e naquele momento. Ninguém iria sentir a minha falta... Era um favor que eu fazia a mim próprio e aos que me rodeavam.

Passsei um pé para o outro lado do parapeito, inspirei o que eu pensava ser o último ar e suspirei. Passsei o outro pé e quando estava prestes a atirar-me para a água gelida e asquerosa, ouvi um grito.

— Ei, o que estás a fazer?

Apanhei um susto e quase que caía. Comecei a tremer tanto que era difícil segurar-me.

— Sai daí, não saltes. Vamos falar...

Quem falava comigo era uma rapariga alta, com cabelos de ouro, olhos azuis como o mar sereno e transparente e pele tão branca como um perfeito floco de neve.

— Tenho vivido toda a minha vida a suportar os vossos comentários, a sentir-me inferior, a sentir-me ninguém. Ninguém me quer neste mundo, mais vale acabar com a minha vida.

— Não, por favor, não saltes. Faz isso por mim! Eu não te quero fazer mal, só te quero ajudar. Vá, dá-me a tua mão.

Agarrei a mão dela com toda a minha força e ela ajudou-me a voltar até ao outro lado.

Quando eu já me encontrava são e salvo, ela abraçou-me e sussurrou:

— Vai correr tudo bem, eu vou ajudar-te a ultrapassar esta fase da tua vida. Vá, leva-me a tua casa.

— Não, não, eu vou sozinho. Não te preocupes.

— Eu só quero ajudar-te. Por que não me deixas ajudar-te?

— Tenho medo, estou aterrorizado. Nunca ninguém alguma vez me quis ajudar. Muito menos...

— Muito menos uma pessoa de raça branca. Sim, eu compreendo – terminou ela o meu pensamento.

— Não, não compreendes. Batem-me e insultam-me diariamente, vivo sozinho, não sei o que fazer. Tudo devido ao racismo...

— A minha melhor amiga, Elisabeth, suicidou-se. Ela era a pessoa mais compreensiva e amiga que eu conhecia. Mas as pessoas insultavam-na, magoavam-na, simplesmente por ela ser de raça negra. Um dia, não aguentou mais e acabou com a vida dela e com parte da minha também. Por isso, não penses que és único. Há muitas pessoas, neste momento, na mesma situação que tu.

— Desculpa, eu não sabia...

— Não faz mal. Mas tens de perceber que se desistires de lutar, não vais dar o exemplo. Se desistires, outros na mesma posição que tu vão desistir e vocês não poderão defender os vossos direitos e não conseguirão demonstrar a vossa igualdade relativamente às outras pessoas.

— Eu sei, mas é tão difícil. Eu passo dias inteiros a lutar, mas às vezes sinto-me exausto e só quero acabar com tudo isto.

— Eu percebo, mas eu vou-te ajudar, se me deixares.

— Sim...

— Ok, então, vá, leva-me até tua casa.

— A minha casa está em muito más condições. Não estou pronto para te levar lá. Mal te conheço...

— Hmm – pensou – Então, segue-me, eu conheço um lugar que vais adorar.

— Mas já está a escurecer...

— Não tenhas medo, vá, anda.

Depois de todos os incentivos, ela convenceu-me e eu segui-a. Para dizer a verdade, eu estava cheio de medo, ainda não sabia o nome dela, não a conhecia de lado nenhum... Mas havia uma luz misteriosa nos seus olhos que me fazia acreditar que ela era de confiança.

O caminho foi longo e, quando chegámos, já era quase de noite. Olhei em redor, tentando perceber onde me encontrava. Uma floresta, parecia uma floresta encantada. As árvores rasgavam os céus, pássaros de todas as cores pousavam nos ramos mais altos, o céu estava repleto de estrelas resplandcentes e as cotovias cantavam belas rapsódias encantadas.

Eu estava completamente deslumbrado com aquela maravilha. Parecia outro mundo, parecia que todos os meus problemas haviam desaparecido. Penso que, pela primeira vez, desde há muito tempo, sorri.

— Eu sabia que irias gostar. Agora, deita-te.

Ambos nos deitámos e olhámos para as estrelas que iluminavam o céu negro da noite.

- Com o que aconteceu na ponte, nem tive tempo para te perguntar como te chamas.

- disse a rapariga.

- Martin.

- A sério? Eu sou a Anabelle.

- Sim, os meus pais deram-me este nome por causa do Martin Luther King Jr.

- Isso é que é uma honra.

- Pois, mas eu não sou tão forte como ele.

- A força constrói-se ao longo dos anos e o mais importante é continuar a andar para a frente sem medo do que possa acontecer.

- Pois, falar é fácil.

- Vá, mas não pensando mais nisso. A tua família sabe que estás aqui?

Tentei conter as lágrimas, mas era impossível.

- Eu não tenho família. Há dois anos, houve um tiroteio devido a uma discussão entre brancos e negros. Os meus pais e a minha irmã morreram. Só eu consegui sobreviver. Todos os dias penso: “Porquê eles e não eu?”.

— Lamento as tuas perdas.

— Obrigado. Mas, e tu?

— E eu, o quê?

— A tua família...

— Eu fugi de casa...

— O quê?!

— Os meus pais não me compreendem, só me deixam andar com pessoas com o mesmo tom de pele que eu... São demasiado controladores.

— A família é o que faz de nós o que somos. Quando os meus pais ainda eram vivos, eram eles que me ajudavam a viver cada dia, eram eles que me davam força. Tens de falar com eles, tentar perceber a opinião deles e fazê-los ouvir a tua opinião também.

— Sim, sim... - disse, Anabelle, sarcasticamente.

Passamos o resto da noite a olhar para as estrelas e a falar sobre as nossas experiências de vida. Anabelle adormeceu rapidamente e eu peguei na minha mochila e tirei de lá o meu diário.

Querido Diário,

Hoje conheci uma pessoa muito especial. Eu estava prestes a acabar com a minha vida e ela salvou-me. Anabelle. Anabelle. Que nome tão bonito! Ela levou-me a um lugar espantoso, encantador, onde todos os meus problemas se desvaneceram. Aqui parece tudo perfeito, não há insultos, pessoas rudes, não há problemas. Acho que finalmente fiz uma amiga. Bem, agora vou dormir. Amanhã é um novo dia!

Pousei o diário e adormeci. No dia seguinte, quando acordei, Anabelle havia desaparecido. Na relva verdejante e húmida, estava um papel cuidadosamente embrulhado. Abri-o e lá estava escrito: «Encontramo-nos às cinco horas na Ponte Wilsbury. Desta vez, tenta não te apoiares no parapeito».

Ri-me. Fui a casa, peguei nas coisas para ir para a escola e fui a correr. Quando cheguei, a professora ainda não estava na sala. Sentei-me no meu lugar e fiquei à espera. Passados cerca de cinco minutos, a professora chegou e disse:

— Martin, hoje chegou cedo... Tenho de lhe dar os parabéns.

O dia começou bem e, como combinado, às cinco horas fui encontrar-me com a Anabelle. Ela estava sorridente e cumprimentou-me.

— Já me sinto preparado.

— Preparado para quê? – inquiriu Anabelle.

— Já estou preparado para te mostrar a minha casa, a minha vida.

Anabelle ficou contente com o convite e dirigimo-nos para a minha casa, se é isso o mais correto para lhe chamar.

— Esta é a minha casa. O telhado está quase a desaparecer, as paredes estão sujas, as janelas partidas, mas esta é a minha casa. Aqueles riscos nas paredes são os desenhos que eu fazia com a minha irmã. Aquele monte de ervas no jardim foi onde enterrámos o nosso cão. As janelas partiram-se porque a minha irmã era muito desastrada a jogar à bola. Pode estar toda partida, mas continua a ser a minha casa.

— Tenho saudades da minha casa.

— Devias voltar. Os teus pais devem sentir a tua falta.

— Não posso...

De repente, um homem sinistro aproximou-se.

— Esconde-te. – mandou Anabelle.

— O quê?

— Há cartazes com a minha fotografia por toda a cidade. Eu não quero que ninguém me veja. Se alguém telefonar à minha mãe, ela vem-me buscar e eu não quero ir embora. Eu quero ficar aqui contigo, tu és meu amigo, tu compreendes-me, ao contrário dela.

O seu discurso sobre mim comoveu-me, por isso obedeci e escondi-me com ela.

O homem pegou no telemóvel, enquanto olhava para um dos cartazes. Provavelmente, estava a observar o número de telemóvel da mãe de Anabelle, para lhe telefonar a dizer onde estávamos. Tínhamos sido apanhados.

— Oh, não! Ele descobriu-nos... Vá, agora, não te atrevas a falar.

Escondemo-nos atrás de uma árvore e esperámos pelo melhor. Subitamente, uma mulher e uma silhueta que parecia de um polícia aproximaram-se. Olharam para a árvore e viram o meu pé.

— Filha? – perguntou a mulher.

— Mãe... - disse Anabelle.

— O que é que estás a fazer com esse rapaz? Vocês não deviam estar juntos.

— Qual é o mal? Ele é simpático, compreende-me...

— Viste o que aconteceu à tua amiga. Junto a gente dessa raça só acontecem desastres.

— Tu não tens o direito de falar assim da Elisabeth. Odeio-te.

Mal a mãe de Anabelle ouviu isto, agarrou no braço dela e levou-a. O polícia, quando viu que tudo se resolvera, ou pelo menos ele pensava que sim, também se foi embora.

Durante uma semana inteira não ouvi notícias de Anabelle e a minha vida começou a piorar novamente. Comecei a ser outra vez vítima de insultos e pontapés.

Querido Diário,

Só me apetece chorar... Nunca mais vi a Anabelle desde aquele incidente em minha casa. Por que é que a nossa sociedade é tão racista? O racismo destrói pessoas, destrói amizades, destrói o amor. Por que é que não podemos todos aprender a viver como gente civilizada, como amigos? A vida seria muito mais fácil!

Bem, belo discurso, pena não o conseguir dizer em voz alta... Dizem que “a esperança é sempre a última a morrer”. Será? Acho que tenho de continuar a lutar. Pela Anabelle. Pelos meus pais. Pela minha irmã. Por mim...

Continuarei, todos os dias, o meu caminho normal para a escola. Num dos dias, o que eu mais temia aconteceu.

— Oi, então a tua amiguinha desapareceu? Oh, deixou-te sozinho... Tu metes-me nojo. Já devias saber que pretos e brancos não se misturam... - disse o rapaz habitual.

— O quê? O que é que estás a insinuar? Por que é que vocês não percebem. Eu sou igual a vocês. - tentei defender-me.

— Igual a nós. Tu não te comparas a nós...

A certa altura, o rapaz pôs a mão no bolso e tirou uma arma. Depois, apontou-a diretamente para mim.

Comecei a tremer e quanto mais tentava proferir palavras, menos elas saíam. Tentei fugir, mas as minhas pernas não se moviam. O rapaz colocou o dedo no gatilho...

— Ei, tu aí. Nem te atrevas!

— Anabelle, o que estás aqui a fazer?

— Estou a ajudar-te. Estes estúpidos não te vão magoar. Anda para trás de mim.

— Olha, olha. A namoradinha veio para o salvar...

Como eu não me conseguia mover, Anabelle pôs-se à minha frente.

— Antes de o matares, tens de passar primeiro por mim. - enfrentou-o, Anabelle.

— Ok. - e premiu o gatilho.

Anabelle caiu nos meus braços e os rapazes desataram a correr. O seu sangue percorria os meus braços e ela disse as suas últimas palavras:

— Tu vais conseguir, tu vais ser um líder, tu vais ultrapassar isto. Adoro-te!

Depois, fechou os olhos e a sua pele tornou-se ainda mais branca. Eu caí no chão e desatei a chorar. As minhas lágrimas molhavam a face de Anabelle. Pouco tempo depois, chegaram os políciais, os médicos e outras mil e uma pessoas. Eu tinha de fugir daquilo tudo, por isso fui até à floresta encantada observar as nuvens. Deitei-me e peguei no diário.

Querido Diário,

Isto foi longe de mais. Devido ao racismo, Anabelle morreu, a minha única amiga. Por que é que todos os que eu amo têm de morrer? Por que é que nunca sou eu? A minha vida é miserável, eu já não consigo lutar mais. Quando recupero de novo as minhas forças, magoo-me outra vez. Eu já não posso mais, não aguento.

É desta, desta vez é a sério. A minha vida acaba aqui, já não tenho futuro, não tenho destino, não sou ninguém.

Não, não, não! Eu tenho de continuar a lutar. Pela Anabelle...

No funeral de Anabelle, ganhei forças e fiz o melhor discurso da minha vida. Muitas pessoas ainda hoje dizem que fui um verdadeiro Martin Luther King.

— Por que é que a nossa sociedade é tão racista? O racismo destrói pessoas, destrói amizades, destrói o amor. Por que é que não podemos todos aprender a viver como gente civilizada, como amigos? A vida seria muito mais fácil! Hoje, uma pessoa inocente morreu devido a todo o racismo, ao ódio que sentimos uns pelos outros... Por que é que temos de fazer distinções de raças. Nós somos todos iguais, todos humanos. Todos temos direitos: direito à educação, direito a uma habitação, direito a uma família, direito à amizade, direito ao amor e, principalmente, direito à vida. A minha vida toda vivi com medo, medo de falar, medo de andar na rua, medo de morrer. Todos os que amo morreram. Eu não tenho família... A minha única amiga era Anabelle. Ela salvou-me, fez-me ver que a vida vale a pena, fez-me lutar pelos meus direitos e pela minha vida. E vocês, vocês e o vosso racismo, tiraram-me a única coisa que me fazia feliz, que me incentivava a lutar. Eu estou aqui a falar para vocês porque eu não sou o único a viver esta situação. Todos os dias milhares de jovens são vítimas de racismo. Esta palavra nem sequer devia existir. Temos de unir forças e tentar viver como iguais, sermos todos amigos e ajudarmo-nos uns aos outros. E não se esqueçam: “A esperança é sempre a última a morrer.”

Começaram todos a aplaudir e eu fiquei emocionado. A partir daquele dia, fizeram-se campanhas, cartazes, associações contra o racismo. Os responsáveis pela morte de Anabelle foram presos e a minha nova vida começou.

Logo após o funeral de Anabelle, fui falar com a mãe dela:

— A sua filha fez-me voltar a acreditar em mim mesmo. Incentivou-me a lutar e a defender as minhas ideias. Também me ajudou a confiar mais nas pessoas e a dizer o que sinto. A sua filha é uma heroína...

— Foi... - disse a sua mãe.

— Não, é. É, e sempre será. Anabelle, para mim, é imortal e ficará para sempre no meu coração.

— Eu devia tê-la ajudado mais. Devia tê-la apoiado quando Elisabeth morreu. Fui uma má mãe, não fiz o que devia ter feito. Devia ter-lhe dito mais vezes que a amava... Sinto-me tão arrependida... - pegou-me nos braços e abraçou-me.

Eu segredei-lhe:

— A sua filha é uma heroína. É forte, determinada e amiga. Ela herdou isso de alguém, de si. As pessoas cometem erros, isso apenas as torna humanas. A senhora cometeu um erro. Isso fará com que nunca mais cometa o mesmo erro.

— Espero que sejas muito feliz. Mereces ter uma família e uma vida digna. E desculpa-me, desculpa por tudo o que te fiz passar e por tudo que te disse.

— Eu perdoo-a, porque o perdão é o mais importante durante a nossa vida. E, não se esqueça, a memória da sua filha ficará para sempre em todos os nossos corações e, de certeza, que no seu também.

— Muito obrigada por essas palavras. Eu realmente precisava.

Abraçámo-nos, novamente, e a mãe de Anabelle afastou-se.

Os dias passaram, foi ficando cada vez mais fácil lidar com a morte de Anabelle, conheci uma nova rapariga, casei e tive dois filhos: uma rapariga e um rapaz. A minha vida finalmente começava a recompor-se. Todos os dias defendi os meus filhos e disse-lhes que a cor de pele deles não os devia impedir de fazer o que quisessem, deveriam defender sempre os seus direitos e, principalmente, deviam ter o direito de amar.

Querido Diário,

Estou nesta cama de hospital e, finalmente, sinto que fiz tudo o que podia para defender os que mais amo. A minha vida termina aqui, é um final de um capítulo. Já não tenho receio do amanhã. Tenho a certeza que os meus filhos vão continuar a travar o racismo e a defender as suas ideias.

Esta doença dá cabo de mim, mas o amor que sinto pela minha mulher e pelos meus filhos é maior do que qualquer sofrimento.

Eu fui um líder, defendi o que acreditava, eu dei uma vida boa à minha família.

Só me arrependo de uma coisa: Anabelle. Por que é que eu não a salvei? Por que a deixei ficar à minha frente? Ela não merecia aquilo. Morreu demasiado cedo. Todos os dias vivi com essa culpa dentro do meu coração. O meu coração voltou a ser vermelho, mas essa mancha negra continuava lá, a assombrar-me...

— Pai, o que se passa? – perguntou a minha filha.

— Nada, nada... Estava só a escrever no meu diário.

— Sobre o quê?

— Anabelle...

— Papá, não te podes massacrar com isso. Todas as pessoas têm um destino, um futuro. O destino de Anabelle era ajudar-te. De certeza que ela não queria que vivesses com essa culpa. Pai, se não fosse a Anabelle, talvez não te terias casado, não nos terias a nós e viverias para sempre na solidão e no abismo. Ela ajudou-te a tornares-te num líder, num exemplo a seguir. TU és o meu exemplo...

Depois de ouvir a minha filha a dizer isto, senti um calor no coração, a mancha negra desapareceu. Eu estava pronto para morrer em paz e sem remorsos.

Por isso, fechei os olhos e fui ter com Anabelle à floresta encantada.

O Velho

Na sombra de uma amoreira negra uma casa modesta destacava-se das outras.

No Quintal viviam várias famílias, repartidas pelas cinco pequenas casas brancas, muito bem arranjadas que todas as tardes se enchiam de vida com as crianças a cantar e a brincar.

Através da sua janela uma criança observava curiosa aquela casa. A pele escura fora a primeira coisa em que ela reparara na aparência do estranho homem. Era velho, tinha a pele muito enrugada, como uma folha deixada ao Sol, mas as suas mãos eram o que mais encantava a rapariga.

Aos fins de semana, a pequena criança gostava de ficar sentada à janela a observar o senhor. Para ela, ele era mágico porque conseguia transformar blocos de madeira em estatuetas variadas que podiam ir desde bonecas a castelos, todos eles muito bem trabalhados e ornamentados.

O velho era uma pessoa calma, paciente que desbastava a madeira como o tempo fizera à sua pele, com calma, a marcar cada ruga, cada traço, uns mais fortes, outros mais leves, até que finalmente a estatueta estava pronta. Quando acabava de a esculpir, colocava-a à janela e olhava para cima, como se conseguisse ver a criança que o observava e piscava-lhe o olho.

Na realidade, o velho não piscava o olho à criança que o observava de um segundo andar, mas sim para o céu na esperança de que, onde quer que o filho estivesse, conseguisse ver que ele continuava a tentar cumprir a promessa.

A cor da sua pele levava a que todas as pessoas que viviam no Quintal o tratassem com desconfiança e receio do que ele poderia fazer. Temiam-no. Mas mais que tudo, era o velho que os temia. Solitário, resmungava para os seus botões que não entendia a razão para tanta desigualdade.

A criança, apesar de ser muito nova, já vivia rodeada de desigualdade e todos os dias estava exposta a comentários racistas.

O pai da pequena nutria um ódio incompreensível em relação às pessoas de raças e crenças diferentes da sua. Ele tentava ensinar à filha que as pessoas que possuíam outro tom de pele e outras religiões eram impuras, pessoas com quem não valia a pena desperdiçar tempo e dinheiro, que tais pessoas não deviam viver...

Ela ignorava, fingia que não ouvia. Apesar de achar o pai um homem muito inteligente, a pequena não tinha muita certeza se o pai seria urna pessoa muito equilibrada a nível mental. Sem ele saber, ela chamava-lhe «louco». E contra as regras impostas pelo pai, a criança, depois de vir da escola, ia para o Quintal brincar com as outras crianças.

E assim, lentamente, a criança foi-se aproximando da casa do velho para observar as obras de arte que ele criava.

O velho sabia que a pequena estava à sua janela a observar o seu trabalho, mas mantinha-se quieto, deitado na cama com os lençóis amarelados, com um olho aberto e outro fechado, à espera da melhor altura para conhecer a sua pequena admiradora.

Mas esse dia tardava.

O velho ficou mais velho e adoeceu.

Deixou de criar os seus mágicos brinquedos e a sua janela perdeu o brilho. Deitado na sua cama, o velho tinha pesadelos terríveis nos quais via o seu filho muito dececionado com ele, por nunca ter sido capaz de comunicar com o mundo exterior desde a sua morte. Mas mais triste estava o filho por ele não ser capaz de se levantar e cumprir a sua promessa.

Autora:

**Carolina
Rocha
Daniel**
16 anos



Antes do seu pequeno filho ter morrido, o pequenote pedira ao pai que lhe promettesse que nunca iria parar de fazer o que ele mais amava — fazer brinquedos para crianças e vê-las sorrir e dar vida a objetos inanimados.

Todas as manhãs o velho acordava coberto de suores frios, com as lágrimas nos olhos e um aperto no coração.

A pequena nunca mais vira o velho, curiosa e preocupada, foi ver o que se passava, Parou debaixo da amoreira e espreitou à janela. As estatuetas e os brinquedos de madeira estavam cobertos de pó e, no fundo da casa, o velho repousava na sua cama. A criança, ao ver o mágico dos seus sonhos naquele estado, correu a casa a chamar o pai. Este recusou-se a ajudar e proibiu a criança a voltar- a aproximar-se da casa do velho.

Mas quem conhece bem crianças, sabe que o que elas mais gostam de fazer é quebrar regras. A menina juntou os seus melhores lápis e a sua imaginação e fez um bonito desenho ao velho. Ela sabia que não era muito, mas era um pequeno presente para o fazer sentir melhor.

No dia seguinte, voltou à casa do velho. Estava um belo dia de Sol e este tinha acordado cheio de forças como, se de repente, a sua velha pilha gasta tivesse sido miraculosamente recarregada. Então, abriu a porta para deixar o calor entrar e abraçar aquela casa bafenta que estivera fechada durante vários dias.

A criança chegou à porta do velho, e envergonhada bateu. O velho olhou para ela e sorriu com os seus dentes brancos a contrastarem com a sua pele escura. Ela esboçou um sorriso acanhado pela vergonha e entregou o desenho.

— Oh, mas que belo! É para mim? — Perguntou o velho.

A criança acenou e ele pendurou o desenho no placar, ao lado da sua janela. A pequena peça de arte da menina representava-a a ela e ao velho, rodeados de crianças dos mais variados tons de pele, todos de mãos dadas. Tal como a criança esperava ver o Mundo, um dia.

Nessa tarde, o velho voltou a ter urna nova vida, uma nova força. Sentiu que cumprira a sua promessa quando entregou urna boneca de macieira à pequena criança que abraçou aquele boneco inanimado, dando-lhe vida.

Infelizmente, os anos passaram. A criança cresceu e o velho morreu. O desenho, no entanto, continua pendurado junto à janela e a boneca continua a brincar nos braços de uma criança.

Ideias que mudam, verdades que permanecem

Nessa tarde, estava sentado no meu cantinho da casa, onde se encontra maior parte das coisas que me são indispensáveis, como a minha televisão onde vejo os jogos do grande Glorioso e o meu rico sofá onde me sento e leio o jornal todos os dias, quando chega de mais um grande e cansativo dia o meu filho Gil.

— Pai, achas que o meu amigo Kiko pode vir à nossa casa para brincar comigo?-perguntou-me o meu filho.

— Claro, não vejo problema nisso, mas primeiro vê se falas com a tua mãe.- respondi.

Fiquei tranquilo na altura, pois não era a primeira vez que o meu filho me pedia que um amigo dele viesse cá a casa. Continuei a ler o meu jornal, descansado da vida.

No dia seguinte, cheguei a casa de mais um longo dia de trabalho quando me deparou com o meu filho e o seu amigo Kiko a brincar no quintal. Não podia acreditar, o Kiko era um rapazinho de cor. Nunca me vi como sendo uma pessoa racista mas, a verdade é que me incomodou o facto ver o meu filho a brincar com uma criança de cor. Não disse nada, pois não queria estar a falar à frente da criança, mas tinha de ter uma conversa muito séria com o Gil.

Quando o Kiko se foi embora, chamei o meu filho à parte e disse-lhe:

— Gil, não quero que convides outra vez o Kiko para vir cá a casa. Percebes?

— Mas pai.... Ele é meu amigo! E, acima de tudo, eu gosto de brincar com ele. - disse-me muito indignado.

— Não quero saber Gil, faz o que eu te digo!- exclamei.

Fiquei a pensar o dia todo sobre este assunto e senti que fiz o que estava certo. O meu filho não se podia dar com pessoas de cor e isso era inquestionável.

Como era hábito, o meu filho foi fazer queixinhas à minha mulher e, como é óbvio, esta veio falar comigo.

— José, o Gil veio dizer-me que não querias que o Kiko viesse brincar com ele nunca mais. Mas

que mal é que a pobre criança te fez? É apenas uma inocente criança...- disse-me ela indignada.

— Ora, eu tenho as minhas razões... -respondi-lhe.

— Já agora, posso saber quais são essas tão secretas razões?-perguntou-me Maria.

— Apenas porque não gosto que o Gil brinque com crianças de cor, isso incomoda-me. — respondi-lhe.

— Não acredito que estejas a dizer isso José... Isso revela que não aprendeste nada durante a tua adolescência... Estou muito triste contigo.- disse-me com a voz de quando está extremamente triste.

As palavras da minha mulher não me saíam da cabeça e então comecei a lembrar-me dos meus tempos de jovem e de como sofri nas mãos de alguns colegas meus. Fechei os olhos e comecei a relembrar os tempos em que era eu o rapaz com quem ninguém queria brincar ou ser amigo porque não passava de uma criança gorda e feia. Lembrei-me de quando ninguém estava lá para me ajudar a ultrapassar os meus medos e passar comigo as tristezas e alegrias.

Foi uma fase horrível da minha vida pois não tinha amigos e estava completamente solitário.

Até que conheci a minha mulher e foi ela que me ajudou a ultrapassar tudo. Ela foi a minha primeira amiga e foi a única pessoa que não me julgou pela minha aparência.

Autora:

**Cláudia
Felisberto
Pinto**
15 anos



Uma lágrima caiu, a seguir outra e quando dei por mim estava a chorar inconsolavelmente.

Senti-me uma pessoa horrível pois estava a fazer àquela pobre criança o mesmo que me fizeram a mim.

De imediato, regresssei à cozinha onde se encontrava a minha mulher e disse-lhe que a amava

e que ela era a única pessoa que me conseguia trazer à realidade. Dei-lhe um beijo e agradeci-lhe por isso.

Quanto ao meu filho, no dia seguinte, conversei com ele sobre a questão do racismo e disse-lhe que nunca devíamos deixar de gostar de uma pessoa só pelo facto de ela ser gorda, magra, ou de cor. Disse-lhe também que podia convidar o Kiko para vir cá a casa sempre que quisesse. Ele sorriu, e deu-me um grande beijo como forma de agradecimento.

Penso que somos todos iguais, independentemente da raça, da religião, da cor ou do sexo.

Todos nós precisamos de carinho, de atenção e de afeto, por isso, há que ter compaixão pelas outras pessoas e nunca deixar de gostar de alguém apenas pelo facto de, exteriormente, ser diferente de nós.



O racismo contado em verso

A propósito de racismo
Quero contar- vos uma história especial
Encontramos nela coragem, discriminação mas
Também heroísmo.
Tudo começou num dia fora do normal.
Estávamos na aula de matemática
Já o ano escolar ia a meio
Quando um novo aluno veio
A professora muito simpática
Disse-lhe logo «sê bem-vindo, Wilson, vamos Procurar o teu lugar».
Perguntou-nos, por isso,
Quem com ele faria par.
Ninguém respondeu, o silêncio foi rei,
Perante o colega negro, como direi?
As cabeças cheias de preconceito e discriminação
Disseram claramente ao colega que não.
Eu, perante aquela triste situação,
Levantei-me sorridente e contente
E acenei com a mão.
«Senta-te aqui ao meu lado
Que estou um bocado atrapalhado
A matemática é confusa
E deixa-me sempre baralhado.»
Aquele aula correu-me mesmo bem
Farto de estar sozinho, sem a companhia de alguém
Gostei muito de ter o Wilson ao meu lado
E ele gostava de matemática!
Aquele colega era um achado!
No fim da aula é que os problemas começaram
E os comentários «saltaram»
«Oh, que parelha tão triste! Um é branco e nada sabe,
E o outro negro é que lhe assiste?»
Quem estas palavras dizia
era o Bruno de olhos verdes, loiro e de cabeça vazia.
Eu e o Wilson passámos mal
Todos os dias rejeitados
Mas lá nos fomos ajudando e
Qual não foi o nosso espanto quando eu,
«o burro da turma» tive BOM a matemática.
Ajudado pelo Wilson tinha feito um bom progresso

Autor:

**Danilo
Patrick de
Souza**
15 anos

e ao mesmo tempo uma grande amizade. Que sucesso!!
E um dia tudo mudou
Como nos contos de fadas
O Wilson a caminho de casa
Teve uma grande surpresa
O tal colega Bruno, o da cabeça vazia,
Pela rua com o pai ia
Nisto nem vão crer:
O pai do Bruno era negro
Facto que ele tanto desejava esconder
A partir daí tudo mudou
O Bruno nunca mais gozou
E deu-se uma mudança importante
Ele pediu perdão e fez uma confissão:
«Tenho com o meu pai uma má relação
Que me impede de o amar
Mas baralhei tudo isto e não me soube controlar.
A dor que trago comigo
Por não ser um filho querido
Leva-me a rejeitar, discriminar.»



Um dia na escola

Um dia, na escola, numa aula de Educação para a Cidadania, a professora abordou o tema da discriminação racial. E de repente, surgiram comentários despropositados. A professora, vendo o ambiente instalado na turma, perguntou ao João a razão de ele se ter rido do tema e os outros alunos, que fizeram o mesmo, quiseram vir em defesa do colega, mas a professora acabou por querer ouvir a Halima, uma aluna nova na turma, que chegara recentemente à escola, e que, em silêncio, no seu canto, gritava por uma oportunidade de falar e mandar calar toda aquela gente. Começou timidamente por dizer:

Autora:

**Hetiandra
de Jesus
Sampaio
Palmeiro**

16 anos

— Eu sou angolana e negra... À medida que vou crescendo, vejo e vivo situações cada vez mais desagradáveis. Vejo e vivo o racismo no meu dia a dia. Ele domina e transforma as pessoas em fantoches... E isso dói... Já tenho 17 anos e já passei por experiências muito duras, tudo por causa da minha cor de pele...

Na turma, fez-se silêncio, e a Halima continuou com mais confiança:

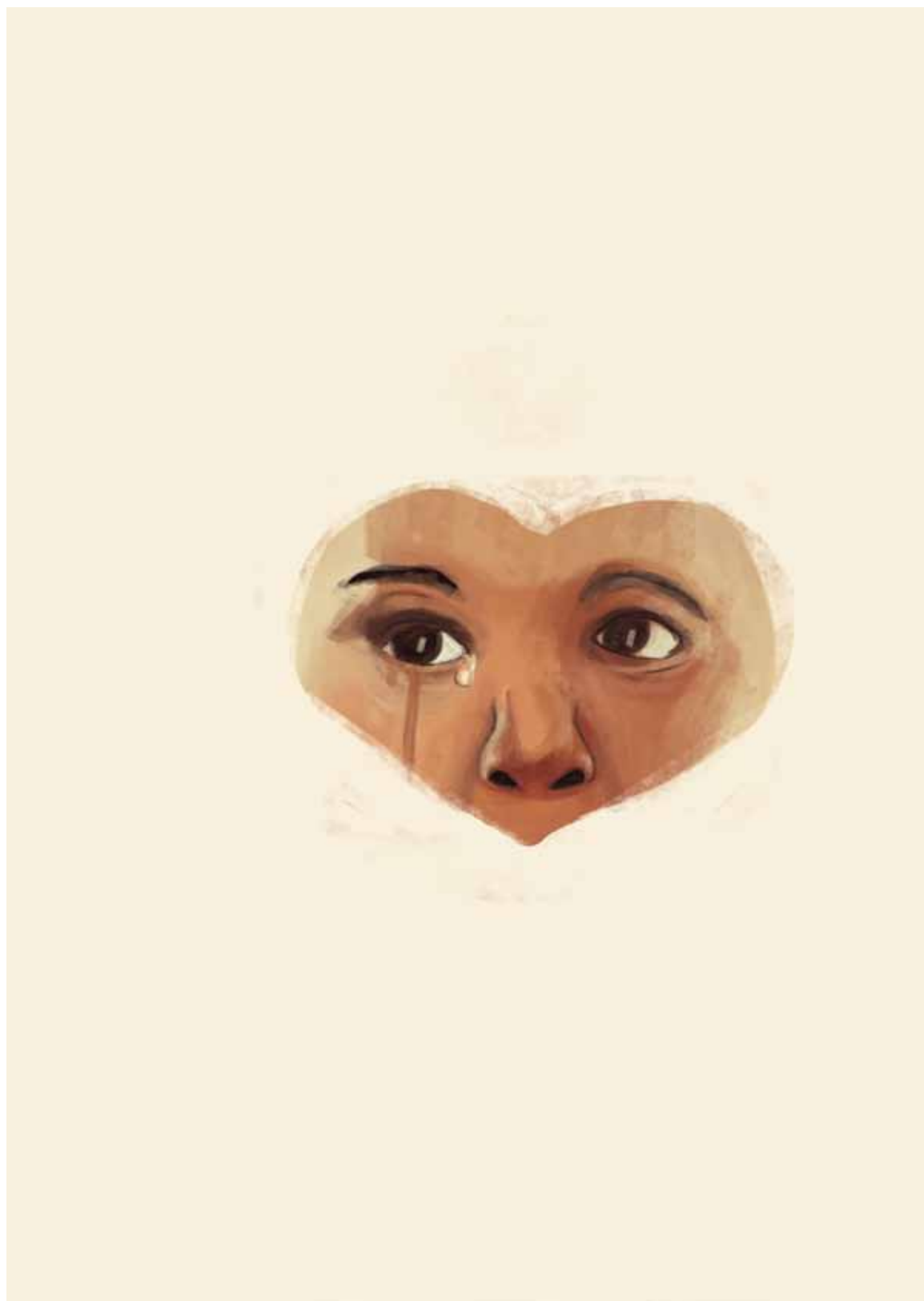
— Desde pequena, sempre fui desvalorizada pelos colegas de turma, nunca me dei bem com ninguém. Muitas vezes, eu voltava da escola magoada, a chorar implorando à minha mãe que me deixasse ficar em casa. Eu era agredida, não só fisicamente, como verbalmente e moralmente... Só eu sei o que senti, o que passei, e aliás, continuo a passar. Ser discriminado é ser vítima de bullying, talvez pior... As coisas que te dizem, as coisas que te fazem por seres diferente são impossíveis a qualquer pessoa de imaginar... E depois divertem-se, acham piada chamar “preta” a alguém; acham piada gozar, rebaixar e desvalorizar as pessoas por causa da cor da pele... Nas turmas por onde passei, tenho sido como uma pedra de que ninguém sente falta e quando tropeçam nela perguntam: “O que faz isto aqui? Porque existe? Porque me incomoda?”... Nunca gozei com ninguém por ser gordo, feio, magro... Eu nunca fiz mal a ninguém, nunca pus ninguém de parte, nunca tratei mal, pelo contrário, sempre ajudei, acolhi, talvez por saber como custa ser posto à margem...

Decidida a deitar tudo para fora, Halima virou-se para a turma e olhou para cada um deles:

— Eu sei que cheguei há pouco tempo a esta turma, a esta escola e, por isso, mal me conhecem... Vocês não imaginam o que passo em casa, os problemas que tenho... A minha mãe não tem dinheiro, mas apesar disso, nunca me faltou nada, sempre tive o que precisei. Não tenho é tido bons exemplos em casa... E também não tenho tido ninguém com quem partilhar nada... A minha vida não tem sido fácil. E também sei que muitos de vocês também sofrem nesta turma por tantas outras razões... Eu observo-vos... Eu sofro por ser diferente... Meu Deus, quantas vezes chorei de dor, raiva por causa do racismo? Deus criou a Humanidade do modo que é, não podemos ser nós a discriminar o que Deus criou. Eu sempre fui educada a pensar deste modo, e é o que acho correto! Sempre que estou triste e sem ninguém, refugio-me Nele, e sabem que mais, o colo Dele é melhor do que o da minha mãe!...

Por fim, a Halima concluiu, segura, pois sentia que as suas palavras estavam a ser ouvidas e pela primeira vez, dizia em voz alta o que tanto tempo guardara para si:

— Para aqueles que se sentem como eu, seja qual for a diferença, e que já passaram pelo mesmo, a minha mensagem é uma e só uma: não se sintam mal por serem diferentes, muito pelo contrário, sintam-se orgulhosos! Expressem o que sentem, tentem ser melhores do que quem vos magoa; nunca desçam ao mesmo nível, vocês são melhores do que qualquer comentário. E se a diferença for a da pele, não deixem que uma cor, a cor





de Deus, vos carregue de luto e vos mantenha na escuridão. Sejam luz, sejam esperança, mostrando o caminho e estendendo a mão a quem vos magoa e acreditando num futuro risonho, onde a diferença dará lugar à igualdade ou à diferença desfeita em pedaços de amor...

De repente, tocou e ninguém se mexeu. Intimidados pelo peso de todas aquelas palavras, de toda aquela dor, mas também de toda aquela verdade, todos ficaram imóveis a pensar nas suas atitudes, nas suas culpas... Halima ficou serena e feliz ao mesmo tempo porque tivera, naquele momento, naquela aula, a oportunidade de gritar ao mundo, ao seu pequeno mundo, a sua dor, mas também a sua esperança.

Um a um, os alunos foram saindo. A Halima ficou para o fim. A professora sorriu-lhe e ela sorriu para a professora. Não foi dita nem mais uma palavra. Já tudo tinha sido dito e ficava no ar a esperança da mudança...

Fora de Mão

Pediram-me me para ser uma mão. Estranhei.

Deram-me argumentos de que uma mão não vê, mas sente e formula uma visão pelo tato. Assenti e assumi a pele, ironicamente, de uma mão.

Não notei diferenças acentuadas, de facto, aquilo que eu analisava era uma mão igual à que eu representava. Pediram-me então para adotar outro dos sentidos, a visão. Assim o fiz. De novo as diferenças não eram assim tão grandes, apenas a cor daquela mão era diferente da minha. Revelaram-me convictamente que aquela mão não era de todo igual à minha. Para ser sincera não percebi o porquê, mas também não perguntei.

Continuei a analisar. Usava também o meu corpo para perceber as ditas diferenças, e com ele, todos os sentidos e funções atribuídas. Aquele corpo era igual ao meu. Toquei-lhe. Disseram-me para não o fazer, mas fiz.

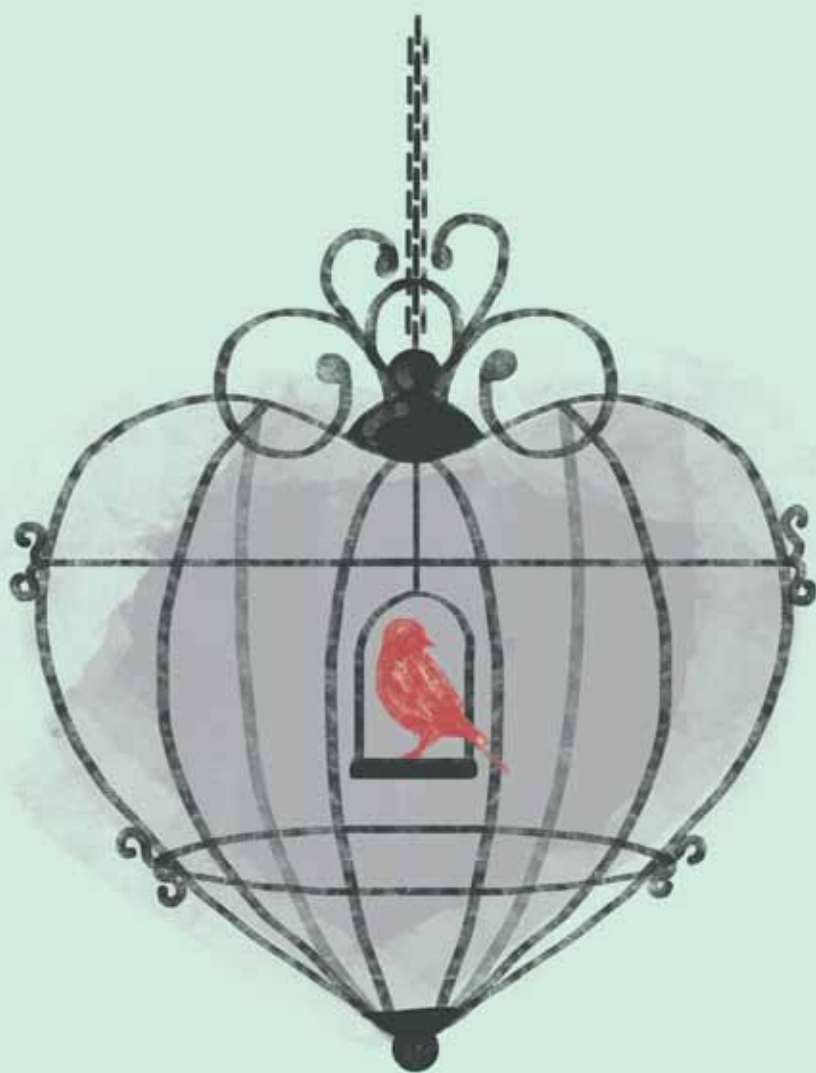
Declararam que aquele corpo não o era, denominaram-no de “raça humana diferente”, cheguei a associar a cães, mas aquela anatomia corporal era igual à minha, e eu, definitivamente não era um cão. Aquele pobre corpo representava todos os outros corpos da sua linhagem. Carregava um peso, uma angústia e uma certa revolta.

Comecei aos poucos a identificar-me.

Aquela silhueta ainda estava ali, carregada de marcas de gerações passadas e atuais, como ele, outros estavam ali com o mesmo propósito, as suas almas foram tão chicoteadas como o próprio corpo. Assim como eu, mas eu apenas tinha arranhões que já tinham sarado e apenas deixavam marca para impedir o esquecimento. Algumas feridas das chicoteadas tinham sido estancadas com o tempo e continuavam a sarar devagar. Ao longo dos tempos para cá, começaram a ser respeitados e menos chicoteados, no corpo e na alma. Existências à volta de impedimentos de integração social causados pela cor, sentimentos, origens, religião e idealismos. Uma captura de pássaros igualmente livres, como todos os outros, mas estão presos numa gaiola de preconceitos, discriminação e exclusão, e quem os capturou apenas tem de abrir a porta da gaiola e deixa-los voar.

Autora:

**Marisa
Alves Pedro**
16 anos



Plúmbeo

Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito.

Albert Einstein

Prólogo

Autoras:

**Adriana
de Matos
Pedrosa**
14 anos

A primeira vez que o vi, fixei aqueles olhos plúmbeos que me fascinaram e irresistivelmente deixei-me embebercer por aquela doçura e carinho que eles me transmitiam. Aquela cor de olhos não era a cor que esperava encontrar naquele tom de pele, mas casava bem. Dava-lhe um encanto tão exótico que me transportou para os contos de fadas da minha infância.

**Sofia de
Matos
Pedrosa**
14 anos

Não querendo quebrar o encanto, fiquei por alguns momentos perdida naquele rosto que irresistivelmente me cortava a respiração. Lentamente, já mais tranquila, aproximei-me do rapaz que, alheio ao meu devaneio, serenamente lia o seu livro. Então, falei-lhe:

— Bom dia! Eu sou a Ana Rita. E tu, és novo por aqui?

Ele levantou os olhos, meio surpreso, meio curioso e, vendo o sorriso estampado no meu rosto, respondeu:

— Sim, sou o Mandume.

Somos da mesma turma e, como apenas fôramos ver as turmas e os horários, acabámos por ficar em delonga conversa.

— Sabes, - contei-lhe - temos uma turma muito sui generis, extremamente unida, ou quase, excetuando três rapazes que vivem para a confusão, todos os outros vinte e cinco e eu, claro está, somos muito unidos.

A nossa conversa arrastou-se até à hora do almoço e, a partir desse dia, temos partilhado belos momentos.

Entretanto, o Mandume já conheceu a maioria dos nossos colegas da turma e, no dia 8 de Setembro, fomos todos ver a Festa de Nossa Sra. das Febres. Festeja-se todos os anos no Monte Crasto, aqui na Cidade de Anadia. Este ano, para além de outros espetáculos, tivemos o Cancioneiro de Águeda. O Mandume ficou muito interessado, quando lhe dissemos que era um dos mais antigos e prestigiados grupos do nosso folclore.

— Folclore?!

— Sim, uma dança tradicional. Os vestuários são trajes antigos e as danças também acabam por ser seculares.

— Seculares?

— As tradições. Não o grupo. Este foi fundado no ano em que os meus avós maternos se casaram, em 1958. Partindo das encostas da serra do Caramulo e desaguando na Pateira de Fermentelos e depois marulhando pela região do rio Vouga e vindo ao encontro do encanto que é a nossa Bairrada, um grupo de pessoas, da então vila de Águeda, cientes da imensa riqueza de toda esta região, efetivou uma pesquisa etnográfica que culminou no magnífico trabalho que hoje todos podemos apreciar e aplaudir.

E foi assim que toda a turma dos vinte e sete, não os trinta, nos deliciámos ao sabor das danças que eu outrora declinara e que hoje, com eles, consegui apreciar e ver com outros olhos.



Capítulo I

As aulas começaram.

Quando a hora de almoço é mais prolongada, vamos frequentemente estudar para a Biblioteca da Escola. Quando as aulas terminam, vamos para a Biblioteca Municipal. Anadia dispõe de um belo edifício que nos acolhe sempre com uma dignidade e um carinho muito especiais. Pelo caminho, aproveitamos para conversar sobre as nossas vidas, os nossos países, as nossas culturas, ou apenas sobre banalidades. Nós falamos mais de Portugal e Mandume fala-nos apaixonadamente de Angola.

Um dia, estávamos todos sentados no bar da Biblioteca Municipal e eu, sempre com a curiosidade na ponta da língua, perguntei-lhe qual era a origem do seu nome, pois achei que era muito bonito.

O silêncio pairou enquanto ele com os seus inatos dotes de contador de histórias nos ia desbravando que lhe tinha sido dado em honra do Rei dos Kwanyama. Na sua voz acentuadamente africana, relatou-nos a história deste rei.

— Ele tem a ver com vocês, portugueses e com os alemães.

— Claro, Angola era uma antiga colónia portuguesa... - referiu o Tomás.

— Sim. E o Sul foi durante muito tempo disputado entre os dois países e esta rivalidade foi aproveitada pelo rei do Kwanyama. - o tal Mandume. - interrompi-o eu. - Sim, ele obteve armamentos dos alemães, que acabaram por lutar contra os portugueses. Por sua vez, os portugueses atacaram Njiva de surpresa pois estavam cientes que os alemães poderiam vir a ocupar aquele território.

— Estou a perceber. Mas então o que fez Mandume? - perguntou a Daniela.

Rindo-se, Mandume respondeu:

— Fugiu!

Também a rirmo-nos, perguntámos quase em coro:

— Fugiu?

— Sim, mas foi estratégico, pois tentou unir todas as tribos contra os portugueses. Assim, os Ambós que estavam muito bem organizados, comandados pelo rei Mandume, venceram os portugueses. Claro que foram necessárias muitas batalhas, que fizeram com que os portugueses tivessem que reforçar o seu exército.

— Provavelmente, nesse tempo demoraram muito tempo a chegar. - acrescentou a Marion.

— Claro, não é como agora que se chega de Portugal a Angola em poucas horas. Mas, de qualquer modo, os militares lusitanos utilizaram uma técnica que todos conheciam muito bem. Utilizaram a corrupção de alguns dos membros da guerrilha de Kwanyama, vencendo deste modo as batalhas de Mongwa e Mufilo.

— A história é mesmo fascinante! - referiu a Silviya, que se emocionava por tudo e por nada.

— Deixa-me terminar. Ora, Mandume, quando conhecedor da vitória dos lusitanos, não apenas por causa do grande poder de artilharia, mas essencialmente pela traição de alguns sobas, acabou por se suicidar em 1917. E foi assim que este heroico Rei escolheu a morte a uma vida de subordinação colonialista.

— Não sei se se possa apelidar o feito de heroico ou de pura covardia... - disse a rir o Nuno, que era o nosso craque em História.

— Sabem, é difícil quando não vivenciamos as situações, ajuizarmos as decisões que são tomadas. Era muito o que estava em jogo. Não é apenas o momento, o tempo, mas também o peso da responsabilidade, aquilo que se foi, aquilo que se pensava que poderia ter feito, o que lhe era exigido, promessas por cumprir. O peso de todo um povo nas suas mãos. Não sei, Nuno, deve ter sido uma decisão muito difícil de tomar. Mas digo-te que ele deve ter pensado muito nela e que, quando a tomou, a deve ter tomado tranquilamente, julgando ter tomado a melhor decisão para o seu povo. Era assim que um rei pensaria.

Ficámos todos a meditar um pouco no que Mandume nos acabara de dizer e eu acabei por apenas murmurar um simples: “Claro!”

— Mas, como vos dizia, os meus pais decidiram dar-me o seu nome pela sua bravura, por considerarem que eu haveria de ser um lutador.

Outro dia, foi a vez de ele nos perguntar sobre Portugal. Como tinha chegado a Portugal apenas no final de agosto, estava a frequentar pela primeira vez a escola portuguesa e, claro, a estudar em Portugal. A equivalência, como sabíamos, pois éramos da mesma turma, tinha sido dada para o 12º ano. Logo perdera toda a História lusitana.

— Bem, - disse-nos ele - não quero que me contem toda a História de Portugal. Isso eu posso ver em qualquer livro, ou na Net... façam como eu fiz no outro dia sobre o meu nome. Contem-me algo interessante e de que gostem.

— Sabes que História nunca foi o meu forte. Melhor, nunca gostei muito. As minhas professoras até se “metiam” comigo por causa desta minha aversão! – respondi eu. - Ali o Nuno é que é versado em História.

— Sim, - disse o Nuno - mas tu é que és a sabichona da turma. E a História foi só até ao 9ºano.

— Vá lá, Ana Rita, deves ter algo interessante para me contar.

— Sim, mas primeiro o Nuno. Dá lá o mote.

— Está bem. A História de Portugal deve ser uma das mais ricas do Mundo. Não te rias, pois o que digo é a realidade. Das mais ricas e das mais antigas. Só para que conste, nessa tua cabeça africana, podia falar-te da Romanização, quando em 218 a.C. os Romanos invadiram a Península Ibérica, o que foi muito importante para a nossa civilização. Depois tivemos as invasões Bárbaras e a ocupação árabe. Mas, a medalha de platina vai para o período durante a reconquista cristã, em 1139, quando foi fundado o reino de Portugal a partir do condado Portucalense. Claro que não era com as fronteiras atuais, mas apenas entre os rios Minho e Douro.

— Afinal o 9º ano ainda está bem presente, Nuno!

— Agora é a minha vez, - interrompi-os eu - ele ainda te poderia chatear com a Crise de 1383 a 1385, e ia demorar um tempão e não saíamos mais daqui, por isso vou avançar no tempo. Portanto, vou para outra medalha e esta, para mim, é de ouro.

— Essa até eu a sei. – interrompeu-me Mandume. - São os Descobrimientos.

— Boa! – continuou a Daniela – Com eles começa o Grande Império Português. E depois de passarmos uma vida inteira com uma monarquia, chegamos à vez da República e após um período de ditadura, chegámos ao regime que hoje vivemos. Felizmente para nós, não passámos por aqueles regimes dos nossos ancestrais. Sem esquecermos a vossa libertação como povos independentes daqui da Metrópole.

— Pois! Isso é que é despachar.

— Claro, antes que o Nuno, o craque da História, pudesse dar-nos uma aula exaustiva,

ou aqui a menina-prodígio também decidisse fazer uma dissertação. Eu decidi contar-te o resto. Se tiveres dúvidas, consulta-os quando estiveres sozinho com eles, vais lá dentro e fazes uma pesquisa nas enciclopédias, na Net, ou quando não estivermos cheios de fome.

Com todo o grupo a gozar o momento hilarantemente divertido, acabámos por concordar com a Daniela, pois realmente estávamos todos mortos por saciar a fome.

Nos dias seguintes, ouvimos a sua paixão pela dança. Encantou-nos falando na semba e no kuduro, os seus dois estilos de dança angolana preferidos.

— Há mais, mas estes são os que mais me atraem.

— Explica-nos. – pedimos nós.

— Vou fazer mais do que isso. Vou ensinar-vos a dançar.

Capítulo II

Foi assim que conhecemos D. Tereza, a mãe do nosso amigo. A casa era toda branca e o jardim, embora pequeno, estava bem cuidado. A pequena sala, onde nos encontrávamos, era tão acolhedora que mais parecia a de uma casinha de bonecas.

A mãe de Mandume tinha uns traços lindíssimos. Embora se notassem as suas origens africanas, também se viam bem os traços europeus. Era aquilo a que os homens gostavam de chamar uma bela mulher. Os olhos de Mandume tinham saído do seu belo rosto, embora o seu tom de pele fosse menos escuro.

A sua simpatia deixou-nos tão à vontade, como se de sempre a conhecêssemos.

Mandume levou-nos para uma sala quase vazia. Num canto jazia uma pequena mesa e sobre ela uma aparelhagem de som. Lateralmente as colunas completavam o espaço.

— Este é o nosso salão de baile - disse ele, rindo-se do nosso ar surpreendido.

— Brutal! – respondemos quase em unísono.

- Então é assim. O semba é uma dança de salão que é dançada a pares nas cidades.

Pegando-me pelos braços, rodopiou comigo quase que me lançando pelo ar.

— Ai! - gritei desafinadamente e mostrando que ficara assustada.

Os outros riram-se da menina que jamais saía para ir a uma discoteca, apenas via livros e estudo à sua frente.

— Não te assustes, Ana Rita. Eu dou passadas distintas como fazem os cavalheiros. E tu só tens de me seguir em passos largos. Os outros tentam fazer o mesmo.

— O meu jeito para a dança é quase tão bom como o que tenho para a História.

— Então, não estamos assim tão mal. Sabem, esta é essencialmente uma dança de passadas, de improvisação, de divertimento, que se dança principalmente em festas, sendo assim dançada ao som do semba, que é esta música que estão a escutar. É uma dança rítmica algo acelerada e não tem qualquer passado guerreiro, mas têm que improvisar um pouco. Veem, alguns de vocês já lhe estão a apanhar o jeito. Isso mesmo!

E lá estava eu também a rodopiar nas tais passadas que inicialmente me pareciam desengonçadas, mas que agora me faziam vibrar de alegria e de emoção. Parecia até que no salão de baile de D. Tereza e do Mandume se encontravam antepassados vivos, repleto de pares que rodopiavam naquela inebriante dança de salão urbana de Angola, que fazia vibrar os mais gélidos corações e até fazia bailar os meus pés de chumbo, que tinham tão

pouco, ou nenhum jeito para a dança.

— Outro dia, havemos de repetir. Hoje temos de estudar para os testes, pois temo-los à perna.

Na verdade, o fim do período avizinhava-se e era sempre um acumular de testes e, portanto, um tempo de muito trabalho.

— Lá está a menina Ana Rita a pensar no trabalho. – referiu a Beatriz. – Mas, hoje infelizmente até tem razão!

— Vamos então estudar, pois tenho de subir algumas das minhas notas. – referiu o William.

— E eu também!

— Sim, marrona, como se já não fossem todas muito boas. – respondeu o Mandume.

— Diz o roto ao nu...- retorquiu o Brian.

E lá fomos todos para os nossos estudos a ver se conseguíamos melhorar os nossos já bons resultados, mas como diz o ditado “nunca fiando”, daí a conveniência de estudar.

Dias depois...

Neste ano, a crise não nos permitia sair durante as férias de Natal. Os meus pais, que ainda não apresentei, ficam por aqui e eu sou obrigada a ficar também. Pela primeira vez, não me importo. Desde sempre tive facilidade em arranjar amigos. Mas nunca uma amizade foi tão estreita como aquela que sinto pelo meu novo amigo. Partilho com ele diálogos e interesses que jamais consegui com os outros colegas que conheço desde sempre. Quanto aos meus pais, são as pessoas mais doces que se podem imaginar. Mas nem sempre, quando faço alguma tolice lá se acaba a doçura... No dia em que conheceram Mandume, aceitaram-no como meu amigo e deixaram que como qualquer outro colega pudesse ir lá a casa estudar comigo. Têm de dar sempre o seu “real aval”.

Conheci Mandume apenas em setembro, no primeiro dia, mas desde esse dia que a nossa amizade me pareceu sólida, uma rocha inquebrável, como se sempre tivesse existido e fosse indestrutível, diferente de todas as outras.

Às vezes, parece-me haver para ele e por parte dos tais três colegas da turma uma certa inimizade, maior do que aquela que há para com os outros, uns olhares frios, cortantes, que me arrepiam e dilaceram ao longe, quando os vejo a olharem para o meu amigo. Mas deve ser tão-somente a minha mente, pois assim que chego junto dele nada existe, ou já não me parece existir nada de mais. Dissolve-se magicamente. Olho diretamente para os meus colegas e eles sorriem-me, com sarcasmo, como sempre me fizeram e dizem-me os seus bons dias, iguais a toda a vida. Observo, então, Mandume e ele só tem olhos para os meus e esses seus olhos plúmbeos que, desde sempre me fascinaram, são maravilhosamente belos e fazem-me esquecer o momento anterior.

Um dia, contudo, vi neles uma sombra diferente e cheguei a questioná-lo.

— O que se passa, Mandume?

— Bom dia, Ana Rita. Agora decidiste nem me cumprimentar?

— Desculpa. Mas quando cheguei pareceu-me que o grupinho do Xavier te olhava de um modo estranho e eu sei que eles procuram o conflito onde não o há.

— Deixa. Tu sabes que eu sou uma pessoa pacífica.

— Mas...

— Vamos, Ana Rita, já está a tocar. Vamos para a aula.

A conversa acabou por morrer ali. Bem, mais ou menos, pois eu fiquei com o bichinho atrás da orelha. Era a primeira vez que sentia que Mandume me estava a esconder algo. E parecia-me algo importante! Havia de estar atenta.

A minha mãe sempre disse que esse era um dos meus defeitos, ou feitos... a persistência e a curiosidade. Às vezes, a brincar até me diz: “Ana Rita, a curiosidade matou o rato!”. Ao que eu, e realmente tenho mesmo a língua afiada, lhe digo de volta: “Querida mamã, também a curiosidade aguça o apetite”. E é este aspeto que agora me está a roer. Enfim, hei de ver quem tem razão!

Eis que finalmente chegaram as merecidas férias!

Na última sexta-feira, decidimos fazer uma festa informal de finalistas nos “Três Pinheiros”. As três pistas de dança, que a discoteca detém, estavam à pinha.

Foi um assombro. Todos nos divertimos muito, dançámos, pulámos, gritámos. Por volta das quatro da manhã, conforme tínhamos combinado, os meus pais e os pais de muitos outros colegas, que não tinham carro, foram-nos buscar. Depois de deixarmos uns e outros nas respetivas casas, acabámos sozinhos com o meu amigo, que morava a caminho da nossa casa. A conversa acabou por continuar no rumo das danças e ficou decidido que durante estas férias ele nos iria ensinar a dançar o kuduro. A tal outra dança angolana de que ele gostava.

— Essa é ideal para mim, como pode ser dançada também individualmente, ninguém corre o risco de ser pisado devido aos meus pés duros.

— Mas tu não tens os pés duros.

— Só se for a dançar contigo. - disse o meu pai. - Comigo, os meus pés ficam uma desgraça. A mãe dela e eu somos exímios em qualquer dança, desde o tango, à valsa, ou a um belo slow. Já a nossa Ana Rita é um puro massacre... Quando ela me pede para dançar, fico a imaginar o sofrimento dos meus pobres pés, durante os três ou quatro dias inglórios que se irão seguir, após o meu corajoso feito.

— Papá, não é assim tão mau. Só estás a assustar o meu amigo!

— A alertá-lo. A relatar-lhe os factos. Isso sim. Mas, Mandume, já chegámos e a tua mãe já está à porta. Boa noite, D. Tereza!

— Boa noite, Eng.º. Duarte! Os meninos portaram-se bem?

— Pergunte antes aos pés do seu filho!

Este comentário do meu pai valeu-lhe um “destemido murro no ombro”, um guincho suave de “horror” da sua parte e uma gargalhada das duas mães e do Mandume. Bem..., e de um risinho idiota da minha parte.

Após as boas noites habituais, lá fomos cada um para as suas casas.

Alguns dias mais tarde, voltámos todos ao salão de baile de Mandume para aprender finalmente a dançar o kuduro.

Antes de começarmos, ele explicou a todos os presentes da nossa turma:

— Este é um tipo de dança recreativa de exibição individual ou em grupo. Este estilo foi composto pela juventude angolana que decidiu fundir música batida com estilos tipicamente africanos. Desta maneira, adaptaram a forma de dançar, soltando a anca para os lados em dois tempos subtilmente, caracterizando o movimento do baloiço duplo. Adaptaram da dança sul-africana “xigumbaza”, cujo significado é confusão, dançada pelos escravos mineiros ao mesmo tempo que trabalhavam mudos e surdos, em que só as vozes das botas se ouviam como um canto de revolta, adaptando-se ao estilo musical kuduro.

Mandume agarrou em mim e eu rodopiei novamente por aquele salão e os meus pés de chumbo, como diz o meu pai, transformaram-se em pequenos algodões doces e soltei a anca para um lado em dois tempos e depois para o outro, tão subtilmente que decerto não era eu!

— Perfeito! - disse finalmente Mandume.

E eu respondi apenas:

— Foste tu!

— E vocês todos também conseguiram apanhar-lhe o jeito!

— Pois, nem tu nos superas. – responderam em unísono a Anastasiya e o Mário – Vão ver aqui os campeões no baile da passagem do ano em tua casa, Ana Rita. Vamos ser os reis do baile!

Acabámos todos numa grande risota.

Capítulo III

Durante todas as férias de Natal, visitámos a nossa querida cidade de Anadia, capital concelhia e da Bairrada. Decidimos ir também até à nossa capital distrital, Aveiro, e à outra cidade que fica perto de nós, Coimbra, para que o nosso amigo, bem como outros colegas, pudessem ficar a conhecer melhor o nosso país e a nossa cultura.

— Apesar de não nos considerarmos uma cidade rica, temos algum potencial. – disse o Nuno, com o seu ar de sábio, logo no nosso primeiro dia de férias, após o fim de semana passado em família.

— Claro, mas nós já traçámos um belo itinerário de visitas. – disseram em simultâneo a Maiara e o Luís.

E foi assim que durante esses dias deambulámos pela cultura transmitida pelo nosso magnífico concelho. Primeiro pelo Museu do Vinho da Bairrada, onde visitámos a sua exposição permanente com o seu “Percurso do Vinho” e as seis salas temáticas (Vinha, Vindima, Vinificação - Caves e Adegas, Vinificação – Espumante, Prova e Roteiro), todas com filmes alusivos aos respetivos temas e, ainda, exposições temporárias. Visitámos também as caves de umas Caves de Espumante, onde nos foi dado a conhecer todo o processo de fabrico deste vinho. O guia falou-nos de nomes como assemblage, envase, remouage, dégorgement, e outros tantos que perdemos a conta. Fomos ao Centro Cultural visitar algumas das exposições que ali estavam patentes, depois decidimos passar pelo Museu das Caves Aliança, “Aliança Underground Museum”. Nele visitámos oito distintas coleções de áreas como: a arqueologia, etnografia, mineralogia, paleontologia, azulejaria, cerâmica e estanharia, com uma extensão temporal de milhões de anos e que pertencem ao colecionador José Berardo.

O “Museu/Palacete José Luciano de Castro” foi outra novidade não apenas para o Mandume, mas para alguns outros colegas da turma, que nunca o tinham visitado. Este espaço museológico encontra-se sobre a alçada da Santa Casa da Misericórdia de Anadia e está integrado no Palacete onde viveu José Luciano de Castro, uma importante figura anadiense e nacional. Decidimos ainda ir visitar um outro museu, desconhecido por quase todos, pois apenas o Miguel, que é da Pedralva, o conhecia e de quem partiu o convite. Pelo caminho, ainda tivemos tempo de apreciar o Pelourinho de S. Lourenço, que ainda se encontra num bom estado de conservação.

— Este Museu Etnográfico da Pedralva - como nos disse o próprio Miguel -pertence

ao grupo folclórico desta localidade. Está organizado em duas secções distintas: uma do traje típico da Bairrada, com a exposição de trajes usados no trabalho do campo, em festividades e outros de carácter religioso; outra, com o espólio relativo ao trabalho agrícola da Região.

Em Anadia, ainda passeámos, como não podia deixar de ser, pela Praça da Juventude, que é um lugar bastante aprazível para nós, jovens, estarmos.

Durante os nossos serões conversámos bastante. Não apenas sobre banalidades, mas sobre personalidades importantes de Anadia.

— Quem não se lembra do Poeta Cavador, Manuel Alves, o poeta popular? – referiu, em dado momento, o Luís que adora poesia.

Noutro momento foi a Beatriz que recordou José Luciano de Castro, - Claro, quem não se lembra dele? Foi uma importante figura nacional e presidente da Câmara Municipal de Anadia.

— Sim, foi muito importante para Anadia - disse em certa altura o Tomás, - Mas, também pudemos falar da extraordinária obra do Professor Doutor Rodrigues Lapa.

— E a casa dele? – disse a Carlota – É um palacete que eu sempre adorei, quem me dera lá viver.

Todos nos rimos da sua cara sonhadora. Entretanto a Beatriz, interrompeu a nossa brincadeira, com uma observação que nos fez voltar à realidade - A nossa Biblioteca Municipal é que lhe prestou uma singela homenagem com a atribuição do seu nome a uma das suas salas.

— Pois foi, - acrescentou a Maiara, - nessa sala encontra-se a secretária, as cadeiras, os sofás e os armários, juntamente com os cerca de 8 mil livros que pertenciam ao Professor Rodrigues Lapa e que foram doados à Câmara Municipal.

— Sim. – interveio o Mário, - E foi o próprio Professor que legou, em testamento, à Câmara Municipal, o seu espólio documental.

— Mas todo o mobiliário, onde estão arrumados os livros pertencentes à Biblioteca do Professor Rodrigues Lapa, foi adquirido pela Câmara Municipal de Anadia. – acabei por concluir.

— Muito bem, frequento a Biblioteca desde setembro e só agora é que vocês me contam tão interessante e importante facto. Isto é que eu tenho uns amigos! Mas, é claro que eu adorei saber. - disse finalmente, o Mandume, que se mantivera calado a ouvir-nos.

— Um dia havemos de pedir à responsável pela Biblioteca para visitar a sala. – disse eu, para serenar os ânimos, pois a maioria dos meus colegas não conhecia a sala.

O Nuno, entendendo a dica, decidiu viajar para o mundo do futebol – Queres conhecer outra celebridade do nosso concelho?

— Quem? – perguntou Mandume?

— O Toni. – respondeu-lhe, sem hesitar. - O grande jogador do Anadia e do Glorioso e atualmente um grande treinador.

Acabámos essa noite de uma forma divertida a falar dos feitos desportivos dos Portugueses e dos outros países ali representados pelos nossos colegas estrangeiros.

Fomos até ao Velódromo, onde decorriam algumas provas desportivas. Mas preferimos ser nós os atletas e deslocámo-nos até ao Parque Desportivo, onde disputámos algumas partidas de ténis, os rapazes algumas de futebol, também nadámos e jogámos algumas vezes squash. Enfim, divertimo-nos imenso.

Claro que o nosso tour por esta bela cidade não poderia ficar completo sem o tradicional passeio pelo Parque da Curia, onde decidimos fazer uma saudável competição de gaivotas e de barcos. O vencedor? Na verdade, no final saiu vencedora a água, pois ficámos todos molhados! Mas, bem divertidos!

Em Aveiro, passámos dias inesquecíveis. Ora na praia, calcorreando os seus belos areais embranquecidos pelo quebrar enfurecido das ondas, ora explorando os seus encantadores jardins, como o Parque Infante Dom Pedro, e os seus monumentos. Estes nossos veneráveis passeios pela cidade aveirense foram evidentemente feitos nas famosas BUGAS. Lembrámos ainda a bela Princesa Joana, que mais tarde veio a ser beatificada e tornada Santa e visitámos o Museu com o seu nome. Visitámos também o Museu da Vista Alegre. A inevitável paragem, por uma das suas inúmeras pastelarias, conduziu-nos ao paraíso dos sabores ao deleitarmo-nos com os típicos ovos-moles. Mas o grandioso momento do nosso percurso em Aveiro, reservámo-lo para o último dia, quando navegámos pelos romanescos canais, usando os velhos moliceiros com as suas proas brejeiras, agora transformados em belos barcos turísticos.

Tendo em mente o belo fado, percorremos em Coimbra alguns dos seus queridos monumentos. Desde a Biblioteca Joanina ao Convento de Santa Clara-a-Nova, passando pelo Jardim Botânico, pelos Mosteiros de Celas, de Santa Clara-a-Velha e de Santa Cruz, o Museu Nacional Machado de Castro, as Sé Velha e Nova até à Quinta das Lágrimas. Recordámos a padroeira da cidade, a Rainha Santa Isabel, e a Lenda do milagre das rosas aquando da visita ao Convento de Santa Clara-a-Velha. Finalmente, no último dia, visitámos o Portugal dos Pequenitos, onde pudemos redescobrir muita da nossa História. Isto depois de termos viajado no vagaroso Basófilas que nos fez deambular por mais de uma hora, pelo velho Mondego dos sonhos e dos amores e lembrar a famosa lenda de Pedro e Inês, que fez chorar alguns corações mais românticos, embora negassem esse feito.

— Não percebem que o vento traz poeiras. — disse a Matilde, a fazer-se de forte.

Ao visitar o nosso património, mostrando-o aos nossos amigos estrangeiros, principalmente a Mandume, pois muitos dos outros já eram mais do que portugueses, pois já cá estavam desde o 1º ciclo e já tinham feito visitas de estudo, o grande tema das nossas conversas era quase invariavelmente Portugal e Angola.

Falar com Mandume era como se viajássemos pelo Atlântico e percorrêssemos as grandes avenidas de Luanda, nos infiltrássemos pelas ruas estreitas e mais recônditas da cidade velha.

Passeássemos, então, até às lindíssimas areias brancas das suas praias, onde os coqueiros sombreando o lugar, onde debaixo deles nos espreguiçaríamos antes de corrermos para as suas águas transparentes e mergulhásemos para refrescarmos os nossos quentes corpos suados pela segura do clima.

Entretanto, um dia não resistindo a algo que há muito nos incendiava a curiosidade, perguntámos-lhe sobre o pai.

— Não tenho. Bem, tive. Mas faleceu no dia em que eu nasci. A minha mãe diz que eu fui a luz que a guiou nas trevas. O meu pai morreu precisamente no dia em que me viu nascer.

— Como aconteceu?

— Tinha ido levar a minha mãe ao hospital durante a noite, pois o saco das águas tinha rompido. O meu pai, após algumas horas, assistiu ao parto e depois de ter estado comigo ao colo, deixou-me a mim e à minha mãe no hospital, como não poderia deixar de ser.

Estávamos os dois bem e foi trabalhar. Ele trabalhava no porto e não podia faltar. Eis então que, quando descarregavam um contentor, uma das gruas virou-se e o meu pai ficou preso debaixo do contentor.

Vendo que os olhos de Mandume se esforçavam para deter o rio que vislumbrava neles, acerquei-me dele e abraçando-o, só lhe pude sussurrar um ténue: “Desculpa!”

Nenhum dos outros tentou aproximar-se e deixaram que aquele momento fosse só nosso. E ali ficámos parados, vertendo aquelas lágrimas que há muito decerto ele reprimia e eu, querendo ajudá-lo, só conseguia piorar o já incontrolável caudal tempestuoso que corria entre os nossos rostos.

Os meus pais convidaram-nos a passar o Natal connosco. Apesar de inicialmente terem rejeitado o convite, acabaram por ceder. A minha mãe é uma exagerada em preparativos natalícios. Melhor, a minha mãe é sempre uma exagerada, quando se trata de comida e de refeições. Ela adora receber pessoas. Desde as entradas, passando pelas saladas, até às sobremesas e mesmo os enfeites, tem de estar tudo numa perfeição. Mesmo que seja só para a família, ela não descursa um pormenor.

Foi uma noite muito bem passada, todos nos divertimos muitíssimo.

Na noite da passagem de ano, os meus pais autorizaram-me a organizar uma grande festa na cave da nossa casa, como já vinha sendo tradição desde o nosso 10º ano. Evidentemente que impõem condições e estas sempre foram respeitadas. O Mandume trouxe a aparelhagem dele, que é bem melhor que a minha, e instalámos tudo o necessário. Na mesa do salão, foi colocada uma grande toalha e pratos e copos numa outra mesa de apoio. Conforme iam chegando os nossos amigos, a mesa do salão ia ficando confortavelmente recheada com todos os petiscos necessários para o que se avizinhava uma bela noite de “réveillon”. Noutra mesa de apoio, estavam as bebidas e, por baixo desta, uma grande selha com gelo para serem colocadas aquelas que necessitavam de ficar mais frescas.

A diversão, o entusiasmo e o convívio foram uma constante. Não havia entre nós problemas de drogas nem álcool. Portanto, o convívio fez-se apenas pelo convívio, reinando as brincadeiras, a confraternização, bem como a partilha sã de emoções e todos pulámos, dançámos, cantámos, gritámos até as forças nos abandonarem e exaustos, tombarmos que nem árvores que o vento tempestuoso derruba fragilizando as suas fortes raízes.

Na manhã seguinte, já quase a rondar a tarde, lá estávamos nós a abrir as nossas pestanas muito lentamente e fomo-nos rindo, pois os sacos-cama estavam espalhados pelo chão coberto por um mar de confetis, que tínhamos de, num toque de magia, fazer desaparecer.

— Pois - dizia a Jéssica - pena que as nossas varinhas de condão não funcionem.

— Deixa lá! As vassouras da mãe da Ana Rita ainda o fazem! - comentou, já bem desperto, o Tomás.

— Então, malandragem?! Toca a sacudir esses corpos esbeltos e tonificados e vamos pôr a casa dos pais da Ana Rita a brilhar, antes que eles desçam e vejam a desgraça que lhe fizemos... - ordenou por fim o Luís, que de todos era o mais ajuizado.

— Claro, - exclamou logo o Mandume. - vamos todos ajudar! Assim tudo ficará num brinquinho.

— Boa! - respondeu prontamente a Cristiana - Até já aprendeste a nossa linguagem comum. Vem aqui pegar neste caixote com os sacos de lixo e ajuda-me, vamos os dois levá-los ao contentor.

E foi assim, o resto do nosso primeiro dia do ano. Uma autêntica azáfama, para deixarmos de facto o espaço conforme o encontráramos. Entretanto, a minha mãe fez-nos uma sopa, que nos soube deliciosamente bem.

Durante o último dia de férias, foi um misto de diversão e de cultura. Como a turma tinha pessoas de vários países, decidimos trocar experiências. Falámos das danças e músicas tradicionais, com algumas demonstrações à mistura que nos faziam rir e tentar imitar tais pés de chumbo. Falámos das comidas, dos trajes, do clima de cada país. Enfim, fartámo-nos de viajar principalmente pela Europa e por África.

Por fim, já estavam terminadas as férias natalícias e, no dia seguinte, iniciavam-se as aulas e, com elas, as responsabilidades do segundo período escolar. Enfim, com muito trabalho pela frente. Se queríamos entrar para a faculdade, não poderíamos descurar o nosso estudo. Este teria assim de ser diário.

Capítulo IV

Foi com este espírito que muitos de nós entrámos no dia seguinte na escola.

Apesar de falarmos das nossas férias e de nos divertirmos com alguns dos acontecimentos verificados, rapidamente o nosso foco passou a ser o estudo e as aulas.

Hoje é o segundo dia de escola e pela primeira vez, neste ano letivo, atrasei-me! Saí de casa a correr. Mandei uma mensagem a Mandume a dizer para não me esperar e a pedir-lhe para avisar o professor de Matemática que iria chegar atrasada. Ele lá me respondeu com o habitual: “ Bom dia. Não te preocupes, eu aviso!”. Portanto, fiquei mais descansada.

Quando bati à porta da sala, pareceu-me pela primeira vez que algo não estava bem. Pedi autorização para entrar. O professor de Matemática olhou-me admirado e eu senti um baque, quando olhei para o lugar vazio onde deveria estar Mandume.

— Sr. Dr., - comecei por dizer.

— Depois falamos no fim, Ana Rita.

— Mas...

— No fim!

E continuou a aula. Realmente, eu não poderia estar para ali a interromper a aula. Chegara atrasada! Também pela primeira vez em toda a minha vida, não consegui prestar atenção a uma aula.

Para agravar a minha ansiedade, os três da vida airada, como eu secretamente lhes chamava, o Paulo, o Xavier e o Rodrigo, também não estavam. Eles eram os tais que eu sabia. Bem, saber não sabia. Sentia, era mais isso. Era mais um pressentimento.

Sim, pressentia que havia algo entre eles e o meu amigo e que ele não se sentia à vontade com eles.

O que teria acontecido? O que é que eles teriam feito?

Esta angústia estava a consumir o meu peito. Não queria abandonar-me. E este fogo teimava em alastrar-se e invadir o meu cérebro e povoar os meus pensamentos, com todo um misto de loucuras e possibilidades.

Nos segundos quarenta e cinco minutos daquela aula, que teimava em tornar-se infinita, apareceram os três terríveis da vida airada. Não sei se isso me descansou ou se me colocou ainda mais nervosa.

Não! Definitivamente, o sorriso maliciosamente cruel e cortante que vi, quando os meus olhos se cruzaram com o Xavier, disse-me que algo se passava com Mandume. O que é que lhe tinha acontecido? O que é que eles lhe teriam feito?

Aqueles minutos de aula eternizavam-se milenarmente e pareciam não ter fim. Quando finalmente o som estridente da campainha ecoou na minha cabeça, arrumei os meus materiais na mochila e preparava-me para sair. Mas o professor pegou-me pelo braço:

— O que se passa, Ana Rita? Chegaste atrasada. Não estiveste atenta à aula. O que se passa hoje contigo?

— Nada, professor.

— Ana Rita, se há alguém que conheço és tu. Já és minha aluna desde o 10º ano, portanto conta-me o que se passa, um adulto pode sempre ajudar.

Não sabia o que fazer. Mas este professor sempre se mostrara capaz de resolver algumas situações difíceis e eu vira-o tratar todos os alunos como iguais. Decerto perceberia onde eu queria chegar.

— Sabe, Dr. António, tem a ver com o Mandume.

— Logo vi. Ele está a faltar. E tu, sabes porquê?

— Esse é que é o problema. Eu de manhã atrasei-me e mandei-lhe uma mensagem a dizer para não me esperar e a pedir-lhe para o avisar que iria chegar atrasada. Ele respondeu que sim. Mas, quando cheguei, vi que ele não estava.

— Pois não. Porque será?

— Já tentei ligar-lhe, mas vai logo para o Voice Mail.

— Mas há mais, não há, Ana Rita?

— Sim!

— Então?!

— Bem, Sr. Dr., eu não gosto de fazer acusações sem certezas.

— Não as faças. Diz apenas as tuas suspeitas, visto não serem acusações.

— Obrigada. Ao primeiro tempo, também não vieram três alunos.

— Pois não, o Paulo, o Xavier e o Rodrigo. E eles são bem capazes de se meterem em boas alhadas. O relacionamento deles com os colegas não é muito bom e, então, com alunos como o Mandume, não deve ser fácil. Aluno novo, de cor... Pois estou a chegar lá.

— O que é que podemos fazer, Sr. Dr.?

— Qual dos três consideras o mais, digamos assim, acessível?

— O Paulo. Penso que ele só se quer armar. Anda com os outros, mas até poderia ser um bom aluno. Só que escolheu mal as companhias.

— Vamos ver...

Dirigi-me com o professor até ao Gabinete da Sra. Diretora. Rapidamente esta foi informada de toda a ocorrência e num ápice, o Paulo encontrava-se junto de nós.

Após alguma pressão, o Paulo acabou por relatar o que aconteceu.

— Há muito que Mandume é perseguido pelos outros dois e até por mim. Mas são apenas bocas e ameaças. Até hoje! Eu pensei que a intenção dos meus colegas era só levá-lo até à Barragem da Gralheira. Sabem, para onde o Clube da Floresta do Agrupamento costuma fazer a Viagem de Cicloturismo no Dia da Floresta, e pensávamos deixá-lo lá. Depois ele teria de percorrer de regresso e a pé os cerca de 10 km.

Como ele se calou, a Sra. Diretora perguntou-lhe:

— Mas, o que é que aconteceu afinal?

Continuando a permanecer calado, a Sra. Diretora levantou-se e, antes que ela dissesse algo, Paulo adiantou-se-lhe:

— Bem, - gaguejou o Paulo - eles tinham posto algo no lenço que lhe cobriu o rosto. A mãe do Xavier é enfermeira e ele tinha levado um produto lá de casa, no qual embebeu um lenço para ele ficar mais calmo e ser mais fácil metê-lo no carro. Depois tirámo-lo. Eu pensei que íamos deixá-lo ficar ali.

— Estás-te a repetir! - vociferou a Diretora já a ficar fora de si. - Conta depressa o que se passou com o teu colega!

— Eles pontapearam-no e atiraram-no para a valeta e depois metemo-nos todos no carro e ele ficou lá abandonado a sangrar. Eu não tenho conseguido pensar noutra coisa. Nem consegui estar com atenção na aula de Matemática.

— Mas, não fizeste nada?

— Tive medo deles me fazerem o mesmo. Nem sei se ele está vivo!

Nesse preciso momento, dei um grito de dor, que deve ter despertado a Diretora, pois rapidamente esta pegou no telefone e contactou o INEM a quem lhes relatou sucintamente a ocorrência, fazendo o mesmo para a GNR. Estes últimos, pelos vistos, iriam também enviar uma patrulha à escola, na medida em que pediram à Diretora para chamar os outros dois alunos, sem fazer muito alarido e os reter na direção. E, pensei eu, enquanto o Paulo é menor, o Xavier e o Rodrigo já têm mais de 18 anos.

A Diretora, como é uma pessoa muito bondosa e justa pediu-me para eu a acompanhar. Depois de ter telefonado para os meus pais e de ter obtido a respetiva autorização, levou-me então à Gralheira.

Quando cheguei já lá estava a GNR e o INEM. Felizmente Mandume estava vivo, embora muito maltratado. Perdera a consciência e o diagnóstico era muito reservado.

— Por favor, deixem-me só dizer-lhe duas palavras.

— Tens um minuto.

Poisando a minha mão na sua, disse-lhe quase num sussurro:

— Plúmbeo, tem força que eu estou aqui à tua espera, eu e todos os teus amigos, para dançarmos a semba e o kuduro, o folclore, valsas e tangos, mesmo que te deixe os pés mais pisados do que estás agora, hás de sobreviver! E, assim, confiei-o aos especialistas.

Capítulo V

O silêncio cortante rasgava o meu íntimo. Nesse instante, não sabia o que mais me afetava, se o ruído agressivo das palavras que sempre ouvira quando estava diariamente na escola, se hoje que me encontrava encolhido no vazio daquele lugar que me parecia escuro onde abandonado me encolhia temendo pela minha vida decerto presa por um fio...

Aquele silêncio ensurdecedor ecoava nos meus ouvidos e eu só pedia de volta as censuras veladas de três dos meus colegas de turma, quando nos intervalos me tentava esgueirar para locais mais sossegados que me permitissem estar comigo, longe das suas línguas afiadas, ou para perto dos meus amigos, ou da Ana Rita, a minha melhor amiga.

Mas, hoje atirado para aquela valeta, onde jazia meio inconsciente, onde me parecia que ninguém passava, de que valeria? Quase adivinhava as palavras de alguém que me visse

ali caído: “Olhem o negro, deve estar podre de bêbado!” Jamais se iria pensar que eu tinha sido vítima de sequestro e de uma forte sova.

Jamais olhariam duas vezes para aquele rapaz que sempre fora ninguém!

Eu não queria morrer, mas ninguém me iria procurar. Como saberiam onde me encontrar? E os autores de tão heroico feito não o iriam fazer.

Lembro com saudade aqueles dias em que deixei a minha terra, a minha Luanda, a minha Angola... Vim de tão longe para este país do Norte que, muito embora fale uma das minhas línguas, o português, é tão diferente do meu. Mas tenho saudades do meu kim-bundu, embora o treine frequentemente com a mãe, não é o mesmo. Gostaria de o falar com os meus outros amigos.

Sinto saudades daqueles rapazes com quem jogava à bola no final da escola e de uns tantos biscates que prazenteiramente fazia lá na Cidade Alta, a “Nova Cidade” em que ganhava uns poucos kwanza que ajudavam na casa e, por vezes quando a sorte bafejava, também davam para o futebol do fim de semana.

Mas, nem por vezes, na minha terra podia andar descansado. Bem sentia na pele o olhar esquelhado daqueles bem-falantes que me julgavam sem me conhecerem. Que me rotulavam, incriminando-me de atos ainda nem planeados, jamais por mim imaginados. Mas que as mentes mesquinhas e perversas destas pessoas altivas e maníacas pré-concebiam em meu desfavor. De início, eu nem pressentia o que realmente se passava. Contudo, aos poucos eu compreendi. Compreendi. Mas fingia não compreender. Aqueles olhares queimavam a minha pele já negra de si. E eu, que dali era nativo, parecia ser o alienígena...

Mais uma vez, senti o frio que me subia pela coluna que me lembrou o meu clima quente e húmido, mas tão surpreendentemente seco. Poderia eu estar em Luanda? Sentia uma chuva fria abater-se sobre mim. Fria muito fria, que me inundava o meu corpo e me regelava as entranhas. Não, não pode ser Luanda. Pois o curto período de chuvas acontece nos meses de março e abril e estamos em janeiro, sim ainda estamos a iniciar o segundo período de aulas. Sim, não posso estar em Luanda. Estou a delirar.

Já me lembro: o carro... os rapazes, a sova, a valeta. A solidão!...

As aulas. Estou a faltar às aulas! Estou a faltar à minha disciplina de eleição, a Matemática.

Como gosto das aulas. De aprender, de sentir o gosto do saber a penetrar em mim. De ver a minha mente a abrir-se ao conhecimento. De ouvir os professores a explanarem as matérias, a sentir que estou a desbravar o desconhecido, a abrir horizontes. Como adoro os professores a mostrarem-me possibilidades e a encorajarem-me a encontrar o meu caminho!

Já viemos de Luanda em agosto do ano passado. A minha mãe veio em busca do sonho europeu. Decidiu juntar os trapos e vir conhecer o seu outro país, como gosta de dizer. A maioria da minha família pertence aos Ambundo. Contudo, o meu bisavô era português. Encheu-se de amores pela minha bisavó e acabou por casar com ela apesar de toda a oposição por parte da família. Ninguém conseguiu demover o feliz casal, ajudados pelo facto de a noiva já se encontrar de esperanças...

Trabalhámos muito, eu e a minha mãe, poupámos muito dinheiro e quando conseguimos os Kwanza suficientes para a viagem, e mais alguns de mealheiro, decidimos partir. Feitas as despedidas do trabalho da casa onde trabalhava, para uns portugueses que residiam próximo do porto, numa das suas ruas estreitas, num antigo edifício colonial,

na Baixa de Luanda, a minha mãe e eu fizemos as malas, se é que se pode chamar-lhes assim, e lá partimos rumo a Portugal!

O rosto belo de minha mãe, embora cansado, tem sempre um sorriso estampado. Quando sai para o trabalho, fosse ainda em Luanda, seja agora aqui em Anadia, quando vai para a fábrica de sanitários, dirige-me uma palavra amiga com o seu belo sorriso, o que me faz pensar como a vida deve ser bela e não me permite nunca estragar-lhe aquela expressão. Por isso, não a apoquento com alguns dos meus problemas.

O meu acordar é sempre um misto de prazer e de medo. Prazer, porque sei que me aguarda mais um dia de aulas, que aprecio como uma bela refeição em que sacio a minha fome e a minha sede. Prazer, porque tenho muitos amigos que aprecio e sei que gostam de estar comigo. Gostam de falar comigo, trocamos experiências. Falamos das nossas culturas, das nossas vivências, tão diferentes e ao mesmo tempo tão iguais.

Medo, pois continuo, como em Angola, a sentir aquele pavor que me queima a minha negra pele e apenas por isso mesmo: por ser negra. Não são todos, eu sei! Apenas uns tantos. Três, para ser mais exato. Mas o suficiente para me manter com medo. E este é um segredo que mantenho apenas meu. Nem a Ana Rita, a minha melhor amiga, o conhece! Olham para mim como se eu fosse culpado. Nem eu sei de quê. Como se eu fosse cometer um crime. Ou como se já o tivesse cometido. Sinto, tal como sentia em Luanda, aqueles olhares que penetram o meu íntimo e me derretem e esmagam como se pegassem em cada um dos meus órgãos e mos dilacerassem um a um e eu, espetador impotente, assistisse a este massacre e nada pudesse fazer. Mas sinto!

Agora estou aqui, sozinho, e não tenho ninguém que me possa socorrer. A minha mãe? Pensa que estou na escola.

Saí de manhã, como faço todos os dias. Percorri o mesmo caminho de sempre. Até àquele momento fatídico em que aquele carro parou junto de mim e me perguntaram onde ficava a escola.

Bem vi que era o Paulo, mais os outros dois colegas de turma, são aqueles os únicos que temo, pois são aqueles que não têm quaisquer problemas em afirmar que detestam os pretos, que “os pretos só servem para limpar os pés... mas é se estiverem com botas e estas têm de estar com bosta... se não nem vale a pena!” E isto é das frases mais agradáveis que conseguem exprimir.

Claro que continuei como se não tivesse ouvido. Eles chegaram o carro à berma da estrada e dois deles saíram e pegaram em mim, empurrando-me para o interior do carro, depois de me terem tapado a boca e o nariz com algo. Penso que desmaiei, pois não me lembro da maior parte do percurso.

Tiraram-me para fora do carro. Ainda ouvi um, pareceu-me a voz do Paulo dizer: “Vamos embora!” Mas os outros riram-se e gritaram: “E perder a oportunidade?! Anda dá-lhe! Então, pontapearam-me e, finalmente, acabaram por me atirar para a valeta, arrancando em alta velocidade.

As suas gargalhas infernais ainda ecoaram durante algum tempo na minha cabeça. As dores do meu corpo foram aos poucos relevadas para um plano inferior, acabando por fazê-las desaparecer.

Agora a dormência em que estou traz-me só recordações. Infelizmente, quase todas são más, pois sinto-me a perder o meu corpo e a mente está por um fio. Tento agarrar-me às imagens boas da minha vida, pensar... Não quero partir. Apesar de todas estas recordações, eu sei que tenho muitas outras boas, que gostaria de lembrar, de viver.

Quero abrir os olhos e sentir o azul celeste. Ver o brilho do sol, o verde da vegetação, o azul das águas que pressinto em algum lugar. Tento que uma pálpebra se agite para ver o que se passa. O meu olfato diz-me que algo se passa. Mas, é outra recordação e penso sentir a Ana Rita junto de mim. Porém, devo estar mesmo a morrer...

Capítulo VI

O silêncio é absoluto. O branco que me rodeia imaculado. A paz que sinto é tão profunda que devo mesmo ter chegado a algum lugar paradisíaco.

De repente, o som de algo que não me é estranho faz-me virar a cabeça e o sorriso de um belo rosto tão meu conhecido aparece por trás de uma porta que se abre.

— Mãe!

— Pensavas que podias livrar-te de mim?

— Tive tanto medo...

— Deixa isso, meu amor. São águas passadas. Depois, quando um dia te sentires bem, talvez me queiras contar. Hoje falemos de outras coisas bem mais interessantes e belas.

— Os meus amigos?

— Bem, tive de pedir para se acalmarem se não o hospital expulsava-os.

— Estão lá fora?

— Claro! Tens muitos amigos, que gostam muito de ti e a quem poderias ter recorrido. Eles sempre estiveram lá. Mas o orgulho não te deixou ver. Às vezes tens de saber partilhar, ser humilde e sincero, é muito importante. Ajudar os outros faz bem e faz parte da amizade! Lembra-te disso. Pois os teus amigos contam com isso. De maneira alguma, gostariam que tu lhes virasses as costas, se necessitassem de ti. Eles não o fariam. Mas precisam de saber que precisas deles. No momento em que souberam, moveram o Mundo...

— O quê?!

— Os teus colegas estão presos. Apesar de menor, o Paulo foi para uma instituição diferente dos outros dois. Aguardam julgamento. Mas os teus colegas já foram ouvidos numa audiência preliminar. O testemunho da Ana Rita e de outros colegas da turma foi fundamental. Alguns já se tinham apercebido de algumas bocas. Nunca pensaram que eles chegassem tão longe. Mas o mais importante foi o testemunho do vosso professor de Matemática. Esse foi o que acabou com todos os argumentos.

— E a Ana Rita, também veio?

— Claro. Só pode entrar uma pessoa de cada vez. Aqui a velhota já está há demasiado tempo, não é?

— Por favor, mãe, sabes como eu te amo...

— Claro, claro! - disse a mãe, enquanto me beijava e se preparava para sair.

Entretanto, Ana Rita chegava. Trazia umas gangas azuis desbotadas e uma camisa também azul mais escura. A comunhão com os seus olhos também azuis era perfeita. O sorriso fácil sempre me cativara, desde aquele primeiro dia em que interrompera a minha leitura. Eu esquecera o que lia e ficara fascinado bebendo aquela claridade de juventude que ela emanava.

— Olá, como te sentes?

A forma simples dela deixava-me sempre atrapalhado e, simultaneamente, deliciado.

— Bem, dadas as circunstâncias.

Durante algum tempo falámos de banalidades, mas havia algo que me estava a pesar o pensamento e não queria deixar passar. Tinha de deitar para fora. Era o momento:

— Ana Rita, tu estiveste lá?

— Lá? Lá onde?

— Na Gralheira.

— Sim. Já lá fui com os meus pais. A minha mãe conta que me deu lá de mamar. Depois já fiz a viagem de bicicleta.

— Para! Não gozes comigo. Não é isso que te estou a perguntar e sabes bem!

— Ok. Estive. A Sra. Diretora levou-me lá. Já lá estava o INEM e a GNR.

— Tu falaste comigo?

— Sim. Peguei-te na mão e disse-te qualquer coisa.

— Chamaste-me “Plúmbeo”?

— Sim.

— O que significa?

— Não sabes?

— Não.

— Plúmbeo significa cinzento. Cinzento porque é a cor do chumbo.

— Não te estou a perceber...

— Quando te vi pela primeira vez, fixei os teus olhos magníficos de uma cor cinzenta tão bela que só me lembrei de uma palavra para os descrever: plúmbeos. O fascínio doce e o carinho, que eles me lançaram, levaram-me a aproximar-me de ti e a querer ver se o dono era realmente igual àquilo que os olhos transmitiam. Tão diferentes da cor da tua pele, mas que combinam tão bem... Fiquei fascinada!

— Uau! Parece que foi recíproco!

Capítulo VII

A vida não parou.

O tribunal determinou que os três rapazes eram culpados, por terem violado vários dos artigos presentes na Constituição Portuguesa. Não retivemos todos os aspetos, mas retivemos que o juiz referiu que, segundo a nossa Constituição, ninguém pode ser submetido a tortura, nem a tratos degradantes ou desumanos; que a todos são reconhecidos os direitos à proteção legal contra quaisquer formas de discriminação e que todos têm direito à liberdade e à segurança.

O testemunho do Mandume foi o culminar do processo. Muito embora tenha atenuado a pena do Paulo. Pois o juiz acabou por considerar que o Paulo foi arrastado pelos outros dois e não conhecia as suas intenções maléficas.

Segundo Mandume, Paulo apenas pensava que pretendia tratar-se de uma brincadeira, embora de mau gosto, mas nunca de uma violência gratuita. Também afirmou que ele jamais lhe tinha dirigido impérios e que era atizado pelos outros, realmente dizia-lhe uns disparates, mas nunca tão racistas como os outros.

Assim, enquanto Paulo saiu em liberdade, embora com uma pena de prisão suspensa, os outros tiveram pena de prisão efetiva.

Jamais iria pensar que em pleno século XXI ainda pudesse haver situações de racismo.

Infelizmente, posso afirmar pelo exemplo que vivenciei que ainda existem.

Hoje é o primeiro dia de aulas após o julgamento. O Paulo vai regressar à escola.

O dia decorreu normalmente. Afinal, o Paulo não apareceu. Tento imaginar o que ele sente, o que pensa e sei como deve ser difícil para ele.

Ao longo do dia, as conversas invariavelmente vão todas cair no que sucedeu. Eu já não posso ouvir falar delas. O Mandume tornou-se num herói. Temos mais alunos de cor. E esses têm-no procurado, como nunca o fizeram antes para o saudar e assoberbam-no com questões que o deixam incomodado. Outros, dos países de leste e até portugueses de raça branca, que também nunca lhe falaram, não que o desprezassem, nada disso, não o conheciam, neste mundo que é a nossa escola, ele era apenas mais um aluno, vêm ter com ele e oferecem-lhe a sua amizade. Qual amizade? Nem o conhecem. Bem, isto é o despeito a falar. Eu também não o conhecia e ofereci-lhe a minha. Mas foi diferente, não foi? Afinal eles até o conhecem melhor do que eu o conhecia na altura. Mas eu sou da turma dele.

No final do dia, conseguimos ter um momento para nós. Eu e Mandume. Parecia termos regressado ao passado. Bem, quase...

— Viste o Paulo?

— Não.

— Queres ir comigo a casa dele?

Olhei assombrada para Mandume.

— O quê?

— Ouviste bem o que eu te disse.

— Ok! - disse-lhe, sem o questionar. Não valia a pena. A sua afirmação valia por todas as palavras do mundo. Eu sabia o que ele queria.

Apareceram então alguns outros colegas de turma, os que haviam estado na festa.

— Vamos a casa do Paulo, não é?

Como é que eles conheciam tão bem aquele nosso novo colega? Como é que eles sabiam que ele ia reagir assim?

— Sim. - acabou Mandume por dizer. - Toda a ajuda é bem-vinda.

Juntos caminhámos pela avenida abaixo e dirigimo-nos a casa do Paulo.

A nossa turma estava quase toda reunida, junto da campainha do prédio onde ele morava. Mandume acabou por pressionar o botão. A turva voz de uma mulher perguntou quem era. Feitas as apresentações, a senhora, que era a mãe do nosso colega, abriu a porta e veio ela mesma atender-nos, pois moravam no rés-do-chão.

— O Paulo não se encontra!

Mas todos vimos como os lábios tremiam, ao dizer aquela mentira inventada numa pressa de nos mandar a todos embora.

— Em princípio ele vai mudar de curso. Já andava a pensar fazê-lo há algum tempo, mas nós não queríamos, pois tinha de ir para outra escola e sabem como é, fica mais longe e as saudades são muitas. Mas a tia disse que não se importava de ficar com ele. Portanto, se calhar vai amanhã para Guimarães. É longe, eu sei. Mas pelo menos vai fazer o que

ele quer!

Disse-o tão rápido e tão atabalhoadamente que ninguém conseguiu dizer nada. O silêncio abateu-se sobre todos nós de um modo tão assustador que parecia que ali não se encontrava viva alma!

— Mãe! Eu falo com eles.

Todos fitámos aquele rapaz arrogante que agora estava pálido e que parecia que tinha o mundo sobre o seu corpo.

— Paulo! - começou por dizer Mandume.

— Não! - exclamou Paulo. - Quem fala sou eu. Sabes, eu nunca gostei de pretos.

— Paulo! - gritou a mãe.

— Deixa-me continuar. Mas nunca te quis fazer mal. Mandar-te umas bocas era uma coisa, deixar-te naquele estado era outra completamente diferente. Agora estou a pagar por aquilo que fiz. Ou antes, os meus pais tiveram de pagar e eu vou ter de andar direito. Mas é difícil eu encarar os colegas, a escola, os professores. Não consigo voltar... Portanto pedi aos meus pais para sair. Eles querem que eu continue a estudar e vou então para essa escola que a minha mãe vos falou. É tudo. Peço-te desculpa. Mas continuo a não gostar de pretos. Não é de ti, compreendes? É de pretos!

— Paulo, - era a vez da Ana Patrícia, a nossa delegada de turma a falar. - Tu consideras-te superior ao Mandume?

— Superior?

— Sim, superior.

— Bem. Não. A mãe dele até trabalha com a minha na fábrica.

— Então. Aí não há qualquer diferença. Achas-te mais inteligente que ele?

— Como? Se ele tirou das melhores notas da turma e eu até tenho negativas.

— Então, até aí estamos conversados. Achas-te mais bem comportado nas aulas do que ele?

— Também não.

— Continuamos conversados. Ele e a Ana Rita continuam a ser os melhores, não é? E a nível financeiro?

— Bem, aí até somos capazes de ter um pouco mais. Eu tenho os meus dois pais. E ele só tem a mãe.

— Infelicidade dele, não é? Mas isso pode mudar, com a inteligência dele e com a aproximação da nossa idade à adulta, à idade de nós trabalharmos. Enfim, à nossa entrada no mercado de trabalho. Qual consideras que tem mais hipóteses?

— Bem, eu sou branco.

— E achas que isso é mais válido?

— Talvez...

— Pois. É por isso que tens as notas que tens! Então, vou dizer-te uma coisa. Parece-me que os melhores alunos da turma são o Mandume e a Ana Rita. Ninguém duvida! Os piores eram o Xavier e o Rodrigo e depois tu. Certo?! Todos os outros, uns melhores outros piores, lá se vão safando sem quaisquer notas negativas. Todos estamos a lutar por uma entrada na faculdade. A nossa turma é considerada a melhor do 12º ano da escola, embora com umas ovelhas negras! Mas, continuando, vocês os três mais doutos, que por acaso são os piores na avaliação, vêm dar-nos lições acerca da existência de raças huma-

nas distintas e umas superiores às outras?! Essa teoria foi muito bem aceite na época da escravidão, na altura dos genocídios. E vocês, quais sábios e detentores da verdade absoluta, lutam por essa discriminação. Claro que tu não pretendias que fosse executado de um modo tão explícito como o Xavier e o Rodrigo, que levaram o seu racismo a posturas mais radicais, como as atitudes violentas e mesmo criminosas contra o nosso colega. Só espero que o teu racismo não tenha sido um eco da tua educação, pois lamentaria pela mãe do Mandume, que me parece ser uma excelente pessoa.

— Não, - disse a mãe de Paulo - nós não somos assim. Eu já pedi imensas desculpas a D. Tereza. Não sei onde o meu filho foi buscar estas ideias racistas, nem de violência. Mas nós sempre lhe ensinámos a ser tolerante e a ver no outro um ser igual. Não compreendo. Não o compreendo. - e, voltando-se para Mandume, ajoelhou-se à sua frente e com os olhos repletos de lágrimas, pediu-lhe desculpa.

Mandume, não sabendo o que fazer, pegou-lhe nas mãos e tentando levantar a pobre senhora que perante todos sofria por si e pelo desvario do seu filho, apenas disse:

— Eu não tenho nada a perdoar-lhe, nem à senhora, nem ao seu filho. Cada um é como é. Ele tem o direito de pensar aquilo que quer. Só não tem o direito de interferir com a minha liberdade.

E virando-se para o Paulo:

— Paulo, não me importo que fiques na escola, nem na turma. Não me importo que me fales ou que o não faças. Podes odiar os pretos como dizes. Isso é problema teu. Não te admito é que me ofendas, que me olhes como se eu alguma vez te tivesse feito algo de mal, como se eu fosse um criminoso. Eu faço aquilo que todos fazem: luto por um lugar ao Sol e gosto de ter um lugar só meu. Não gosto que me perturbem e não gosto de me sentir ameaçado. Não gosto de sentir-me vigiado. De ir na rua e sentir que há olhos que me seguem, que me criticam, apenas porque o tom da minha pele é diferente. Alguma vez te questionaste se eu gosto de brancos?

Todos olharam fixamente Mandume.

— Sim é a resposta. Como gosto de pretos, de amarelos, de vermelhos. Por exemplo, havia muitos chineses em Luanda e gosto deles, porque são seres humanos. Gosto de todos nós, porque somos todos humanos!

Dito isto, Mandume virou-se para a mãe de Paulo e proferiu:

— Boa tarde, minha senhora, tive muito gosto em a ter conhecido. Paulo, podes contar com a minha amizade, quando esqueceres os teus fantasmas. Amigos, muito obrigado a todos pelo vosso apoio.

E, dizendo isto, desceu os poucos degraus que se dirigiam ao passeio e seguiu o percurso que o levaria a casa. Contudo, deu para perceber que nos seus plúmbeos olhos brilhavam umas lágrimas que ele teimava em não deixar sair.

Dois dias depois deste memorável episódio e um tanto distraída pela confusão do momento daquelas entradas iniciais das aulas de Matemática, nem dei pela chegada do aluno que tanto borburinho causou na sala. Ainda alheada e preparando o meu caderno diário para a aula, olhei meia absorta para a carteira da minha esquerda. De repente, parecia ter visto o Paulo! Definitivamente estava mesmo distraída. Voltei a olhar e lá estava ele. Paulo?! O que estava ele ali a fazer? Então, não fora para... onde era mesmo?! Guimarães?

A aula decorreu normalmente e no final saímos surpresos. Mas nenhum de nós queria falar sobre o regresso do nosso colega.

Como sempre, dirigimo-nos para a cantina e na fila falámos de banalidades.

O período estava a acabar, o estudo já não era uma prioridade e o dia solarengo convidava-nos a repousar debaixo daqueles arbustos que ladeavam os campos de jogos. Foi para aí que a maioria de nós dirigiu os nossos passos após o almoço. As conversas mantinham-se banais, embora todos ansiássemos por abordar a questão que nos mantinha em ebulição.

— Posso juntar-me a vocês?

Quase saltámos, quando ouvimos a voz daquele que prendia os nossos pensamentos desde a primeira aula desse dia.

Mandume antecipou a resposta que nenhum de nós conseguiu articular, tal a surpresa que estava espelhada em todos os rostos.

— Senta-te. Aprecia connosco a magnificência deste início de tarde. Vê como o sol brilha e nos dá a todos a sua luz e calor.

Ana Patrícia, que como todos nós estava boquiaberta, comentou:

— Pois, e é igual para todos!

— Eu sei, Ana Patrícia! - disse Paulo - Estou aqui, não estou? Não fui embora. Não fugi. Não fui para Guimarães. Pensei muito em tudo o que me disseram. No que fui. No que fiz. No que me tornei. Naquilo que me quero tornar. No que quero ser. E tenho a certeza de uma coisa: não quero ser um homem que luta contra outros homens. Não quero ser um ser humano que luta contra outros seres humanos. Quero ser alguém. Sim, quero ser alguém.

Paulo, nesse momento, começou a perder a voz e, pela primeira vez, vimo-lo a chorar. Mas sentimos que estava envergonhado, não pelas lágrimas que livremente deixava que circulassem pelas suas faces, mas pelo que um dia tinha sido. Aproximou-se, então, de Mandume e sem que este contasse tomou-o nos seus braços e envolveu-o como se faz com o melhor dos amigos e soluçando, cada vez de forma mais audível, apenas conseguiu articular:

- Perdoa-me, Mandume! Perdoa-me todo o mal que te fiz.

Toda a turma circundou os dois colegas e não sabendo mais o que fazer, aplaudimos veemente os dois que agora choravam e riam num misto de prazer e alegria que nos contagiava a todos.

Durante as férias da Páscoa, o Paulo ajudado por toda a turma e, muito particularmente pelo seu novo amigo, estudou as matérias desleixadas. Reviu todos os conteúdos e, quando chegou à escola, no início do 3º período estava apto a acompanhar a turma no seu curso normal.

Os professores nem queriam acreditar na mudança operada. Gabaram o empenho e o entusiasmo do Paulo. Mas este atribuiu a sua recuperação a toda a turma, muito particularmente a Mandume, a quem teceu rasgados elogios e perante todos os professores louvou a sua paciência, honestidade, simpatia e amizade.

Epílogo

A turma decidiu apresentar a toda a escola um trabalho final e o Paulo pediu para ser ele a dar o mote ao trabalho. Ficámos à espera do tema e, quando ele o apresentou, todos concordámos. E, uma vez que tinha sido ele a escolhê-lo, decidimos nomeá-lo porta-voz

da turma, o que muito o honrou. Nenhum de nós se mostrou arrependido, pois ele foi digno do nosso voto.

— “Exma. Sra. Diretora, Sras. Professoras e Srs. Professores, Pais e Encarregados de Educação presentes, caros colegas,

A missão que hoje tenho é muito difícil e ao mesmo tempo uma honra.

Em tempos não muito distantes, e todos vocês são conhecedores, fui notificado pelo tribunal. O Jornal da Escola, que é dinamizado pela turma a que pertencem e coordenado pela Dra. Adriana Sofia Matos, nossa querida professora, soube suavizar o meu desempenho no processo contra o meu atual amigo Mandume.

Via nas pessoas de cor um ser inferior. Alguém que deveria desprezar. Não pensem que fui educado nesses preceitos. Nem em casa, nem aqui na escola. Não posso dizer desde quando é que senti esse ódio. Só sei que foi crescendo em mim, que se enraizou e que o decidi expressar na pessoa do Mandume, aqui presente. Porquê? Não tenho resposta para tal pergunta.

A Ana Patrícia, a delegada da minha turma, tentou que eu lhe desse resposta, fazendo-me algumas perguntas. Perguntou-me se eu me sentia superior a ele. E essa foi logo a mais fácil. Disse-lhe logo que sim! Depois dificultou tudo. Se me sentia mais inteligente. Safada! Ele vai ganhar o prémio de melhor aluno da escola em conjunto com a Ana Rita. Se era mais bem-comportado que ele. Pois eu era dos mais malcomportados (ele é um betinho do comportamento!).

E sabem o que ela conseguiu com tudo isto? Destabilizar-me.

Tudo o que ela fez foi desorientar-me.

Mas, não foi o pior. Não! O pior estava para vir. O pior de tudo foi ouvir o próprio Mandume dizer que não tinha nada a perdoar-me, que eu tinha o direito de pensar naquilo que quisesse. Só não tinha o direito de interferir com a sua liberdade e fazer-me pensar, quando disse que gostava das pessoas, porque somos todos humanos!

Segunda-feira vamos continuar a estudar para os exames. Digo que continuamos, pois há muito que o andamos a fazer. E agradeço a todos eles o sacrifício que fizeram para me orientarem e levarem para o bom caminho. Consegui recuperar a todas as disciplinas e sei que vou continuar a conseguir bons resultados.

Eu tenho uma turma fantástica que partilha os bons e os maus momentos, que ajuda quem precisa e quando precisa. Temos sete alunos estrangeiros na nossa turma, a Anastasiya, o Andriy, o Brian, o Mandume, a Marion, a Silviya e o William, com eles partilhámos bons momentos interculturais. Viajámos por Portugal e pelos países dos meus colegas e esses momentos foram únicos e muito ricos.

Mostrámos uns aos outros que o convívio nos permitia não apenas o divertimento, mas a troca de experiências, o conhecer outras realidades. Disfrutámos de outros mundos sem sairmos da nossa terra, aprendemos sobre cada um dos seus países e demos a conhecer o nosso. E essa riqueza ninguém nos pode tirar...

Todos estes vinte e sete alunos do 12.º Z, que estão sentados no chão à minha volta, foram os que deram asas à promoção da interculturalidade e do combate ao racismo. Eu apenas fui um daqueles três que quis estragar esses momentos.

Só gostaria de vos dizer: sejam como eles, ajudem o mundo a ser melhor. Pensem apenas como o Mandume: “gostem das pessoas, porque somos todos humanos!”



Vi um negro e olhei-o nos olhos

Vi um negro e olhei-o nos olhos
ele olhou para mim e sorriu.
E eu, como ele era diferente,
Virei-lhe a cara
E ele continuou sorridente
A olhar para mim.

Autora:

**Diana Raquel
Fernandes
Freitas**
15 anos

Ele virou-se e disse-me:
Menina bonita, não tenhas medo de mim.
Não é a cor da pele
nem a cor dos olhos
Que faz a diferença-
É o que sentes cá dentro
na consciência.

Então, eu dei-lhe a mão
e também sorri.
E ele logo disse:
Menina bonita
eu gosto de ti.

Com este momento
O negro fez-me ver
Que o amor vem do coração
e não das raças nem da cor
a que tanto damos valor.





CATEGORIA III

Participantes maiores de 18 anos

Ana Paula Dias de Pinho Oliveira

1º prémio

Antónia Rosa Cristo

Delmar Francisco Maia Gonçalves

José Fernando da Silva Magalhães

Jéssica Beatriz Anastácio Jacinto

João Alberto Fernandes Roque

Joaquim Jorge Silva Carvalho

Joaquina de Lurdes Martins Silva

Luís Paulo Mendes Amaro

Marcella Rodrigues dos Reis

Rita Borges Gouveia

Rosa Maria de Jesus Malveiro

Rosália Santos Correia

Sónia Marisa Marques dos Santos Fazenda

Telma Marlise E. Silva

Teresa Maria Lino de Araújo Ferro

Virgínia Maria Fortunato Carlos Antunes Doblado

Nyambura

Mal olhou para os papéis com informação sobre a mulher vítima de atropelamento, acabada de entrar nas urgências do hospital para ser operada, N. reconheceu o nome mas desejou que não fosse de dela.

— Há muitos nomes iguais - pensou – só pode ser coincidência!

Mas aquele nome, Elvira de Mendonça Távora, ficou a martelar na sua cabeça. Não! Não podia ser coincidência. Demasiado pomposo e invulgar para ser repetido. Certamente era ela ou, então, seria alguém da família. E os medos antigos voltaram, avassaladores. Não e não! Não podia ficar ali a tremer! Tinha de se manter calmo para operar, ela ou outra pessoa qualquer, sem distinções nem traumas!

Estes pensamentos não o largavam enquanto se desinfetava e se preparava para uma operação que iria durar horas. Concentrou-se na música de fundo, que ouvia sempre enquanto operava, para relaxar. Shubert inundava a sala de operações com a sua “Fantasia”¹ e a cabeça de N. fantasiou numa ansiedade crescente.

A porta abriu-se no momento exato em que começava o “Adágio-Presto Alegro” e a maca deu entrada transportando uma mulher de setenta anos, adormecida e demasiadamente amachucada para se prever que iria sair dali com vida.

N. olhou-a e apagou todas as dúvidas. Os seus olhos azuis, herdados de uma avó branca casada com um negro que lhe contava estórias de escravos, retinham bem aquela imagem desde a infância. Era ela! Apesar dos anos e do acidente que lhe deixaram marcas profundas, havia naquele rosto algo que não conseguia esquecer. Um rosto afiado, quase viril, que espelhava a dureza de uma personalidade austera. Adormecido e cheio de arranhões, aquele rosto não perdera a rigidez, busto de mármore que não conheceu sorrisos. E a mão direita, também inconfundível! Uma mão queimada que nunca perdeu as marcas.

Mas N. era um profissional competente e não deixou que a mágoa, a raiva, a frustração se apoderassem dele. Acima de tudo, aquela mulher era um ser humano que precisava dele e ele estava ali para a salvar. Mas não pôde evitar que, na sua cabeça, vagueassem as imagens antigas ainda tão nítidas. E foi a película de uma longa-metragem que passou diante dele, durante todo o tempo da operação. Nem Shubert lhe desviou o pensamento.

Há estórias que não se esquecem, nunca. Teria eu uns dez ou onze anos e vivia numa pacata aldeia de chão tão negro como os seus habitantes. Andava todo o dia à solta e, mesmo na escola caiada de branco, observava constantemente o céu, esse céu de um azul bem claro. Muitas aulas eram dadas ao ar livre, à roda de uma velha árvore onde a professora encostava um quadro tão negro como os alunos e quase tão velho como a árvore. Chegava sempre sorridente e distribuía, por todos, os livros que trazia num saco de verga. Usados e gastos pelas mãos que os folhearam, foi por eles que aprendi a ler e a sonhar, a questionar e a criticar. E a ser livre.

A meio da manhã, a professora libertava os alunos, durante meia hora, e jogávamos à bola sob um sol quente que nos deixava transpirados mas cheios de energia para pegarmos nos lápis e no giz e passarmos às contas.

E tudo era paixão: a leitura, as contas, as corridas, o jogo da bola, as risadas, a liberdade. Um dia, tudo mudou e até parecia que o sol se escondera de envergonhado.

Chegaram homens em tanques. Descarregaram armas e ódio. E, nessa altura, aprendi o que não tinha aprendido na escola. Aprendi a ter medo e conheci o significado de muitas palavras que não sabia existirem.

1 *Wanderer-Fantasie*, Opus 15, Franz Shubert

Autora:

**Ana Paula
Dias de
Pinho
Oliveira**
52 anos

1º PRÉMIO



Com a minha família, e com muitas outras famílias, tive de abandonar a aldeia. Fugir. Uma das palavras que também desconhecia.

Mas, o que eu desconhecia completamente é que a guerra ainda mal começara e que muitas palavras novas, feias e frias entrariam no meu vocabulário. Bem depressa!

Depois de uma viagem atribulada, chegámos a um país onde tudo era novidade. Imediatamente aprendi o significado de prisão. Éramos refugiados e essa etiqueta colou-se-nos à pele. Não podia correr livremente nem jogar à bola na rua. Não podia andar à solta, descalço, como tinha crescido. E, sobretudo, não podia suportar os olhares de muitas pessoas, onde eu lia desprezo, nem as ordens que me davam como se fosse um cãozito vadio:

— Sai daqui! Põe-te no teu lugar. Isto não é para pretos.

Bem gostaria de lhes responder que não conseguia esquecer a minha terra. Estava bem gravada na minha memória, no meu coração, em todo o meu corpo, em toda a minha cor. Encolhia-me para passar despercebido. Olhava o céu e refugiava-me no meu silêncio.

A máquina acusou batimentos cardíacos acelerados da mulher inconsciente e N. regressou dos pensamentos e prestou atenção às mãos delicadas que cortavam e cosiam com experiência e mestria de mãos de modista que talha o mais delicado vestido de noiva. Mas, rapidamente, o seu pensamento voltou de novo a fugir dali e as mãos voltaram a trabalhar maquinalmente.

O outono fazia-se anunciar e as primeiras folhas despediam-se vagarosamente das árvores que rodeavam todo o pátio escolar. As aulas já tinham começado há três semanas mas, só naquela altura, os meus pais conseguiram a transferência e dei entrada na escola. Diante do portão, enfrentei os medos e apelei à coragem para prosseguir. Tinha perdido tudo. Os amigos, a escola caída de branco, a árvore que segurava o quadro, a casa. E o calor. E a esperança de voltar a ser feliz. As perguntas, inquietas, atormentavam-me. Quem iria encontrar pela frente? Com quem iria falar? O que me iriam ensinar? Seria a professora tão doce como a que ficou na minha aldeia, abatida por uma mina? Sentia-me só, sem defesas para enfrentar o desconhecido.

Frente à escola, agarrado à mão do meu pai, ouvi vozes de alguém que passava perto:

— Mãe, estão ali dois pretos!

Tremi. O meu pai tentou acalmar-me, sem nunca me largar a mão.

Entrei, finalmente. Fui recebido por uma funcionária que me conduziu à sala de aula.

— Senhora professora, acabou de chegar o novo aluno, Nyambura. Disse-me o pai dele que gosta que o tratem por N..

Vinte pares de olhos fixaram-me com curiosidade. Um par de olhos fixou-me com desprezo.

— Senta-te aí ao fundo e vê se não incomodas! – espingardou a professora.

Tinha vivido os últimos tempos a ouvir tiros e explosões mas, naquele momento, essa foi a pior. As palavras da professora fizeram explodir a pequena réstia de esperança que me sobrava e o mundo desabou exatamente no ponto onde eu me encontrava. E os medos cresceram. Já não era o medo dos tiros, nem do desconhecido, nem da novidade. Agora, acabara de somar o medo da diferença. E, sobretudo, o medo das palavras.

De novo tentei ser invisível. Tentei não incomodar, como me pediu a professora. Mas isso tornou-se impossível. Como poderia não incomodar se eu era naturalmente curioso e gostava de saber? Como poderia ser invisível se ouvia a professora falar da natureza, das árvores, das flores, dos rios e das montanhas, das estrelas e dos planetas? Tinha de dar a minha opinião sobre as minhas árvores, as minhas flores, as minhas estrelas e os meus rios e montanhas, tão diferentes daqueles que a professora mencionava e mostrava no livro.

Mas a professora não me dava a oportunidade de partilhar com a turma o meu saber.

E eu não entendia. Ouvia toda a gente falar tão bem dela! Que era uma mulher de família poderosa, íntima dos padres e da igreja, que vestia talentos e virtudes! Todos diziam que o seu lugar no céu estava reservado por ser tão generosa com as esmolas que dava na missa.

E a generosidade na escola? E a generosidade na vida?

A professora deveria ser bruxa. Adivinhava os meus mais recônditos pensamentos para me recriminar. E ignorava o meu nome, mesmo quando me queria humilhar:

— Rapaz, não sabe o que significa obedecer? Vá apagar o quadro que é para isso que servem os negros!

E era para isso que eu servia. Apagar o quadro, apanhar o lixo do chão, ser moço de recados, e não precisava de aprender a ler, escrever, raciocinar, criticar, sonhar... como se a escravatura não tivesse sido abolida há tantos anos!

Bem sabia que tinha alguns problemas com o português. Era, também, a minha língua mas diferente deste português falado nesta terra de desconfianças. Desconhecia palavras difíceis, não entendia, muitas vezes, a forma como a professora falava, numa pronúncia afetada e sem meiguice. A minha antiga professora tinha música nas palavras que escolhia. Ela usava palavras com a cor das flores e sabor a mel. O seu cabelo crespo cheirava a mar e o seu sorriso tinha o brilho das estrelas. Esta nova professora tinha balas na ponta da língua e cheirava a passado. Ela não queria saber de onde eu vinha, nem que o meu nome, que ela nunca pronunciou, significa nascido da chuva, nem queria saber que o dialeto que falávamos era o caule que nos ligava às nossas raízes. Muito diferente deste português que ela me atirava à cara como pedras. Porque não me mostrava ela a beleza das palavras? Porque não lia um poema aos alunos? Porque não lhes ensinava canções alegres e ritmadas? Dura já era a minha vida. Não precisava que me endurecessem mais!...

Se eu olhava pela janela tentando descobrir no céu, ou num raio de sol, um reflexo, por pequeno que fosse, da minha aldeia, ouvia de novo o estrondo das bombas:

- Rapaz, quer ir ver se eu estou lá fora?

E o meu dia ficava repentinamente mais escuro!...

Mais uma vez os seus pensamentos foram interrompidos pela voz de um dos médicos da equipa:

— Estás a suar demasiado, N., estás bem? Não precisas de ser substituído?

— Não! Concentremo-nos! Está tudo a correr bem!

A operação corria bem mas não os sentimentos daquele cirurgião que julgava ter arrumado definitivamente o seu passado. Tentou ouvir a música para afogar os pensamentos teimosos mas aquela mulher ali estendida fê-lo ouvir um enorme estampido que ressoou na sua cabeça, vindo desse passado tão longínquo, afinal, mal arrumado. Recordou a sua terra, o chão negro, o céu azul salpicado de estrelas na noite escura.

Cresci a pensar que a infância era a felicidade. A primeira bomba caída veio ensombrar a minha ilusão. Um enorme buraco negro enterrou a última esperança de ser feliz exatamente no dia em que cheguei a uma terra desconhecida e encontrei gente tão diferente da que eu conhecia. Apesar de ser criança, comecei a ver o mal e o bem, a beleza e a fealdade dos gestos.

— Rapaz, isso é um desenho? Está a querer brincar comigo fazendo rabiscos quando lhe peço que desenhe um jardim?

Não entendia aquela professora. Os meus desenhos eram tão elogiados pela professora africana. Os desenhos que fiz da minha escola e da minha árvore, da minha casa e das minhas flores vieram comigo. Ainda os guardo. São a ligação à terra onde fui feliz. Uma felicidade de dez anos vividos num local de sabor a sal e a sol. Quando cheguei a uma terra de gente branca como açúcar mas amarga como limão, deixei de sentir os seus cheiros. Passei a cheirar desconfiança e desprezo, a ter sensações desconhecidas. No dia em que me cruzei pela primeira vez com Elvira de Mendonça Távora essas sensações ficaram mais fortes e acentuaram-se ao longo de um ano letivo. No final desse ano, toda a minha imaginação tinha sido truncada. O meu coração não era um órgão dividido em aurículas e ventrículos. Era um tambor cansado de levar pancada, onde, em vez de circular sangue, circulava dor. Quanto desejei que o mundo fosse uma bola colorida! Cheguei a sonhar que a cor deste mundo seria obtida pela mistura das várias cores de peles. A sua textura seria uma fusão de diferentes tipos de pele. E todos que vivessem nesta bola fariam uma língua única...

— Doutor Nyambura, está bem? – perguntava-lhe a enfermeira enquanto lhe limpava o suor que escorria pelo seu rosto emoldurado por farta cabeleira encaracolada. E, escondidas no suor, limpou-lhe, também, duas lágrimas fugidas dos seus belos olhos azuis.

— Sim, continuemos. A operação está quase acabada e a doente está a reagir bem.

E concentrou-se naquele rosto, naquele corpo adormecido à sua mercê, um corpo em luta com a morte. Ou seria com a vida? Ainda era cedo para saber.

Foi nesta altura que recordou uma conversa que ouviu, quase no final do ano letivo, entre a professora Elvira e uma colega, a seu respeito. E não gostou.

Aquela conversa foi a gota de água que fez transbordar toda a paciência que eu e os meus pais tivemos ao longo dos meses. E o dia tinha começado desastroso com mais piadas ouvidas na paragem do autocarro. Naquele momento, gostaria que o sol desaparecesse e tudo ficasse definitivamente escuro. Mas há coisas impossíveis de acontecer. E esquecer toda a humilhação sofrida neste país onde nos refugiámos parece tarefa impossível. Toda a minha educação, obediência e candura desapareceram magicamente.

— Tire o seu racismo do meu caminho que eu quero voar e passear o orgulho do que sou!²

Foi exatamente naquele momento que todo o meu ser se libertou de tantos desgostos e inundei-me de firme decisão:

— Quero ter adolescência! Quero ter futuro! Quero saber conjugar o verbo rir todos os dias! Quero estudar! Quero aprender! Sou gente! E quero vestir a minha cor! Ainda vou dar que falar!!!

2 Adaptação da frase de Georges Najjar Jr, do livro *Desaforismos*: “Tire o seu racismo do meu caminho que eu quero passar a minha cor.”

N. deu o seu trabalho por terminado e saiu completamente exausto da sala de operações, deixando o resto da equipa a ocupar-se da mudança da paciente para o recobro. Despiu rapidamente a bata, a touca e os sapatos plásticos, que atirou para o lixo, e atirou, também, todo o seu corpo para cima de um sofá. Perdera a energia e não sabia como iria reagir a sua doente quando o visse e soubesse que tinha sido operada por um negro. Elvira só conseguiu entender que o valor das pessoas não está na cor da pele quando, depois de acordar da anestesia, tendo estado entre a vida e a morte, se aproximou dela o médico que a operou. Olhou-o fixamente e reconheceu-o. Era negro, de olhos azuis com um brilho em que nunca reparara, de farta cabeleira negra e sedosa, já sulcada por alguns fios brancos e, na bata branca, tinha o seu nome gravado. Dr. N..

Da junção da cor nasce o amor

O meu nome é Joana, tenho 89 anos e vivo na Instituição Lar da Misericórdia. Sou baixa, magra, olhos verdes, cabelo branco e curto.

Esta é a história da minha vida: Passei a minha infância no monte dos meus pais, pessoas humildes, trabalhadoras e sempre prontas a ajudar o próximo.

Era uma menina feliz, os meus cabelos eram loiros, compridos e caíam em cachos, era gordinha e feliz, brincava com bonecas feitas de cartão e cabelos de lã e com um cão de raça rafeiro alentejano que se chamava “Faz tudo”.

Os meus pais eram muito carinhosos, a minha família era muito grande e unida.

Cresci rodeada de amor, carinho e felicidade, fui para a escola primária e estudei até à quarta classe, depois fui trabalhar para o campo junto com a minha mãe, até nascer o meu irmão, fiquei em casa até o meu irmão ir para a escola. Depois voltei novamente a ir trabalhar para o campo.

Conheci o meu namorado aos 16 anos num baile da aldeia de Vera Cruz, namoramos durante 9 anos, o nosso namoro era em casa dos meus pais e aos domingos era quando podíamos passear.

Éramos muito felizes, até que 8 dias antes do meu casamento o meu pai faleceu com uma trombose, perdi alguma alegria, o meu casamento foi triste, sem festa. O dia mais triste da minha vida quando devia ser o mais feliz.

O meu marido trabalhava em Lisboa e fui com ele, ele não queria que trabalhasse, então ficava em casa a fazer a lida e algumas costuras.

O meu desejo de ter filhos era grande e engravidei ao fim de dois anos de estar casada, foi a maior alegria que me aconteceu. Não há palavras para descrever sentir um bebé crescer dentro de nós.

A minha filha Maria foi criada como eu fui, com carinho, honestidade e amor, estava a minha filha na 1ª classe quando nasceu o meu filho Francisco, mais uma alegria na minha vida.

Éramos uma família muito feliz, os meus filhos casaram, a minha filha deu-me 3 netos lindos, o meu filho 2. Ficávamos com os netos e ajudávamos os filhos no que precisassem.

Quando começamos a perder algumas faculdades, os meus filhos não tinham tempo para nós e era raro vermos os netos. Então eu e o meu marido decidimos vir para o Lar, ao menos tínhamos quem cuidasse de nós e com quem conversar e conviver.

O lar é uma casa para nós, é acolhedor, tem muitas janelas, um jardim lindo, tal como todas as outras divisões. Moramos aqui 10 casais, somos felizes e unidos, os nossos cuidadores são muito humanos e bons para nós, tratam-nos com muito carinho.

De vez em quando os meus filhos e netos vêm-nos visitar, enche-me de alegria as suas poucas visitas, fazem-me lembrar o muito que fui feliz, com o seu nascimento e com tudo o que lhes dei.

Hoje tenho orgulho nos meus filhos e no meu marido.

Sou uma velhinha muito feliz com o meu Zacarias, estamos os dois na última etapa de vida, etapa esta de cada vez mais perda de faculdades e memória, mas que não deixa de ser maravilhosa.

Ah! É verdade! O meu marido é negro, mas o que interessa isso para a história, não é?

Autora:

**Antónia
Rosa Cristo**
31 anos





Ser humano completo

Sou completo,
Sou humano.
E resulto
Do negro e do branco
Da claridade do dia
Da escuridão da noite
Da humanidade em flor
Do arco-íris humano
Da dança ancestral da alma.
Pois é,
Esse sou eu.

Autor:

**Delmar
Francisco
Maia
Gonçalves**
43 anos





Raízes

As raízes são diferentes
Mas a terra é sempre igual
E a semente de outros genes
Rebenta ao sol e ao luar
Em flores que a mãe natura
Faz criar e germinar
Nascendo de todas as cores
Percorrendo um arco-íris
De amor e união
Porque há vermelhas rosas
E amarelas orquídeas
Desmaiados brancos lírios
E até túlipas negras?
E num céu azul de esperança
Riscado de negros corvos
Junto ao mar brancas gaivotas
Retalham ondas de espuma
Araras vermelhas sulcam
Florestas tropicais
E amarelos canários
Alegram vários casais.
É o Universo que temos
Que nos meus olhos alcanço
Pinceladas numa tela
Em cores que a vida combina
E que em lágrimas de sonho
Já não vejo cor nenhuma
É o amor que escorre
Em tons de raças e crenças
É um abraço que envolve
Os quatro cantos do mundo
É um acorde de música
Pequeno fio que embala
Somos rios
Somos margens
Somos ponte que nos une

Autor:

**Fernando
Magalhães**
58 anos



O lápis de cera

Autor:

**Jéssica
Beatriz
Anastácio
Jacinto**
18 anos

Colocou o cubo de açúcar na chávena e esperou que este se dissolvesse, enquanto afa-gava o pelo do seu companheiro felino. Era uma manhã igual às outras, quando olhou pela janela, viu a mesma chuva a cair, a mesma senhora da mercearia a desviar o olhar quando o seu vizinho passou por ela, as mesmas casas e prédios, passeios molhados e canteiros desleixados. Observou ainda, o seu estúdio ao longe, o que o recordou de que tinha trabalho por acabar, então, terminou o café, pôs de lado o gato preto e saiu de casa levando apenas o impermeável e o guarda-chuva. Passou pela senhora da mercearia, que a si não desviava o olhar, esperou que o semáforo ficasse verde e cruzou a rua, chegando ao seu local de trabalho.

O estúdio encontrava-se como na noite anterior: os quadros por acabar não surgiram terminados, as tintas por arrumar não se fecharam por si próprias, as paletas ainda estavam espalhadas no chão e os pincéis esquecidos e ansiosos por um banho. Contudo, não havia tempo para pormenores de arrumação, a sua exposição começava dentro de poucas horas e muito havia por fazer. Deu retoques finais nos quadros inacabados e apressou-se a colocá-los no carro, para os transportar até à galeria onde iam ser expostos.

A galeria encheu-se rapidamente de padrões e cores, algumas já desbotadas, e de conversas soltas sobre tudo e sobre nada. O pintor, que ainda estava a recuperar da adrenalina da montagem da exposição mesmo no último segundo, apresentou-se à multidão e destapou, dramaticamente, o único quadro que ainda estava coberto por um pano branco. Se houve uma inauguração mais impressionante que esta, não se pode apurar, mas esta surpreendeu largamente a audiência. Assim que o pano deixou vislumbrar o derradeiro quadro, as cores deste começaram a desaparecer lentamente. O campo de girassóis, alegremente amarelos, transformou-se numa monótona paisagem cinzenta. As cores trabalhadas durante semanas com tanto cuidado desmoronaram num instante. O nível de ruído disparou, a senhora do chapéu vermelho estava visivelmente transtornada e a comentar o que acabara de assistir com a senhora do chapéu verde. Como se a inauguração ainda não tivesse surpreendido o suficiente, também os outros quadros, que assistiam silenciosamente, começaram a perder as suas cores. Estava o caos instalado, o pintor estava beliscar-se na esperança de que aquela situação não passasse de um pesadelo. Se até agora alguns pensavam que aquela inauguração era apenas um truque do pintor, desenganaram-se com os acontecimentos que se seguiram. O chapéu vermelho deixou de o ser, o chapéu verde passou a ser cinzento também e, passados brevíssimos instantes, toda a galeria começou a sofrer do mesmo mal dos quadros. A multidão correu para a porta, desesperada, aos tropeções e empurrões que deitaram ao chão a rapariga que já não era loira nem vestia uma saia ao xadrez.

O pintor ficou sozinho na galeria, derrotado, envergonhado por quadros sem cor e destruído por ter perdido o trabalho de semanas. Curiosamente, ele ainda não tinha perdido a cor, mas sentia-se como se a tivesse perdido. Um pouco por todo o mundo, relatavam-se situações semelhantes. Por toda a parte, as árvores estavam a deixar de ser verdes, as flores confundiam-se com o relvado e os ribeiros e lagos eram agora mantas cinzentas. Na cidade, apesar da sua aparência já cinzenta, também se sentiram mudanças assustadoras. Contaram-se inúmeros acidentes, agora que as luzes dos semáforos eram todas iguais e todos os meios de transporte foram afetados pela falta de cor dos sinais de trânsito. Dia após dia, foi aumentando o caos em todo o mundo, motivado pela falta de cor, gradualmente, a vida tornou-se mais difícil. Os namorados deixaram de oferecer flores, pois agora elas eram todas iguais, a indústria têxtil registou um decréscimo nas vendas e a indústria tintureira deixou de produzir. Várias profissões foram afetadas, como os decoradores, pois as pessoas já não se preocupavam em conjugar as cores do mobiliário,



os estilistas, que deixaram de desenhar roupas por se sentirem desinspirados, os escritores, que deixaram de descrever paisagens e até o pintor, que perdeu o seu emprego, pois não sabia o que pintar sem cores. Todo o mundo estava reduzido a cinzento, os animais, que se regulam muito pelas cores necessárias para distinguir frutos venenosos ou nos rituais de acasalamento, estavam desorientados, os pavões já não atraíam as fêmeas com as suas cores exuberantes e a população andava ainda mais infeliz, agora que até o céu tinha perdido o seu azul. No entanto, houve quem não notasse esta agitação toda, como os amantes que estavam no parque, que tinham tanta cor dentro deles, que nem ele reparou que os caracóis dela perderam a cor de avelã, nem ela reparou que o casaco comprido e o chapéu dele, semelhante a uma cartola, se confundiam, agora, com o espaço envolvente. Também alguns animais, como as salamandras e os peixes abissais, não se aperceberam da confusão no reino animal, uma vez que já viam em tons de cinzento. É de salientar que nas tragédias existe sempre quem consiga ficar feliz, como alguns daltónicos, que finalmente se sentiram compreendidos...

Durante longas e caóticas semanas, foi este o cenário que se viveu por todo o planeta. Muitos estudiosos e letrados procuraram, incessantemente, apurar a causa do mundo ter perdido a cor e estar reduzido a tons monótonos e iguais de cinzento. Procuraram em todos os livros e enciclopédias, experimentaram e reviram todas as fórmulas da física e da química, formularam absurdas teorias, outras mais lógicas e nada concluíram. O que eles desconheciam, no meio de todo o seu conhecimento, é que a causa e também a solução para este fenómeno bizarro não estava na ciência nem nos objetos palpáveis. Já nada era possível de distinguir, não existia diversidade, todos os humanos eram iguais. A senhora da mercearia já não tinha justificação para desviar o olhar quando o vizinho do pintor por ela passava, uma vez que eram ambos cinzentos e iguais agora.

Por estes dias cinzentos, o pintor, quando cruzava a rua a caminho do seu estúdio, na esperança de conseguir conceber alguma obra cinzenta, ouviu um diálogo entre a senhora da mercearia e o seu vizinho ao qual não pode deixar de prestar atenção, embora muito disfarçadamente. Passava o pintor por eles, levando consigo o seu guarda-chuva e impermeável cinzentos, quando ouviu o seu vizinho dizer à senhora da mercearia:

— Como distingue agora as maçãs verdes das vermelhas?

— Conheço-as como a palma da minha mão. – Respondeu, vagarosa e friamente a mulher.

— E como distingue agora a palma da minha mão da sua? – Insistiu em tom de desafio o vizinho do pintor.

O olhar da senhora da mercearia desviou-se do seu interlocutor por instantes mas, desta vez, não denunciava uma atitude de desprezo, mas sim de arrependimento.

Cobriu as suas mãos no avental, outrora, cheio de manchas de fruta e voltou a fitar aquele homem que a perturbava, agora, ainda mais.

— Não preferia o tempo em que conseguia distinguir as suas vistosas maçãs verdes das vermelhas? – Perguntou-lhe o homem.

Hesitante, tirou as mãos do avental cumprimentou-o e disse, em poucas palavras:

— Sim, descobri que o que sinto falta não é da sua cor, mas da sua diferença de cores.

O pintor já nada mais ouviu deste diálogo sobre maçãs e finalizou o caminho até ao estúdio, não sem passar pelo jardim para verificar, mais uma vez sem sucesso, se a sua rosa preferida já havia deixado de ser cinzenta. Chegou ao estúdio, pousou o que trazia despreocupadamente no chão e sentou-se em frente a uma tela cinzenta. O seu olhar era vazio como o objeto para o qual olhava. O silêncio do monstro cinzento impedia-

o de arriscar algum movimento ousado com o pincel, sentia os músculos a contrair e o cérebro perdido num deserto sem estrelas para se guiar. A sua alma, essa já nem se preocupava em desvendar onde estaria, mas se o fizesse, iria concluir que esta estava, provavelmente, sufocada num poço de monotonia cinzenta. O monstro deixou de lhe meter medo, transformou-se numa mancha disforme e consideravelmente de menor dimensão, sentiu o chão abrir fendas por baixo de si e foi engolido pela mancha que o rodeava. Estava na sua casa, as cortinas floridas estavam a balançar ao ritmo do vento que ousava entrar num lar que não era seu. Pressentiu que se tratava de um sonho real, mas foi impedido de terminar este pensamento por um forte ruído de cristal que o intimidou. Um frágil frasco estava à hora errada, perto da janela, por onde o atrevido vento fez dançar as cortinas e a saía de uma boneca que não se equilibrou e tombou para o lado, fazendo a inocente peça de vidro estilhaçar-se.

O pintor, reagindo o mais rápido possível, dirigiu-se para o local de onde o som provinha e apanhou a boneca que estava caída por cima dos estilhaços. Quando se debruçou sobre ela, algo mais captou a sua atenção e o seu olhar foi desviado para um objeto pequeno que se assemelhava a um lápis de cera e se encontrava por baixo do armário da cozinha. Sem hesitar e como que se sentindo atraído para aquele mistério coberto de pó e que ele não sabia existir, esticou o seu braço para o alcançar. A reação provocada por aquele tesouro escondido pareceu-se com a reação de quem vê uma barata, ou outro qualquer inseto indesejado, na sua sopa. Olhou para aquele lápis de cera como se este fosse proveniente de um outro qualquer planeta que não a Terra, ou não fosse aquele o único objeto com cor que o pintor viu em meses, que pareceram milénios de cinzento. Sentiu-se como que renascido, aquele ponto de cor era o oásis do seu deserto e, de repente, toda a mágoa e o vazio que a sua alma havia experienciado afundaram-se naquele pequeno lago de cor que tinha entre mãos. O que fazer com aquela preciosidade? O primeiro impulso do explorador foi, num ato de desespero, lançar-se a tudo o que o rodeava e assassinar aquela homogeneidade de tons, trazer a vida à sua casa, que já não era lar, nem que fosse com apenas um tom. A sua tentativa de homicídio não foi bem sucedida, pois o lápis não deixou a sua alma nos objetos, que continuaram inanimados e rindo-se em silêncio do sofrimento do pintor. Não podia acreditar que a maior descoberta que fizera na sua vida se revelava inútil.

Durante os instantes que se seguiram, a frustração do quase conseguir não o deixou pensar numa solução, mas ao olhar para os estilhaços de vidro que ainda permaneciam imóveis sobre o chão, contrastando com o interior turbulento de emoções do pintor, surgiu-lhe uma resposta. Eram todos aqueles estilhaços que juntos formavam o frasco que, outrora, sentiu o sabor do vento a passar pela janela e a invadir-lhe as faces vidradas. Apesar das diferentes formas, todos os pedaços de vidro tinham a sua posição e encaixavam perfeitamente para formar um objeto útil. Assim, ocorreu-lhe que aquele lápis de cera não poderia ser o único. Deveriam haver mais exemplares daquele metal precioso, era imperativo que houvesse! Talvez se juntasse aquela cor às que faltavam para completar a paleta de tonalidades que compõem o mundo, este voltasse a ser um local humano e feliz.

Não podia sufocar aquela descoberta dentro da sua casa, o mundo merecia saber que ainda existia uma réstia de cor que poderia ser o suficiente para colorir mil almas perdidas e que, algures no mundo, estavam as outras peças do puzzle.

Inquieto, passando as mãos ofegantes pela cabeça, andou deambulando pela sua cozinha, pisando o vidro quebrado que ainda não tinha tido a preocupação de retirar do chão. Percorreu todos os azulejos do chão daquela divisão, percorreu ainda os do seu

quarto e, quando chegou à sala, o gira-discos, que se encontrava sobre um vaso de barro preenchido por texturas, deteve-o a meio dos azulejos percorridos. O explorador sobresaltou-se, deixou cair instintivamente o lápis de cera e ouviu atentamente o gira-discos. Deste soava uma melodia intemporal de guitarras que choravam, mas pareciam sorrir e que o fizeram sentir como se, naquele momento, ele próprio tivesse recuperado a cor. De repente, do gira-discos emergiu uma voz profunda, gasta e arranhada que disse: - “As peças devem ser unidas hoje, mas também amanhã. É hoje que tudo se renova e evolui, não esperes pelo amanhã. Leva a tua peça, esta noite, e dirige-te à linha do horizonte.” Foi tudo o que a voz lhe disse.

Depois de mais um acontecimento inesperado, o pintor sentiu que estava a enlouquecer, não pelo facto de ter ouvido um gira-discos a transmitir-lhe uma mensagem sem aparente sentido, mas por estar a considerar a hipótese de ir à linha do horizonte, levando apenas um lápis de cera. No entanto, sentia que conseguiria fazê-lo e, talvez, não estivesse a sonhar. Aquela poderia ser mesmo a solução para trazer a cor ao mundo, na verdade, até ele, há instantes, tinha ponderado a hipótese da existência de mais lápis de cera que, juntos, poderiam ser um só.

Fechou os olhos e perdeu a noção de tempo e espaço, sentiu um calor incomodativo que o levou a descerrar as pestanas e, durante o tempo em que elas se estavam a descolar, recordou os acontecimentos dos últimos tempos. Lembrou-se do caos que a monotonia causou ao mundo e da falta que a diversidade lhe fazia, lembrou-se dos acidentes ocorridos pela falta de luzes diferentes, dos poetas e pintores sem inspiração, lembrou-se de que chegou a confundir um casamento com um funeral, pois não sabia se as pessoas estariam vestidas todas de preto ou não, do seu vizinho e da senhora da mercearia e do diálogo sobre maçãs. Descerrou, por fim, as pestanas e viu que estava rodeado de pessoas cinzentas trazendo nas mãos lápis de cera de cores variadas. Era um céu de cor que, embora não brilhasse, a ele pareceu-lhe mais luminoso que o sol ou outra qualquer estrela. Instintivamente, deitaram os lápis para uma fogueira que surgia no centro daquele lugar. A chama tornou-se mais intensa consoante os tons que iam sendo consumidos. Revelou diversas tonalidades e formas, que eram uma só, um vermelho vivo, que feria a vista mas que começava a romper e a derramar-se pelos corpos dos que ali estavam. A última labareda extinguiu-se, mas ficou o fumo da ostentosa fogueira, que se elevou no céu e fez surgir, na linha do horizonte, o que pareciam ser auroras boreais.

A chávena caiu ruidosamente no chão e cobriu os azulejos da cozinha com café, que se meteu por entre as frestas destes e chegou às delicadas patas do felino preto que dormia. Acordou o felino, acordou o seu dono.

O rio corria calmo

- Uma história de violência

O rio corria calmo...

Uma fina neblina erguia-se das águas, na quietude da madrugada, lembrando um espelho embaciado.

O enorme búfalo separara-se da sua manada e vagueara ao acaso. O seu porte e a cornadura avantajada, que dissuadiam os grandes predadores de tentarem a sua sorte, escondiam um animal pacato sob aquela aparência ameaçadora.

Aquele rio vinha mesmo a calhar para matar a sede da longa viagem por terrenos áridos e inóspitos. As poucas ervas tenras da margem saciaram-lhe o apetite, deixando-o a sonhar com a terra verdejante que via, farta, do outro lado do profundo e silencioso curso de água.

Aqueles poucos metros livres, entre grandes rochas alcantiladas, que lhe davam acesso ao precioso líquido, estavam já espezinhados pela sua indecisão. O rio que acabava de conhecer era uma barreira...

A neblina matinal há muito se dissipara e o calor apertava. Via-se agora com mais nitidez a larga planície pintada de verde, num nítido contraste com a margem pedregosa e irregular em que estava. Adivinhava-se também que o rio não era tão calmo como aparentava: no fundo pressentia-se alguma actividade que pouco reflexo tinha à tona das águas.

Foi a medo que o possante búfalo se aventurou, deslumbrado pelas lautas pastagens do outro lado. Ao entrar naquele meio que lhe era estranho, perturbou a superfície calma das águas, que se multiplicou em círculos concêntricos que se afastavam e intersectavam.

Das profundezas das águas surgiu algo, em alvoroço, que fez desaparecer o que restava de calma naquele meio.

Passados largos minutos a calma regressou. Do que acabara de acontecer apenas restava, à superfície, uma mancha de cor: a água tingida de sangue do banquete das piranhas.

I

Agora raramente viam o patrão. Nesse dia, apenas tinham vislumbrado o novo Ferrari topo de gama a acelerar ao longe, ouviram-no a parar junto à entrada principal, onde se situa o escritório, mas algo lhes disse que não trazia boas notícias. Passado pouco tempo voltou, cobardemente, a ir embora. O Sr. Coelho, abatido, saiu da sua toca e convocou todos os trabalhadores para uma reunião imediata. Já restavam poucos colaboradores na empresa, assegurando a manutenção de algum funcionamento das máquinas e o escoamento da produção acumulada.

Eram mesmo más notícias. A fábrica ia fechar definitivamente.

— E os nossos ordenados? E as indemnizações? — atreveu-se a perguntar um funcionário com mais de trinta anos de trabalho naquela empresa.

— Eu estou no mesmo buraco que vocês. — disse, desconsolado, o interlocutor.

O futuro era negro. Iam engrossar as listas do desemprego numa região onde aquela que agora fechava já fora a maior empresa. Não se enxergavam oportunidades de emprego nas redondezas e a idade também não ajudava a maioria daqueles trabalhadores.

— Temos que nos manter atentos.

A solidariedade entre todos era algo com que podiam contar, mas a verdade é que todos passavam dificuldades desde que os ordenados se começaram a atrasar.

— E vocês, como é que vão viver?

Autor:

**João Alberto
Fernandes
Roque**
51 anos



A pergunta da Zulmira era dirigida ao casal Neves.

Um encolher de ombros foi a única resposta. Não eram pessoas de muitas falas, mas trabalhadores dedicados que tinham sabido granjear a admiração de todos os colegas de trabalho. A sua situação era particularmente delicada: três filhos, em idade de frequentar a escola. O mais novo, de oito anos, nascera já depois de os pais estarem naquela grande família que eram os trabalhadores da empresa. Todos gostavam muito do Tomé, mas também dos irmãos: a Sueli, de onze anos, e o Vitorino, de quinze.

À saída da reunião foi um grupo cabisbaixo que abandonou aquele local a que haviam dedicado tantos anos das suas vidas. Densas nuvens faziam aquele fim de tarde ainda mais triste.

A partir desse dia, a vida do casal centrou-se na procura de novo emprego, mas, nas redondezas, qualquer oportunidade era disputada por centenas de candidatos e os Neves tinham contra eles a idade, a falta de habilitações académicas e... a cor da pele.

Do Centro de Emprego não vinham novidades. Os classificados dos jornais eram esquadrinhados, mas as pequeninas luzes que se iam acendendo revelavam-se falsas expectativas ou as entrevistas eram apenas uma perda de tempo, de energias e até de dinheiro nas deslocações.

Algum tempo depois, não suportando a ideia de sobreviverem da caridade dos amigos, a família Neves decidiu partir. O emprego em perspectiva – como empregado numa exploração agrícola – não dava grande segurança, era mal remunerado, mas ia ter que servir, à falta de melhor.

Os dois irmãos mais velhos iam deixar saudades na escola que frequentavam. Eram ambos muito queridos por todos os colegas e professores. Os resultados escolares estavam de acordo com o empenhamento que punham no estudo, talvez porque os pais, apesar de não terem conhecimentos para os ajudarem, não se cansavam de os lembrar da importância da escola se não queriam continuar na cepa torta. O Vitorino era para os irmãos uma referência, pelos bons resultados que conseguia e pelo apoio que lhes dava em todo o tempo que tinha disponível.

II

Os alunos juntavam-se numa zona da escola onde estavam entregues a si próprios, longe da vista de professores e funcionários, onde podiam fumar e ter outros comportamentos proibidos pelo regulamento interno da escola e até pelas leis do país. Ali imperava a lei da selva. Eram os alunos mais velhos, geralmente repetentes do 9º ano ou multi-repetentes do 7º e 8º, que impunham as regras, pela força própria ou dos grupos que lideravam.

Nas imediações da escola, e muitas vezes no interior dos seus portões, havia roubos frequentes e desaparecia um pouco de tudo: Dinheiro, telemóveis, relógios... As vítimas eram sobretudo os mais novos; os ladrões... toda a gente sabia quem eram, que meios usavam e para que servia aquele dinheiro.

O Sr. Avestruz, presidente da Associação de Pais e homem com grande influência na vida social e política da cidade era o primeiro a desvalorizar aqueles acontecimentos irrelevantes. Defendia que o ambiente geral na escola era muito melhor do que o que se passava na maioria das escolas do país... que se tratava de uma escola modelo. Os roubos eram, na sua opinião avalizada, sempre de algo com valor insignificante.

Ainda não tinha havido, desde o início do ano lectivo, qualquer Conselho de Turma

disciplinar – um bom indicador de que a indisciplina não é um problema da escola – e o Diretor orgulhava-se desse facto.

Os intervalos, sobretudo os da tarde, começavam a tornar-se momentos aguardados, pelas habituais picardias entre grupos de estudantes, a que a maioria assistia como se de uma novela se tratasse. A cada novo episódio, o argumento ia ganhando complexidade e dramatismo.

III

Sentiam-se perdidos na nova escola, sempre juntos nos intervalos e sem outras companhias, a Sueli e o Vitorino. Ela pequena e franzina, ele um matulão, com altura bastante acima da média para a idade. Integrarem-se nas respectivas turmas não estava a revelar-se tarefa fácil. Não entendiam a animosidade da maioria dos colegas. É certo que os colegas já estavam juntos há anos, ou pelo menos nos dois primeiros períodos do presente ano lectivo. Também alguns professores não facilitavam. Quase ignoravam por completo os novos alunos. Um deles tinha mesmo criticado abertamente o aparecimento de novos alunos já no decorrer do último período, como se a mudança tivesse sido fruto de um capricho.

A Sueli, mais faladora e desinibida, foi-se dando a conhecer e assim ia vencendo os preconceitos de alguns dos companheiros.

Já o Vitorino era alvo de brincadeiras parvas e da chacota dos colegas da turma. Sempre sem serem frontais, eram coisas como o desaparecimento de algum material necessário à próxima aula, o desaparecimento da própria mochila, a colocação de um sapo enorme onde devia estar o estojo, entre outras mais graves. Provocado, a tudo o gigante reagia com a atitude de um manso. Acabou por encontrar na sua turma um rapazinho que era também posto de parte e começaram a apoiar-se mutuamente. O Luís juntava numa única pessoa várias características – muito franzino, óculos de fundo de garrafa e um pouco gago – que os colegas achavam justificação para ser o alvo preferencial das partidas maldosas e do achincalhamento colectivo. No caso do Vitorino bastava a cor da pele.

As brigas eram frequentes entre os colegas. Muitas vezes eram simples partidas entre amigos, mas de outras vezes era um grupo organizado que escolhia as vítimas, geralmente para roubar ou amedrontar e chegavam a assumir contornos de malvez extrema. Quando envolvia grupos diferentes era, antes do mais, uma demonstração de poder, num crescendo de violência.

Naquele dia, o caso era especialmente grave. O Tiago, escudado pelos seus colegas, encostara o João à parede – algo habitual naquela disputa pela supremacia no recreio. Só que desta vez o João puxara de uma faca e ameaçava utilizá-la no primeiro que se aproximasse. O Tiago, um abrutalhado aluno do oitavo ano já com quase dezoito anos, sacou da mochila um taco de basebol extensível. Os colegas foram atraídos pela gravidade da briga e gerou-se alarido que atraiu ainda mais curiosos. A multidão estava em delírio com o espectáculo gratuito e ninguém se atrevia a interromper aquela cena de pancadaria. O Tiago avançou cheio de confiança e atingiu o João na mão que segurava a faca e este largou-a. O Tiago, com um sorriso maldoso nos lábios, saboreava a vitória e preparava-se para vingar aquela desfaçatez. Levantou o taco e aprestava-se a desferir uma pancada no João quando este foi parado – já no seu percurso descendente rumo à cabeça do outro rapaz, que estava caído no chão – pelo Vitorino. O Tiago fuzilou o intrometido com o olhar e logo os seus apoiantes se dirigiram na direcção da confusão,

prestes a despachar aquele metediço.

O outro contendor, momentaneamente esquecido, teve tempo para recuperar a arma e quando voltou a merecer a atenção do oponente – enquanto este volteou o taco no ar para o agredir – espetou-lhe a faca na perna.

A cor do sangue, a jorrar abundantemente, disparou o sinal de alarme. Foi chamada a ambulância e o Tiago foi levado. O aglomerado de alunos foi forçado a dispersar e o Vitorino acabou por escapar à vingança que lera nos olhares dos capangas do líder que seguia agora a caminho do hospital.

Desta vez não havia como ignorar o que acabava de se passar. Os pais da vítima, geralmente alheados do que se passava na escola, clamavam por vingança. O filho do Avestruz, colega do agressor agredido, pintara a cenas em cores negras. Ao pai não foi preciso dizer mais nada: havia uma razão objectiva para aquela situação grave – aquele indivíduo não era da terra e tinha vindo destabilizar a pacatez reinante.

A maioria dos alunos apercebeu-se de que o Vitorino, sem ter culpa nenhuma naquela desordem, acabava como bode expiatório e estava metido em sarilhos, no entanto, por medo, ninguém lhe ofereceu a sua solidariedade e apenas o Luís ficou do seu lado.

IV

O Diretor, habituado a varrer os problemas para debaixo do tapete, não teve dificuldade em relativizar o que tinha acontecido, preocupado com a má imagem que a excessiva divulgação daquele «incidentezito» poderia passar da sua escola.

O Presidente da Câmara Municipal também concordava que era melhor que o assunto não chegasse à comunicação social. Havia que evitar manchar o bom-nome da terra, sempre considerada pacata e segura.

Na sala da Direcção, reuniu-se, informalmente, uma espécie de gabinete de crise. Presentes estavam o Presidente da Associação de Pais – o advogado Avelino Avestruz, o Professor Silva, que na escola desempenhava vários cargos de relevo, o Presidente da Câmara Municipal e o Director da escola. Os restantes elementos da Direcção eram dispensáveis, naquela reunião à porta fechada, onde se delineou a estratégia para enfrentar aquela situação.

No Conselho Pedagógico ordinário já previsto, por coincidência e porque não dizê-lo, por sorte – para daí a uma semana, o assunto foi discutido enfaticamente.

Aquela agressão fizera os pais olharem para a escola como há muito não faziam e as conversas sobre o tema trouxeram ao de cima tudo o que de mau havia naquela comunidade. O racismo latente manifestou-se contra aqueles estranhos e ninguém tinha dúvidas de que aquela família que se mudara para a sua terra era a fonte de todos os problemas e, especialmente aquele grandalhão, era má influência para os seus filhos.

— Esta escola, eu diria mesmo esta terra, sempre foi calma... até eles chegarem! – fazia-se ouvir o Avestruz, excitado.

O representante dos encarregados de educação falou nos pais em fúria, nas muitas pessoas que lhe tinham pedido para lembrar que nunca se tinha visto tal coisa na nossa “querida escola”. Exigiam a expulsão daquela “nódoa negra” da nossa escola para tudo voltar à calma de sempre.

— Esse preto tem mesmo que voltar para a terra de onde veio! – vociferava o Avestruz.

O Professor Silva, de Matemática, pessoa com influência naquela pequena comunidade

que a escola constituía, defendia a medida sugerida pelo representante dos pais e fazia ainda a proposta de uma suspensão de dois dias para o João por posse de arma branca e pela agressão.

O Diretor, a medo, propôs uma pena de repreensão oral para o Tiago. Depois de fuzilado pelo olhar do Presidente da Associação de Pais, ainda acrescentou:

— Nada que fique registado!

Os restantes professores nem eram capazes de se manifestar. Aliás, nem estavam habituados a falar. Depois do Professor Silva, do Sr. Avestruz e do Diretor manifestarem a sua opinião, não havia mais nada a dizer. Nunca ninguém ousava discordar daquele trio, que parecia estar sempre de acordo em tudo.

V

A fúria e as frustrações daquela comunidade, habilmente manipulada, descarregaram-se sobre aquela família de estranhos. Gritavam-se palavras de ordem, fazendo ver que eram apenas intrusos que tinham vindo destabilizar aquela comunidade. Não queriam ver a sua acabar como muitas, sobretudo na periferia de Lisboa, com violência constante, com armas, com conflitos raciais, como o que tinham visto no Bairro da Fonte, em Loures.

— Não queremos ver a nossa comunidade estes comportamentos desviantes, estes conflitos... Não na nossa querida terra!

A expressão do Presidente da Câmara Municipal, captada pelos microfones da rádio local, no conforto do seu gabinete onde o foram interpelar, sintetizava o sentir da comunidade.

Havia que por cobro àquela situação anómala enquanto era apenas uma família violenta... antes que morresse alguém.

A acreditar nas conversas dos que se manifestava na rua, a vida do Tiago estava em grave risco, devido à agressão daquele matulão que já não tinha tamanho para andar na mesma escola que os seus filhos. Ele já devia ter para aí uns dezanove anos...

No fundo daquele grupo, sem dar muito nas vistas, estavam o advogado Avelino Avestruz, homem conceituado na praça, e o Professor Silva, seu correligionário político e amigo.

Dentro da casa, a família Neves estava assustada, sem compreender bem o que se estava a passar.

Parecendo ao Vitorino ver, ao longe, rostos amigos, aproximou-se da janela para confirmar aquela nota de esperança, mas ela foi estilhaçada pela pedrada que estilhaçou, com estrondo, o vidro mesmo à sua frente. Um dos fragmentos cravou-se no rosto do jovem e este teve que ser socorrido pela mãe, cujas mãos tremiam ao cuidar-lhe do ferimento.

Pouco depois, o barulho diminuiu e a família, encolhida a um canto, afundada em desespero, pôde perceber mais claramente algumas ameaças atiradas lá de fora, antes de se instalar um silêncio profundo.

Sobre o dia cinzento, a noite descia, escurecendo ainda mais o pesado ambiente.

VI

Apesar de ser um mero formalismo, o Presidente do Conselho Pedagógico – e Director da escola – perguntou se alguém queria dizer mais alguma coisa.

Já ia a entrar no primeiro ponto da ordem de trabalhos, quando uma voz se fez ouvir. O Director olhou na direcção de onde viera a voz e reparou na pequena professora de Português, com o braço no ar.

— Ainda queria falar sobre o assunto anterior...

Com ar claramente contrariado, o Presidente do Conselho Pedagógico lá lhe deu a palavra, não sem antes lembrar a extensão da ordem de trabalhos que tinham ainda que cumprir naquela reunião.

— Falei com alguns dos alunos que estiveram presentes – foram eles que levaram o assunto para a minha aula – e parece que as coisas não aconteceram bem como aqui foi dito pelo representante dos encarregados de educação.

— Mas o que é que a senhora sabe sobre o assunto? – perguntava, acidamente, o Avestruz.

— Noutras escolas em que eu estive é costume ler os relatórios do processo de averiguações, as declarações dos envolvidos, antes de tomarmos uma decisão desta importância.

— continuou a Professora Clara.

— Por mim podemos dispensar esses formalismos. – opinou o Professor Silva.

— Nunca foi necessário qualquer procedimento disciplinar na nossa escola. Para quê, ler uma data de mentiras? Além disso, não há versões coincidentes entre os alunos directamente envolvidos, mas todas as testemunhas ouvidas corroboraram a versão do aluno agredido. – informou o Presidente do Conselho Pedagógico.

— Eu ouvi a versão de muitos alunos que presenciaram o que se passou e, a ser verdade o que eles disseram, considero que as medidas disciplinares propostas estão muito desadequadas do que se passou. Gostava de ouvir as declarações dos alunos inquiridos.

— O Professor Silva foi o relator do processo, o responsável pelas averiguações. – informou o Presidente do Conselho Pedagógico – Passo-lhe a palavra.

— Considero que se trata de uma perda de tempo, até porque estão de acordo com o resumo aqui feito pelo Presidente da Associação de Pais e por mim mesmo, mas já que o deseja, passo a ler os relatórios das três testemunhas.

Começou por ler o relatório do André Avestruz, onde o filho do Presidente da Associação de Pais relatava, numa linguagem cuidada, formal, o que tinha visto naquele dia: o Vitorino a agarrar e a agredir o Tiago, o João também metido na confusão tinha caído ao chão e a arma branca a acabar espetada na perna do Tiago... nem tinha percebido se com dolo, se por acidente.

Os restantes relatórios, um deles do seu sobrinho, eram quase decalcados do do jovem Avestruz.

— Estranho a linguagem que o seu filho usou neste relatório. – disse a professora Clara, dirigindo-se ao advogado – Não lhe conhecia esse jeito para escrever. Se escrevesse assim no dia-a-dia teria tido bem melhor classificação no final do segundo período. O que mais me espanta é que os outros dois jovens, que são também meus alunos, desconhecem palavras bem mais corriqueiras.

— A senhora está a usar esse tom irónico mas, se tem algo a dizer, diga de uma vez!

Quer saber se eu o ajudei a escrever o testemunho? Pode ficar a saber que sim! – disse, desafiante o pai Avestruz.

— Eu acho é que ele deveria ter descrito o papel que teve naquela confusão.

— Ele foi uma simples testemunha! – defendeu-o o pai.

— Se o senhor o diz... Podemos agora ouvir os restantes relatos? – insistiu a Professora Clara.

— Eu acho que já perdemos demasiado tempo com este assunto... O que pensam os restantes elementos deste Conselho Pedagógico? – inquiria o presidente do órgão. – Quem vota a favor de não perdermos mais tempo a ler os restantes relatórios?

O ambiente estava de cortar à faca...

Três braços levantaram-se de imediato, depois outro e mais outro.

— Olhem que ninguém se pode abster! – lembrou o presidente da reunião.

Depois de um tempo superior ao que seria razoável, em que só mais um braço se levantou, lá se resolveu a mandar baixarem os braços. Nitidamente irritado pela situação – a eminente derrota na votação – mandou que levantassem os braços, os que queriam ouvir os demais relatórios.

— Não os tenho aqui todos! – informou o Professor Silva.

Iniciou de seguida a leitura do relatório da vítima de agressão que não diferia significativamente dos anteriores, sendo ainda mais cáustico com o aluno a quem atribuíam a responsabilidade pelo sucedido:

“Se aquele preto não se tivesse metido, se não me tivesse agredido, nada disto teria acontecido. Refiro-me à facada. Só fui atingido porque tinha sido agarrado por aquele indivíduo muito maior do que eu.”

Depois de uma troca de olhares com o Director, o Professor Silva levantou-se e saiu, voltando alguns minutos depois com algumas folhas na mão.

— Passo agora à leitura dos depoimentos de um dos agressores – saliento que está em total discordância com o que viram as testemunhas ouvidas – o do aluno João Branco.

A leitura do depoimento do aluno foi feito num tom menos assertivo do que o usado na dos quatro anteriores, como que a salientar que não acreditava no que estava a ler.

O aluno, num Português muito maltratado, dizia-se farto de ser agredido, ele e os amigos, pelo grupo do Tiago, do André Avestruz, do Paulo Silva e de vários alunos do nono ano, pelo que tinha trazido a faca. Dizia que tinha sido a primeira vez que a trouxera e esperava que só o facto de a mostrar fizesse com que o deixassem em paz. Afinal o Tiago também estava armado com um taco de alumínio e tê-lo ia matado se não fosse aquele aluno do nono ano, de que não sabia o nome, mas a quem chamam de “Preto”. Afirmava que espetara a faca na perna do Tiago para ele não o matar.

O Professor Silva justificou o facto de não haver relatório do outro aluno envolvido pelo facto de ele ter sido suspenso, preventivamente, de imediato, pelo que não foi possível ouvi-lo.

— Então, se me dão licença, passo a ler o relatório feito pelos meus alunos do 9º C, assinado pela maioria da turma. – insistiu a professora de Português.

O Presidente do Conselho Pedagógico ainda ia para protestar qualquer coisa, mas acabou por se limitar a acenar com a cabeça, assentindo ao pedido.

— Foi escrito por um dos alunos, pelo que não tem a qualidade dos textos das testemunhas e do Tiago.

A Professora começou a ler. Os alunos centravam-se na defesa do colega Vitorino, que na opinião deles se limitara a agarrar, por segundos, o braço do Tiago para evitar que ele batesse com o taco na cabeça do João, que estava caído no chão. Ele não merecia ser impedido de vir às aulas porque, afinal, só tentara evitar que as coisas ficassem mais feias. Quando acabou a leitura houve um momento de silêncio constrangedor. O Presidente acabou por perguntar se mais alguns dos professores queria dizer algo mais. Acabou por falar a Coordenadora dos Directores de Turma do terceiro ciclo, para afirmar que também os seus alunos, do sétimo ano, tinham feito, oralmente, o mesmo relato. Depois falou a professora de Ciências da Natureza para dizer que conhecia o rapaz apenas porque é irmão da sua aluna Sueli, mas que sempre lhe pareceu um rapaz calmo e educado, aliás como a Sueli.

Depois de algum tempo de reflexão, o Director acabou por reagir:

— Perante os novos dados eu proponho levantar a suspensão preventiva ao aluno Vitorino Neves. Alguém discorda?

À pergunta do Presidente da reunião seguiu-se um momento de silêncio que foi de novo quebrado pela pequenina professora de Português:

— Claro que isso é o mínimo que se pode fazer. Além disso, pelo que percebi da conversa dos meus alunos, considero que é indispensável haver vigilância permanente no local onde aconteceram os descatos. Os alunos falaram de brigas, de assaltos, de consumo de tabaco e mesmo de droga.

— Andam a ver muitos filmes! Se algo de estranho se passasse na escola, eu saberia! Apesar de ter a certeza de que isso é excesso de imaginação, eu peço a alguém que vá passando por lá... Vai ser impossível arranjar um funcionário para estar lá em permanência, todos os intervalos. Foi um caso lamentável, mas temos que seguir em frente e esquecer que este problema aconteceu.

— E os alunos envolvidos? Não vão ter qualquer sanção? – perguntou a medo a Coordenadora dos Directores de Turma.

— O que é que sugere? – perguntou, já rendido, o Director.

— Uma repreensão registada para todos os intervenientes. – propôs a mesma professora.

— Concordo! Serão os três chamados ao meu gabinete, onde os repreenderei. Serão, ainda, obrigados a fazer as pazes.

— O Senhor Presidente queria dizer os cinco, não é? Eu acrescentaria um pedido de desculpas ao aluno Vitorino Neves. – disse, cheia de calma, a Professora Clara.

— Quais cinco? – perguntou o Presidente.

Os dois alunos directamente envolvidos na briga e os três que foram ouvidos na qualidade de testemunhas.

— Mas afinal, que mal fez o meu filho? – questionou, quase voando da cadeira, o Presidente da Associação de Pais.

— Fazer parte de um gang, participação numa briga, prestação de falso testemunho, não me parece que sejam aspectos sem importância. Se fosse maior poderia ser acusado de perjúrio. O senhor, como advogado, sabe bem a gravidade desses comportamentos...

O Professor Silva mexia-se na cadeira, pouco à vontade. A pequena professora Clara, que parecia agora maior que o imponente Avestruz, continuou:

— Se quer o conselho de alguém que trabalha há anos com jovens, deixe-me dizer-lhe que deveria repensar os valores que lhe transmite. Espero que tenha percebido o que

quero dizer com estas palavras e que ainda vá a tempo de remediar o mal feito.

O Presidente da Associação de Pais, incapaz de encarar com os restantes participantes na reunião do Conselho Pedagógico, enterrou a cabeça entre as mãos, cotovelos fincados na mesa.

VII

A Professora Clara recordava agora, alguns dos momentos dramáticos que passara havia apenas cinco dias: alertada e guiada pelo Luís, fora ver com os seus olhos a situação que estava tensa, junto à casa onde vivia refugiada a família Neves. No preciso momento em que o Vitorino, parecendo olhar para eles, se aproximou da janela, um pedregulho, lançado pelo Paulo, sobrinho do Professor Silva, estilhaçou, com estrondo, a vidraça da janela. A Professora temeu pela integridade do Vitorino e da sua família. As multidões reagem, por vezes, de forma completamente irracional e sentia-se muita excitação, instigada por alguns mais agitados.

Sentindo-se impotentes para lidar com aquela turba, com a histeria colectiva, a professora e o Luís mantiveram-se à distância. Com o tempo, alguns dos presentes foram abandonando aquele ajuntamento que tinha arrefecido um pouco, como que por efeito de alguma corrente de ar que passasse pelo vidro partido. Felizmente ainda haveria em alguns dos presentes, algum discernimento, algum bom senso. A notória diminuição em número acabou por desmobilizar os restantes que se afastaram ainda a gritar ameaças e impropérios nascidos de cabeças racistas. Quando tudo acalmou, os dois dirigiram-se à casa e, depois de uma longa conversa, saíram e despedindo-se do Luís, foram no carro da Professora, afastando-se daquele cenário de guerra.

O tempo, impróprio para meados de Maio, estava escuro e ameaçava desabar em tempestade.

Na aula seguinte, Luís pediu licença à professora e dirigiu-se, gaguejando aflitivamente, à turma. Os colegas, ao contrário do que ele esperava, ouviram-no até ao fim sem a habitual zombaria e desrespeito. Depois de falar, deu à professora um pequeno texto que ele tinha escrito e onde descrevia aquilo que presenciara. A turma toda concordava que aquele relato estava de acordo com o que se passara e quase todos assinaram o texto do Luís.

O Luís tinha sido capaz de enfrentar a turma e aquele gesto de amizade, a sua coragem, contagiara os colegas. Aliás o próprio Vitorino, agora ausente em parte incerta, ganhara o respeito dos colegas ao interpor-se naquela briga, que todos perceberam que poderia ter tido consequências mais graves. Fora capaz de se intrometer na confusão apesar de já conhecer suficientemente a realidade para perceber que meter-se com aquele grupo podia redundar em riscos para a sua integridade física.

Fora a iniciativa do Luís a dar-lhe argumentos para ser ela mesma capaz de intervir naquela reunião do Conselho Pedagógico, onde a participação não era incentivada, era mesmo mal tolerada. Na Escola dominava o pensamento único corporizado pelo Professor Silva e pelo Presidente da Associação de Pais. Pensamento único de que o Director da Escola se mostrava incapaz de se distanciar. Ele também sabia que no dia em que lhe faltasse o apoio daqueles dois, que controlavam também o Conselho Geral, o seu lugar estaria em risco. Eles eram unha com carne com os responsáveis da Câmara Municipal e a escolha da maioria dos restantes representantes era também de sua lavra.

VIII

Foi engolindo o medo que a família Neves atravessou a ponte e regressou àquela casa onde sentira, como nunca antes, a discriminação.

Vitorino e Sueli não tinham tido capacidade de se abstrair daquele ambiente hostil, não conseguindo esquecer os acontecimentos recentes e concentrar-se no estudo e a última rodada de provas de avaliação escrita estava a começar.

Para Vitorino, a primeira aula, por infeliz coincidência, era com um professor que nunca escondera a sua animosidade, que estivera do outro lado da barricada. A Matemática é uma ciência exata, mas a atitude do professor não era exatamente a mais adequada à atitude sempre respeitosa do aluno.

Aconselhado pela professora Clara a chegar já depois de a turma ter entrado na sala, Vitorino bateu à porta e foi direito ao seu lugar. Houve um silêncio constrangedor, um momento de suspense... que acabou quebrado por uma salva de palmas que começou no Luís e se propagou a quase toda a turma. O professor Silva começou a aula como se nada se tivesse passado, distribuindo os enunciados da prova de avaliação.

Naquele regresso era agradável a solidariedade da maioria dos colegas, mas o professor e alguns dos alunos da turma não disfarçavam o seu racismo. Vitorino sentia-se especialmente vigiado e não deu qualquer argumento ao professor para lhe pegar. Quem acabou por ser chamado à atenção foi o Luís, apenas por olhar vagamente para os colegas.

Nos dias seguintes houve várias provas de avaliação. Luís andava um pouco atrapalhado em várias disciplinas e Vitorino disponibilizou-se para ajudá-lo a estudar. Os resultados vieram mostrar que valeu a pena esse apoio. As positivas em duas disciplinas em que tinha tido nível dois no segundo período provavelmente iam dar-lhe a possibilidade de passar de ano, algo em que já não acreditava muito.

As classificações obtidas por Vitorino nas diversas provas foram invariavelmente das melhores da turma, o que espantou os colegas e professores pois se tratava de um aluno que participava na aula de forma bastante discreta. A classificação mais baixa foi a de Matemática, embora Vitorino achasse que merecia melhor classificação, mas não o referiu a ninguém.

A opinião da generalidade da turma sobre Vitorino era cada vez mais favorável, subindo na mesma medida em que subia a inveja dos que o olhavam com desprezo.

IX

O casal Neves voltara a consultar sistematicamente os classificados, mas a busca por um novo emprego revelara-se infrutífera.

Preferiam que os filhos terminassem o ano letivo na atual escola, mas acima de tudo estava a sua segurança. Não queriam sujeitá-los a mais situações como a que Vitorino tinha vivido na escola e não queriam sentir-se acossados em casa.

Sabiam que os filhos não eram aceites por muitos alunos da escola, simplesmente pela cor da pele. Educaram os filhos a respeitarem os outros a serem alunos empenhados, mas parecia que isso não bastava. Mesmo assim continuavam a ser discriminados, a arcar com desconfianças. Quando algo corria mal eram os primeiros a serem apontados e invertia-se o ónus da prova...

Felizmente havia gente boa... que não os avaliava de forma superficial, que não se li-

mitava a olhar a cor da pele. Clara, a professora que tanto fizera por Vitorino, sabendo das dificuldades que enfrentavam, oferecera emprego à sua mãe. Não é fácil encontrar alguém de confiança, para dar a chave de casa... Aqueles dias que os Neves passaram em sua casa permitiu à professora concluir que teria em Luena uma boa ajudante... Revelara dotes de excelente cozinheira e muito cuidadosa nas limpezas. Já havia respondido a algumas ofertas de emprego como mulher-a-dias, e invariavelmente em vão. A maioria rejeitou-a de forma discreta, mas noutros casos não primaram pela subtileza, ao insinuarem falta de confiança em quem não conheciam... faltando apenas acrescentar: mais do que a cor da pele.

Aquele dinheiro pelas horitas que fazia em casa da professora Clara, que morava do outro lado do rio, era uma boa ajuda, mas a publicidade ao seu bom trabalho e a avaliação do seu caráter em breve iriam dar-lhe mais algumas casas para trabalhar.

Parecia que as nuvens negras se começavam a dissipar...

X

Numa das aulas de Português, quase no final do ano letivo, uma aluna queixou-se de que tinha deixado a máquina de calcular em cima da mesa e que esta tinha desaparecido. Gerou-se alguma discussão, até que um aluno sugeriu que se revistassem todas as mochilas, pois teria que ser alguém da turma. Daniela pediu para falar:

— Eu acho que sei em que mochila está e, se estiver mesmo lá, também sei quem esteve a mexer nela. Posso, Professora?

Dirigiu-se à mochila em questão e retirou a máquina de calcular.

— Colocaram-na aqui para pensarem que foi o Vitorino, mas ele está inocente. Eu vi quem foi, mas não me peçam para dizer.

Para muitos foi uma surpresa que aquela aluna, que já tinha alinhado com o grupo dos que não aceitaram bem o novo elemento da turma, o viesse agora defender.

Enquanto olhava na direção dos alunos que suspeitava estarem na origem daquele incidente, a professora foi categórica:

— Esta questão morre aqui, mas que não se repita qualquer situação deste tipo. Se isso acontecer, a Daniela terá mesmo que identificar o responsável e este será castigado.

Quando os alunos se reuniram à porta da sala para a aula seguinte, Vitorino dirigiu-se a Daniela, para lhe agradecer, e reparou que a colega tinha estado a chorar. Perguntou-lhe por que estava assim.

— Eu não aceito que alguém me use... Ao princípio, pelo que se dizia por aí, acreditei que tu fosses má pessoa, mas não te conhecia. Agora sei que tu não és assim. E não admito que te prejudiquem, a ti ou a qualquer outra pessoa, usando estes truques baixos. Dei demasiado valor a pessoas que não o têm.

Entraram logo que o professor chegou. Vitorino foi incapaz de ouvir uma só frase do professor. A sua História era outra. Ele que ocupava, sozinho, uma carteira da última fila, tinha toda a atenção que lhe restava, naquela aula em que sonhara acordado, nos cabelos, nos gestos, de uma certa ocupante da segunda fila.

Ainda assim reparou que um dos colegas estava a faltar àquela aula. Não conseguia sentir pena dele. Estava a ter o que merecera.

XI

Quando os irmãos se reencontraram, no final dessa aula, Sueli achou que Vitorino não vinha no seu estado normal.

Luís explicou o que se passara nas aulas, pouco antes. Vitorino reviveu as emoções fortes daquela tarde, mas no seu espírito revia a atitude inesperada da colega que o defendera. A Sueli não passou despercebido aquele ar sonhador do irmão quando Luís falava de Daniela.

— O que esse teu colega fez é inadmissível... mas parece que ganhaste uma amiga muito... muito especial.

— Apenas fiquei surpreendido que ela fosse capaz de ir contra aqueles que sempre foram os seus amigos para me apoiar.

Luís fez a sua análise:

— Apenas revelou que tem bom coração. E também é gira, não é?

— Parece que precisas de mudar de óculos! A graduação desses já não deve ser suficiente. Isso é pergunta que se faça?

— Porque é que dizes isso? Não vejo lá muito bem, mas...

— É claro que é linda, mas... é de outro campeonato.

— Pelo que vi hoje, não sei, não... Diria que a Daniela tem um fraquinho por ti.

— Apenas tomou uma atitude justa. Não significa mais nada. Quem me dera...

Após um momento de silêncio, Sueli acrescentou:

— Os meus colegas também falaram de ti. Para eles, tu és um herói.

— Eu não quero ser nada disso... apenas gostava que me deixem em paz. Espero que a partir de agora não haja mais problemas.

Vitorino entusiasmou-se e falou como se falasse sozinho... Na sua voz havia esperança e sonhos, altos voos.

Luís trouxe algum realismo à divagação do amigo.

— Tu e a tua família têm que ter cuidado. Há muito racismo enquistado naquelas cabeças duras. Aquela gente estará sempre à espera de algum passo em falso.

Convidou os amigos a acompanharem-no até casa. Os seus pais tinham manifestado vontade de os conhecer. Viviam do outro lado do rio, mas a caminhada era curta.

Ao passarem a ponte olharam as águas escuras que não deixavam ver o fundo e refletiam as nuvens ameaçadoras. As tempestades de verão são quase sempre de curta duração, mas violentas.

O rio corria calmo... até quando?

História familiar

Eu não falo e só olho à volta quando ninguém está a olhar para mim. Vivo dentro de uma nuvem e quase mais ninguém entra nela (só a minha mãe e a minha irmã, às vezes, porque ambas não são bem outras pessoas, são como se fosse eu próprio).

Eu sou aquele à direita, na fotografia sobre o aparador. Eu sou aquele junto à senhora de vestido verde com a barriga grande. A senhora de vestido verde é a minha mãe. O meu pai, na fotografia, é aquele homem alto com um bebé ao colo. O bebé cresceu e tornou-se o meu irmão grande. Isto é, o meu irmão tornou-se maior do que eu.

Eu lembro-me do dia em que a fotografia foi tirada. Era uma manhã de Verão. Estava connosco um Estranho. Estava connosco um Outro. O meu pai pediu ao Outro que nos tirasse uma fotografia. (“Ó primo, tire-nos uma fotografia.”) A praia também ficou na fotografia, por detrás do cabelo da minha mãe. A praia chama-se Figueira da Foz. Ainda lá vamos, mas é raro. O Outro já morreu. Ouvei o meu pai, um dia, lamentar a sua morte por ser ainda tão novo para morrer. (“Coitado do teu primo. Era ainda tão novo para morrer.”) Por mim, acho que é sempre cedo para se morrer, mas isto não se aplica aos Outros, porque os Outros, como eu os vejo, já estão mortos, mesmo que estejam vivos. Na fotografia, a minha mãe tem a barriga muito grande. Soube, depois, que havia um bebé dentro da sua barriga. O bebé apareceu em nossa casa a um domingo. Era uma menina. A minha mãe mostrou-me e disse-me que eu agora já tinha também uma irmã. (“Olha. Agora também já tens uma irmã.”)

Gosto de passar despercebido. Preciso de passar despercebido. A maior parte das vezes consigo passar despercebido. As pessoas, quase todas, são Outros. Quero dizer: quase todas passam por mim como se eu fosse ninguém. É como se a minha nuvem fosse um manto mágico e eu andasse pelo mundo tão invisível como um sonho secreto.

Mas eu sei muito. Vejo quase tudo, ouço quase tudo, sinto quase tudo.

O meu pai tem o cabelo avermelhado e os olhos claros. A sua voz é forte. É uma voz que assusta de início, mas que se torna mansa logo a seguir.

A minha irmã tem os olhos azuis. Ao princípio, achava que era um bocadinho de céu em visita à minha casa. A sua voz parece um canto de ave pequenina ou, então, um longínquo murmúrio do mar, entre a Figueira da Foz e Buarcos. A sua voz. Estou a ouvi-la só por falar nela. A minha irmã toca-me ao de leve na cabeça e eu, apesar de normalmente não gostar que me toquem (sobretudo que me toquem na cabeça), consigo ficar quieto, sem gritar nem fugir. Só a ela e à minha mãe concedo esse direito.

O meu irmão é, visto-sentido de dentro da minha nuvem, mau. O meu irmão é mau. Ouço-o gritar com a minha mãe, o meu pai, a minha irmã. Interrompe, com gargalhadas ou resmungos, a música ou o mar que é sempre a minha irmã contando histórias da universidade. Eu corro, nessas ocasiões, para o meu quarto e sento-me na cama a abanar a cabeça para a frente e para trás, até a minha raiva adormecer e eu sentir que a minha nuvem já se recompôs. A minha nuvem quebra-se e recompõe-se, é assim. Quando isso acontece, sinto muito calor na cara e os cavalos dentro do meu coração deixam de correr como doidos. O regresso da minha nuvem faz-se como se ela fosse um puzzle grande: os seus cacos tornam-se, de novo, uma nuvem inteira.

Ouçõ frequentemente o meu irmão a empurrar a mesa e as cadeiras, a bater com as portas, a sair de casa, sempre aos gritos. Por vezes, berra na minha direcção:

— O autista é que manda nesta casa de doidos! Tenho de vos pedir desculpa de ser normal, não?

A minha mãe tem uma voz doce. A minha mãe tem a voz de uma nuvem. É como se eu falasse pela sua língua. Sinto-a sempre tão próxima que, às vezes, não sei se é ela ou

Autor:

**Joaquim
Jorge
Carvalho**
50 anos



eu próprio alisando os cobertores, ajeitando a almofada ou desligando interruptor do candeeiro. A minha mãe cheira a flores, a pão com manteiga, a frutos, ou talvez seja eu que sinto jasmims no meu quarto por ouvi-la falar de jasmims, ou que identifico o odor de maçãs por causa da cor do seu vestido, ou que sonho com pão quando ouço, logo de manhã, os seus passos muito vivos na cozinha.

Ao domingo, almoça connosco uma espécie de pai mais velho. É o pai do meu pai. É o meu avô. O meu avô tem os olhos do meu pai, o nariz do meu pai, a boca do meu pai (com menos dentes). Assobia como o meu pai para chamar o nosso cão. O meu pai chama-lhe pai, e eu fico a pensar, dentro da minha nuvem, que isso é muito estranho. O meu avô é, como eu o vejo-sinto, mau. O meu avô berra tanto como o meu irmão. Toda a gente parece ter medo dele. O meu irmão também parece ter medo dele, embora o meu avô poucas vezes se zangue consigo. Quando o meu avô se enerva, parece que há uma trovoadas ou uma guerra dentro da cozinha ou da sala de nossa casa: o meu avô fica vermelho como um fogo grande, sai de casa a dizer que o meu pai é um banana. (“És um banana! Um banana, filho!”) O meu avô chama filho ao meu pai, é de facto muito estranho. Por causa do meu avô, detesto os domingos. À hora das refeições, fico ao seu lado e, para não tremer, costumo fechar os olhos e fazer de conta que ele não existe, não existe, não existe.

A minha irmã chama-se Clara. A mãe esteve a conversar baixinho com ela, num canto da cozinha. Falam assim para mais ninguém ouvir o que dizem. Mas eu ouço e elas não se importam. O avô não gosta que falem baixinho, quero dizer, não gosta que falem sem que ele possa ouvir. Queixa-se ao meu pai (que é seu filho), diz que é uma falta de respeito para com o chefe da casa. (“Ouviste? É uma falta de respeito para com o chefe da casa, meu banana!”) Chefe significa que manda. A mãe fica triste com as palavras do avô. Se o meu pai fala consigo do assunto, ela grita, muito nervosa, ou fica em silêncio. O meu pai dá-se mal com os silêncios ou os gritos da minha mãe: antes de se fechar no quarto, batendo a porta, o rosto torna-se-lhe vermelho, os olhos grandes e maus, as mãos agitadas como uma renda frágil. O meu irmão ri-se e diz que a culpa é da Clara. A Clara tem um amigo especial, como bem percebi na conversa sussurrada na cozinha. Eu quis saber quem é. Perguntei-lho com os olhos e estalinhos na boca. Quando não estou muito nervoso, eu consigo fazer estalinhos na boca. A Clara sorriu, com aquela doçura dela que é um céu para mim. A mãe é que me explicou que a Clara tinha um namorado. (“A Clarinha tem um namorado.”)

Sei o que são namorados: é como a minha mãe e o meu pai juntos naquela fotografia do seu quarto, ambos com os rostos tão mais novos, quando ainda não eram a minha mãe e o meu pai. Um dia, disse-me a mãe, a Clara vai ser mãe de alguém como eu. (“Um dia, filho, a Clarinha também vai ser mãe de alguém como tu.”) Mas talvez a minha irmã venha a ser, um dia, mãe de alguém mais fácil do que eu.

O meu pai ouviu a minha mãe e ficou muito preocupado, vi-o na cara severa que deitou sobre o jantar. A mãe, aflita, murmurou-lhe alguma coisa (eu tentei ouvir, mas em vão). O avô e o meu irmão gargalharam, os dois muito longe da nuvem boa que devia haver sempre. O pai limpou os lábios num guardanapo azul e, sem dar tempo a gritos do avô ou do meu irmão, autorizou que o amigo da Clarinha viesse almoçar connosco no próximo domingo (“Podes trazer o teu namorado, filha.”). Domingo é um dia diferente. A mãe vai à missa, o pai trata da casota do cão, o meu irmão e a minha irmã dormem, quase sempre, até muito tarde e o avô, depois de cheirar o almoço, vai ao quiosque comprar um jornal com muitas páginas e muitas notícias.

Neste domingo, a minha irmã entrou na sala acompanhada de um Estranho. De um Outro. O meu irmão murmurou qualquer coisa, mas mais para dentro de si, nem eu consegui ouvi-lo. Talvez dissesse algo mau, como de costume. O meu pai cumprimentou o Outro com um passou-bem. A minha mãe deu-lhe dois beijinhos na cara (um beijinho em cada face). A minha irmã trouxe o Outro até mim e disse qualquer coisa, decerto algo doce, porque era a minha irmã falando comigo. Eu deixei que o Outro me tocasse no ombro direito, sem gostar disso, mas tão-pouco fugindo do toque. Aconteceu que senti que aquele Outro era parte, talvez, da minha irmã, isto é, não me pareceu que ele se tratasse verdadeiramente de alguém estranho. A Clara disse-me junto ao ouvido que o Outro era o seu namorado, o Carlos. “Este é o meu namorado. É o Carlos.” A minha irmã chama-se Clara. O Outro chama-se Carlos. Olhando de soslaio para o Outro, soube que ele tinha o mesmo sorriso da minha irmã. Tenho percebido que os sorrisos e a brutidade das pessoas são coisas contagiosas. No caso dos sorrisos, é algo bom, é até um prazer acolher rostos destes na minha nuvem. No caso da brutidade, é uma coisa assustadora. Basta pensar na raiva que passou, creio eu, do meu avô para o meu irmão. É como se de um bicho do mal pudessem nascer outros bichos, muitos bichos cheios de vontade de invadir a minha nuvem e talvez de me destruir.

Um dia, escondido num canto da minha garagem, dei com o meu irmão e o meu avô preparando a morte de uma aranha. A aranha era gorda e, decerto prevendo o que lhe ia acontecer, aninhara-se entre o armário das ferramentas e uma velha cadeira de metal. Pensei, na altura, que era assim também, em geral, a minha vida: acantonado, muito bem fechadinho na minha querida nuvem, à espera que os outros se fossem embora. A aranha também queria decerto que o meu avô e o meu irmão a deixassem quieta e em paz, na sua nuvenzinha de aranha de garagem. O meu avô e o meu irmão riam-se sem alegria. Vi o meu avô acender um isqueiro e aproximá-lo da aranha. E depois a aranha começou a arder. Sucedeu então que o meu irmão gritou, agarrando-se ao avô. Assustei-me de o ver tão assustado, mas não deixei de observar o resto da cena. Vi muitas aranhas, muitas aranhas pequeninas saindo da aranha sua mãe, todas correndo e morrendo quase ao mesmo tempo.

Tenho medo de aranhas. Não gosto de aranhas. Mas tive pena daquela porque, na verdade, o seu medo do meu avô era igual ao medo que, a cada domingo, eu costumava sentir. O meu avô chamou maricas ao meu irmão (“És um maricas, rapaz!”) Eu fui para o meu quarto abanar a cabeça, para trás e para frente, sentado aos pés da minha cama, da minha cama muito bem feita pela minha mãe. Tive de esperar muito tempo, dessa vez, até ao regresso da minha nuvem querida. Porque a minha nuvem quebra-se e recompõe-se, é assim. Digamos que é uma espécie de puzzle contra a desgraça. A minha nuvem protege-me, salva-me de morrer.

No domingo em que a Clara trouxe o Carlos, o meu avô atrasou-se. O meu avô chegou já depois de todos termos almoçado. Na mesa, apenas estava ainda o meu pai e eu. O meu avô queixou-se do barulho à noite junto de sua casa. Disse que a sua rua estava cheia de vândalos e que a polícia não queria saber. (“A minha rua está cheia de vândalos! A polícia não quer saber!”) Depois, saímos para o jardim e o meu avô viu o Carlos brincando com o cão. Olhou para o Carlos como se ele fosse apenas um Outro qualquer, sem nada que ver com a Clara, e ordenou-lhe que não tocasse no cão (“Não toque no cão, ouviu?”). A seguir, houve muito barulho, tanto barulho, demasiado barulho, muitos cacos rompendo a paz da rua, da casa, da minha nuvem. Todos pareciam gritar. O meu

avô gritava mais do que todos. O pai gemia como se ralhasse-chorasse com as mesmas palavras. A mãe chamava pela Clara (“Clara! Clarinha!”), muito aflita, com o cabelo caindo-lhe desajeitadamente sobre o olhar. O meu irmão soltou uma gargalhada da casa de banho, aparecendo com a escova dos dentes na mão e um fio de espuma escorrendo-lhe da boca. O meu avô perguntou, berrando, ao meu pai:

— Mas afinal quem é o preto?

O preto era, visto pelo meu avô, o Outro. Acho que preto era mesmo a sua forma de dizer o Outro. O Outro, para mim, já era o Carlos. O Carlos saiu de nossa casa com um olhar triste. Saiu, segundo me pareceu, como se caminhasse dentro de uma nuvem sua. Ainda assim, sorriu-me, e na boca vi-lhe o mesmo sorriso que costumo ver na minha irmã Clara.

O avô não quis a sopa que a mãe lhe ofereceu. Disse que a paciência tinha limites (“A paciência tem limites, catano!”). Eu fui para o quarto da Clara e sentei-me a olhar para ela, abanando um pouco a cabeça para a frente e para trás. Ela tocou na minha mão e eu deixei. Se eu fosse capaz de falar, dizia-lhe ali que ela era um céu e que, em ela querendo, eu a deixaria habitar a minha nuvem; que, em ela querendo, eu lhe daria a minha nuvem. A minha nuvem, Clara, comigo dentro, para tu estares, para tu viveres. Para tu, explico, fugires dos gritos que a brutidade produz e espalha, como aranhas más.

O meu pai disse ao meu avô que já era hora de crescer. Que já era hora de todos crescerem. O avô começou a gritar, o pai começou a gritar. O meu avô gritava muito alto. O meu pai gritava mais alto do que o meu avô. A minha mãe tinha os olhos molhados e tocou na mão do meu pai. Gosto muito de ver a mão dela na mão dele. Certa noite, vi a minha mãe e o meu pai amontoados, sob os cobertores da sua cama. Os dois como se fossem um apenas. Assustei-me com o som que faziam, uma correria de sussurros magoados. Eu julguei que estivessem ambos a chorar. Mas eles olharam para mim e eu vi-senti que estavam felizes. O meu pai deslizou para o seu lado da cama e a minha mãe sorriu para mim, inteira e linda, com os olhos molhados. Ela quis saber se estava tudo bem comigo (“Esta tudo bem contigo, meu querido?”) e havia na sua voz e no seu rosto muita felicidade, tanta felicidade.

No final daquela tarde de domingo, a minha mãe tinha também os olhos molhados e a sua mão estava na mão do meu pai. Notei como ela o mirava ternamente, como se lhe agradecesse o ter gritado com o meu avô. O Carlos disse obrigado ao meu pai. (“Obrigado, senhor José.”) A Clara sorriu. O meu irmão ficou em silêncio. O meu irmão não costuma ficar em silêncio. O meu irmão ficou em silêncio, como se estivesse nessa altura muito livre da brutidade habitual. O meu avô saiu de casa e agora vem visitar-nos menos vezes.

Eu gosto do meu pai e da minha mãe. Gosto um pouco menos do meu irmão, mas afinal o meu irmão não é bem mau. Tem-me parecido menos bruto, o meu irmão. É por isso que digo que o meu irmão não é bem mau. É só alguém incompletamente bom. Gosto mais, sem dúvida, da minha irmã, a Clara. O Carlos está muitas vezes com ela. Já ninguém o vê como Outro. Está com a minha irmã, é uma parte da minha irmã. É o Carlos. O meu avô, há dias, pôs-se a falar para mim. Tinha bebido o vinho todo da garrafa do almoço, enquanto o pai e a mãe estavam no sótão a arrumar roupas e calçado. Creio que não lhe passou pela cabeça que eu o entendesse. Falava como se não falasse. Tinha a voz esponjosa como se tivesse a boca cheia de batatas cozidas. Lá foi dizendo que gostava de toda a gente, até de mim. (“Até de ti, criatura!”). E que ninguém o compreendia, que a família tinha endoidecido, que todos um dia se haveriam de arrepender, que lhe have-

riam de pedir desculpa, e que só quando o Outro se fosse embora é que tudo voltaria à normalidade (“Ninguém me compreende. A família endoideceu. Um dia, todos se hão-de arrepender e hão-de pedir-me desculpa. Só quando o preto se for embora é que tudo volta à normalidade...”)

O meu avô, visto-sentido como eu o vejo-sinto, é que é o Outro.



Pare, e pense

Palavras, como se formam?

Racismo, porque existe?

As palavras são formadas por vogais e consoantes . . .

E o racismo? Por vítimas e ignorantes?

Autora:

**Joaquina
de Lurdes
Martins Silva**

48 anos

Juntas, vogais e consoantes, formam as palavras mais bonitas de se ouvir

. . .

Juntas formam palavras que nos fazem chorar e rir . . .

Juntas formam palavras que nos fazem amar dia após dia . . .

Juntas, só JUNTAS é que formam o alfabeto, sem ele dificilmente
comunicaríamos

tal como sem coração dificilmente amávamos.

Nas nossas palavras todos têm um lugar . . . vogais, consoantes e acentos.

Nas nossas sociedades todos, TODOS têm lugar . . . tu, ele e eu.

Agora pense!

Todos somos feitos da mesma essência,

RESPIRAMOS, SENTIMOS, EMOCIONAMOS-NOS E

EMOCIONAMOS!

Agora pense!



Um Cego Não Vê O Racismo

Interlúdio – Cego:

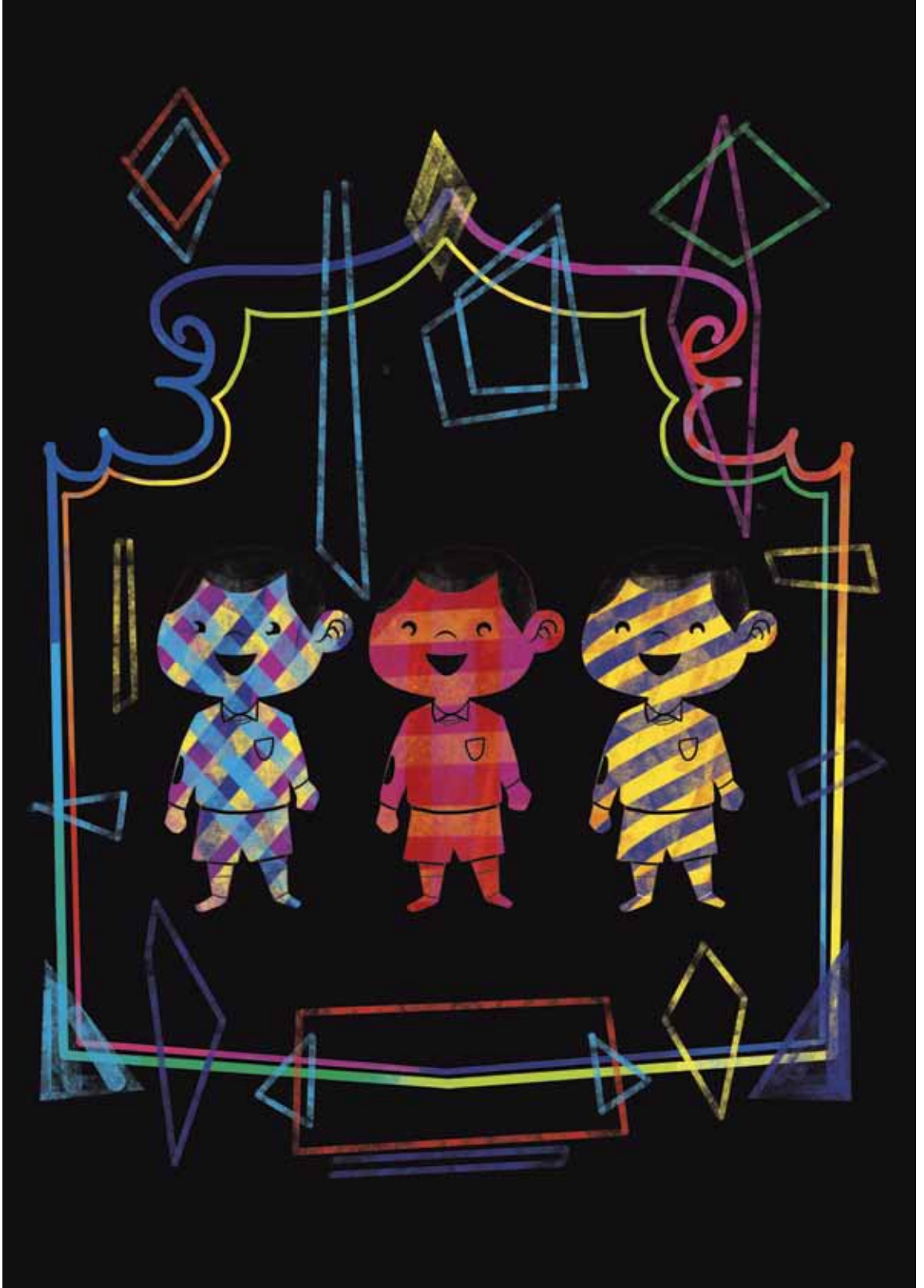
(...) Sempre achei tudo muito nítido mas com pouca cor,
Noites em branco ou dias no escuro e só muda o calor,
Os meus olhos claros não vêem caras, nem que acendam uma chama,
Mas o que parece é fogo de vista e o corpo a roupa que veste a alma,
Olho para fora de forma a que não me escape a calma,
E que a agarre com tanta força até que me estendam a palma...

Autor:

**Luís Paulo
Mendes
Amaro**
20 anos

Fiz um amigo para a vida, um irmão que o destino me fez,
Olhando de lado mas eu não vejo como vocês
Quem ousa censurar vive movido de segundas intenções,
Tenho o poder de não me preocupar com as primeiras impressões,
O brilho que vês nos meus olhos é do orgulho que tenho em ti,
Com um único tom de pele, a única cor que vi,
Orgulha-te do que és, não esqueças marcas do passado,
Lembra todos os que te marcaram e os que te deixaram marcado!
O meu espaço é incolor e os meus dias são negros.
Há uma diferença no «PRETO», torna os meus dias menos cinzentos,
Preenche-me dias incompletos, alivia os meus tormentos,
Enquanto me guia com passos pequenos, pelo caminho mais longo
Vê que ninguém é ninguém para te apontar o dedo,
Não respiras liberdade se vives preso num sufoco.
Consegues ser sensível e sincero, há quem considere defeito,
Homem negro, só me interesse pelo que trazes no peito,
Tem um coração mole. Que é difícil de partir,
Sonho com o dia em que te possa ver chegar,
Espero que não partas sem eu ir,
Tenho um coração de pedra fácil de rachar.
Nascem escuros, claros... Como dias e noites,
Irão sempre tentar afogar-te num mar de espinhos,
Não criaste laços de afinidade mas sim pontes,
Para transportares sentimentos e eles não saírem feridos,
A beleza do Mundo está na nossa diferença,
Nunca consegui ver, mas contigo sei que a sentia,
Cego desde que nasci, a ti julgam-te desde a nascença,
Preto no escuro da noite, eu o branco sem luz do dia.

(...) Vou caminhando na escuridão, acompanhado pela doença,
De não ver a sombra do dia que todos julgam pela aparência.





Descendente do Mundo

Eu sou todas as raças e não sou nenhuma
Sou de raça e arraçada também
Tenho penas coloridas que enfeitam o meu cocá
Trago coroa de ouro na fronte lisa
E o meu cabelo cheio de eriçá

Autora:

Marcella Reis
29 anos

Meus cabelos são crespos, lisos, loiros, vermelhos, marrom, preto
ondulantes como as ondas
E da cor da aurora boreal

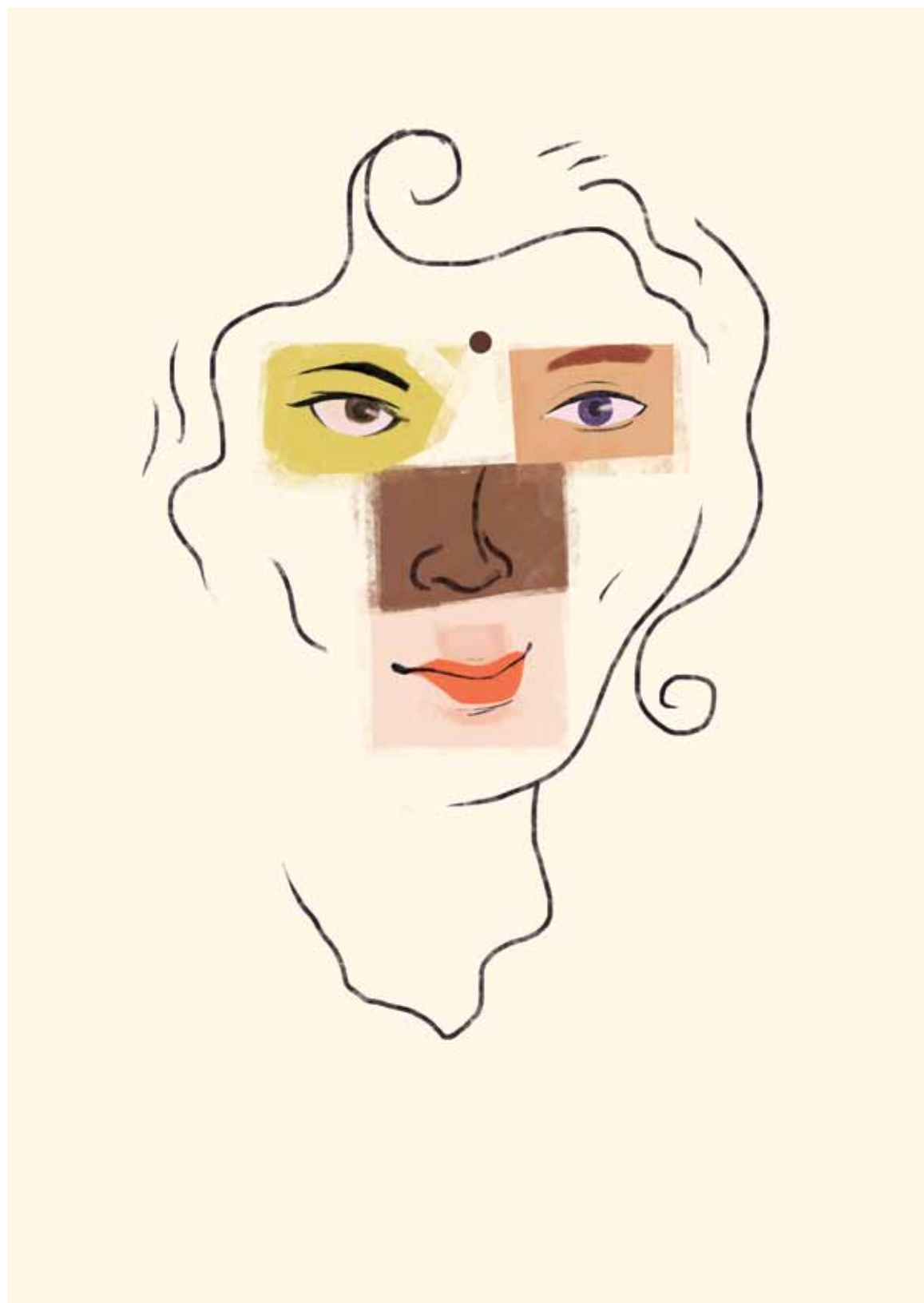
Tenho o nariz ponteagudo, arrebicado, afilado e achatado e
Nele aspiro todas as pessoas
E inspiro os lugares

Sou cabocla de sete flechas
E tenho os olhos amarelos de sol
E o sangue vermelho
Sou da realeza e tenho o sangue azul
Eu sou de todo lado e não sou de lado nenhum

O meu silêncio é o meu grito
O meu corpo a minha armadura
Trago dentro dela o meu espírito que cavalga livre
Num campo onde as ervas são as estrelas
E então, alimento-me delas
Bebo da lua o gelo derretido
Me caso com o universo
Colocando em todos os dedos o anel de Saturno

Onde moro não há alfândegas
Não há carimbo e nem tão pouco visto
A minha mala é o meu coração
Meu passaporte a minha alma
Meu avião as minhas asas
Garridas e vincadas pelo meu pensamento

Sou caucasiana, mameluca, cafuza, mulata,
Mestiça de toda gente
Sou Cleópatra, fariseu, indiana
Sou Judeu





A minha religião é este, aquele e aquele outro
Fulanos, Cicranos e Beltranos
A minha cor é rubra, negra, grafite, dourada, cintilante, prateada
A minha cor é azul, albina, laranja, branca...
A minha cor é nada
Ela é tudo

Sou lusa
E trago no caule do meu corpo o flamejante pau-Brasil
Tenho lenços, véus e uma burca até as canelas longas e sírias
Sou a face queimada de uma mulçumana
Os pés sábios e cansados de um nômade

Eu sou o terceiro olho de Ganesha
Senhor de todos os seres
Sou a sua tromba e o dente arrancado com brutalidade de um elefante africano
Para enfeitar o pescoço de tristeza e marfim
Tenho os olhos puxados até a nuca
e falo o mandarim
Sou as cartas de tarô e a bola de cristal de uma cigana
Sou as roupas que ela vende
E a sua voz na feira latente!

A minha dança é o samba, o tango, a salsa, o merengue, o Kuduro,
O Vira-vira
Meu ventre...
Minhas mãos emborcadas na sutileza do vento...

Eu sou o fado e o sexo circuncidado
Sou a promessa de um casamento na infância
E o casamento por escolha também

Sou as meias das sandálias das Romanas de cabelos tinturados até a cintura
Sou as nádegas redondas de uma brasileira,
Sou uma gueixa!
Eu tenho os lábios grossos e finos
As mãos alongadas e pequeninas
Os seios grandes e mirrados

Meus sapatos são o mundo
Me calço neles então
E descalça de raça ando
A procura de alguém que se queira aventurar
Na ventura de ser como eu sou:
Ninguém!
Por que eu sou todas as raças e...
Não sou nenhuma também.

Alguém

Não importa de onde vens,
Nem a cor que tens.
Nem a língua que falas,
Nem se és tagarela,
Ou se calas.

Não importa se és rico,
Se és pobre,
Se és homem, mulher,
Ou criança a crescer.
Tudo o que importa é ser!

Importa quem és!
Alguém, com certeza!
Se igual? Diferente?
Esperteza? Beleza?
Importa que és gente!

Importa que pensas, que adoras,
Que sentes, que ris e que choras.
Quem ri e chora sente!
Quem pensa é alguém!
Não importa quem é, como é, de onde vem!

Este mundo não é meu,
Nem teu,
De ninguém!
Mas é meu, como é teu,
Como é de todos aqueles que vieram por bem!

Não importa de onde vens,
Nem a cor que tens.
O que te traz... Tanto faz!
És alguém!

Autora:

**Rita Borges
Gouveia**
19 anos





Não ao racismo!

Pássaros de todas as cores
Passam por nós a voar
Não me parece que a cor
Para eles possa importar...

Autora:

**Rosa Maria
de Jesus
Malveiro**
43 anos

Peixes lindos, multicores,
Nadam no rio e no mar
A cor para eles
Também não parece importar...

Todos os animais lutam
Por comida ou poder,
Mas por causa da cor,
Nunca se ouviu dizer...

Afinal nós que somos
Animais racionais
Temos muito que aprender
Com os outros animais...

Talvez um dia “certas” pessoas
Acordem para a realidade
E percebam finalmente
O que interessa de verdade.

Racismo! Que palavra horrenda
Cheia de sofrimento e dor
Vamos antes substituí-la
Por Igualdade, Respeito e Amor!





Racismo?!

Observo.

O campo floriu de papoilas, giestas, heras, de... FRATERNIDADE!

O bosque cresceu de faias, pinheiros, castanheiros, de ...
SINGULARIDADES!

O céu dá azul, verde, prata... HOSPITALIDADE!

O ar é cálido, fresco, morno... HUMANIDADE

A água é lagoa, ribeira, mar... HONESTIDADE

A humanidade sou eu, tu, ele, ...IGUALDADE

A vida é DIVERSIDADE.

O mundo é COMUNIDADE.

O racismo não tem neste mundo conformidade.

Ostracismo; belicismo; humanismo; arcaísmo;

Morre, falece, perece... termina, finda, expira

Igualdade; diversidade; Comunidade; Identidade; positividade, Paridade;
imparcialidade, singularidade; honestidade; hospitalidade, sonoridade;
Interculturalidade; Humanidade

Direitos; respetos; feitos,

Mundo; moribundo, imundo,

Fado; pashta (Paquistão); Morna; flamenco; Samba; salsa; merengue;
farandola

Arabe derback (djembe africa) tambor, davul (balcãs); adufe, bongô(
Marrocos?) Bombo; gongo;

acordeão; flauta; pífaro;

conga; Cigano

branco.

Autora:

**Rosália
Santos
Correia**

41 anos





Um coração de todas as cores

Autora:

**Sónia Marisa
Marques
dos Santos
Fazenda**
33 anos

Acordo todos os dias com o coração cheio. Não sei explicar muito bem o que sinto, o pular, o acelerar, o apertozinho no peito. Sei dizer que é bom! É grande. Sinto-o no respirar, o meu sorriso rasga-se e os meus olhos brilham. E acho que os outros conseguem sentir qualquer coisa em mim. A minha avó Chica chama-lhe alegria mas eu chamo-lhe esperança! Aprendi na escola. E acho que é. E de que cor é a esperança?

Sim, é esperança isto o que sinto. E sinto que a vida é às cores e que a esperança é acreditar que as cores podem ficar ainda mais bonitas.

Pois é, já me estão a imaginar um tóto, um cromo, um... nada disso! Apesar de ter esperança, de acreditar, todos os dias me lembram, mais vezes do que eu gostaria, que nem todos escolhem para si cores muito bonitas.

Ora vejam a minha tia, anda sempre de preto. Está triste, posso compreender, não percebo é que trate mal a minha mãe, que é violeta! Só porque a fábrica fechou e a minha mãe ficou sem trabalho, a minha tia chama-a de inútil. E a minha mãe trabalha muito para nos alimentar, tratar da casa e apoiar nos TPC. Definitivamente, a minha tia é preta. Ei atenção, não estou a falar da cor de pele! Ela é preta por dentro e pálida por fora!

Já a minha professora é linda! É cor-de-rosa, da cor de uma flor cheirosa. Tão rosa que mesmo quando fazemos barulho e nos portamos menos bem, ela insiste em ensinar-nos. Acredita em nós. Acho que também tem esperança. Ela gosta de nós e recebe-nos sempre com um sorriso, mesmo quando está triste, e o rosa fica esmorecido. Todos temos momentos menos cor-de-rosa. Às vezes ficamos roxos de raiva. Acontece nas reuniões de moradores do bairro, e às vezes na televisão. Aqueles que decidem o futuro do nosso país, os políticos, estão muitas vezes roxos, e nunca se chegam a bater.

Aí está uma certeza, gostava de ser encarnado. E não consigo pensar em encarnado sem pensar no Benfica. Perdoem-me os outros adeptos. Eu sei que ele há gostos para tudo. Mas assustam-me as pessoas quando começam a ficar encarnadas. Giros são os que já nascem encarnados, são muito especiais.

E o vizinho Vasconcelos do 3º andar? Não sabem? Claramente, é azul. É uma questão de sangue, dizem. Eu cá chamar-lhe-ia arrogância. Mas ser azul tem coisas boas. O mar que é de todos, o céu para onde irei um dia, sim, porque segundo o Padre Manel, que sabe tantas coisas, as pessoas com esperança e um coração colorido têm mais hipóteses.

O padre Manel é amarelo. Tem uma energia boa como o girassol, e à volta dele também giram coisas boas. Ensina a tolerância, pratica o amor, e diz que Deus não tem cor e acolhe pessoas de todas as cores. Haja fé e esperança! Respeita todas as religiões, culturas, valoriza as pessoas, a sua diferença, porque somos diferentes mesmo, e principalmente, valoriza a fé. E a fé, não tem cor. É de todas as cores.

E eu? Eu... eu acho que sou verde! Não, já disse que sou benfiquista, mas sinto-me verde. Afinal, o verde é a cor da esperança. E a esperança move-me, dá-me alento, dá-me coragem para pintar o mundo de todas as cores. Desafio? Pintarmos todos, pintarmos juntos!

Como os animais, como as flores e as frutas, as pessoas são todas diferentes e especiais. E somos tanto mais especiais quanto temos os corações às cores. A parte boa é que podemos pintar o nosso coração da cor que quisermos. As cores são escolhas, e podemos escolher pintar o nosso coração e o mundo às cores!

Fim

Este pretende ser um conto para crianças dos 6 aos 9 anos. Pretende ser mais uma ferramenta de trabalho na promoção do diálogo intercultural, na valorização da diferença, no apoio à construção de um mundo melhor, em que as crianças têm um papel fundamental.



Olhares de Noite em Abraços de Sol

Autora:

**Telma
Marlise
Escórcio
da Silva**
34 anos

Engulo essa tua noite que se apodera malditamente do sol que há em mim
Ela quer me lúgubre
Quer me triste
De mal com a vida
Dá me solidão atrás de solidão para que não se levante a motivação para rir
Noite má amiga, Noite trazedora de todas as minhas agonias
Como tão bela pode ser tão insensível?

Noite és Linda
És escura, és mágica, és um manto de amor desencontrado
O sol aquece me. Dá me esperança
Mas tu devias me gerar confiança, Força
Abençoar me com a inteligência das estrelas, sábias, filhas de um Çeú magoado
Mutilas a minha energia vital
E eu a remoer, a remexer, a tantar esquecer, a não compreender
Vou sendo semi fantasma ainda em vida
Já não te consigo engolir, Ó Noite Carrasca dos meus sonhos

Noite és Feia
Não vislumbro uma gota de compreensão em ti
Abandonas me num compasso doente e despropositado
Sonegas me as mentiras que o meu Dia me conta
Forças me a idolatrar uma verdade que eu não quero
Não quero
Não posso
Não devo abraçar

Noite, esquece o meu Olhar
O nosso Olhar

Minha Noite. O problema é começar. Custa sempre começar. Custa tanto começar. Tudo na minha vida foi assim, extremamente difícil de começar. Mas foi numa noite de perda que te ganhei tão minha e tão da vida, tão rebelde, como tão domesticada. E essa noite que veio recheada de raiva e engoliu sem mastigar o dia. Eu dia. Eu filho do sol, com as estrelas que só aparecem durante o dia. Não acreditas? Não há estrelas de dia? Vasculha devagar o teu dia. Vais encontrar as minhas imensas mães. As minhas mães que se cruzam com as tuas, as tuas mães estrelas noturnas visíveis. Amadas. Admiradas. E tu só apareces para mim sobre a protecção dela. E eu fico assim parado, enjaulado na tua magia lunar. A lua também é tua Mãe, é apenas tua Mãe. De mim ela quer distância. Não a mereço, creio que nunca a mereci. Ela detesta-me. Sou filho do sol, aquele que a ofusca permanentemente. Derrota-a. Faz com que o vosso mundo se esqueça dela. Eu não me posso esquecer dela. Ela é mãe da minha Noite.



E antes de começar a ser teu, estava eu perdido no consumo do ódio pelos teus. Odiava tanto esses teus. Eu branco, ser perfeito, abençoado pelo sol que nos acariciava, achava me tanto eu, desprezava tanto aqueles teus. Mas em minha defesa devo dizer que não nasci assim, ninguém nasce assim. Nascermos nós a amar mas somos educados a desconfiar, a detestar. Comecei a detestar os teus porque os meus me diziam que eram perigosos, eram ladrões, eram assassinos. Vieram de outros mundos para nos roubar a alma. Como não acreditar? Tinham tudo eles para eu acreditar. Eram escuros, comiam de forma diferente, andavam de forma diferente, pensavam diferente. Eram uma afronta a nossa existência. Ousados. Porquê é que achavam que podiam ser diferentes? O cheiro deles. Os corpos deles. A confiança deles. E como podiam ser eles confiantes, se eles eram escuros? Filhos da noite, netos do pecado. No fundo tenho medo. Medo deles, medo de mim quando perto deles. Sei que eles têm medo de mim, dos meus. Os filhotes do sol sempre intimidaram as crias da noite.

Assim começou a nossa guerra. Eu a odeia-los e eles a odeiarem-me a mim. Os meus a odeiarem esses escuros da noite e eles a odeiarem os meus brancos do sol. Rapidamente passamos a ser milhares.

Nos espaços repletos de gentes com almas gritadas pelo mundo confuso enfrentávamos-nos. Agora nós seríamos nacionalistas, eles seriam imigrantes, seriam ilegais, seriam extraterrestres das nossas terras de sol. “Que voltem lá para as vossas terras de noites, terras paridoras de escuridão. Que regressem Para a Noite, rápido e em força”. Mas eles ficavam, eles resistiam e desafiavam-nos : “Também esta é nossa terra.” Como nós ríamos de tamanha pretensão. Como um sol perfeito, podia parir filhos escuros e erráticos? Tínhamos de ser eficazes, tinham de ser expulsos. Fora daqui, dizíamos nós. Foram vocês que nós foram buscar, diziam eles. O impasse. A raiva. O impasse. O orgulho. O impasse daria lugar ao ataque e em breve estaríamos enrolados num chão sem forma, presos a uma carne de duas cores, subjugados pela fragilidade de um sangue que era da mesma cor para os dois flancos. A luta não teria vencedores, nunca. A batalha seria eterna. Cegos. Nós cegos, eles cegos. A luz calava nos a visão. A falta de luz falava-nos da visão. E fosse como fosse, a visão só nos conseguia contar que não éramos iguais. Jamais seríamos iguais.

Passaram-se anos, passaram-se séculos, os meus contra os teus. Os meus dominaram, os teus se rebelaram. E fomos nós para as terras de noite e voltamos, e eles vieram para as terras do sol e voltaram mas tivemos sempre de nos esbarrar uns contra os outros. Os neutros chamavam-nos ignorantes. Os neutros achavam-se na sua sabedoria superiores. Diziam que não viam terras, diziam que não viam cores. Não aceitavam a nossa brancura digna dum sol eterno, não aceitavam a escuridão aberrante da noite perturbante desses. Hipócritas. Diziam-se defensores da igualdade mas quem pode defender a igualdade se começar por ignorar a diferença? Só podíamos sentir pena dos neutros. Advogavam tanto e nada assumiam. Falsos. Defendiam sempre os filhos da noite, não porque os considerassem injustiçados nessa guerra mas porque os consideravam coitados, incapazes, tristes escuros perdidos numa terra de sol que os embriagava tanto quanto a nós, nós os maus da fita, os sedentos de posse do que sempre foi nosso. Confesso que não sei quem me dava mais nojo, se as crianças da noite ou se os neutros. E fui levando essa existência de rancores, que me foi afastando de outros amores. Que me foi desviando da possibilidade de conhecer caras diferentes da minha com corações infectados como o meu. Talvez nos conseguíssemos salvar. Durante tempos e tempos não me quis salvar, e apareceste tu. Apareceste tu vestida de noite, coroada pela dor das nossas batalhas, uma

dor que ainda assim conseguia derramar sorrisos. E o sorriso dela tinha tanto de noite como de sol.

E sonhei que haviam montanhas, também oceanos, assim como ruas intermináveis, e infidável confusão de formas, de cores, de feitios, de tamanhos. Havia tanto para ver mas eu não via nada. Só te via a ti. Quis me soltar do sonho. Não me largava. Quis acordar. Quis dormir num profundo imperturbável, afastado de sonhos que me fizessem chegar a sombras, que me pusessem a pensar no arrebatamento da tua escuridão. Mas sem abrir os olhos lá estavas tu. Tu sempre tu. Tu sempre pronta para minar o meu vale de convicções contra os teus, contra ti. Tu que me querias tornar um ser neutro sem advogar nada mas assumindo tudo. Olhos fechados, sentidos despertos. Acordo, finalmente, a realidade chama-me. Os meus precisam de mim para combater os teus que lutam para noites como tu existirem na minha terra do sol. Hoje sinto-me cansado. Hoje sinto-me totalmente despreparado para ir para a guerra. Sugaste-me as forças que capacitam a minha investida contra esses tão teus. Hoje preferia dormir e ver-te vaguear pelos meus sonhos desencantados. Não posso. Precisam de mim. O meu mundo precisa de mim e o teu precisa de ti. Porque estás aqui quando o teu mundo precisa de ti? Vamos guerrear-nos. É tudo o que podemos fazer. É tudo o que conseguimos ser, guerreiros numa guerra que nos foi imposta mas que devemos continuar. Temos de continuar. As tuas mãos escuras a afagar o meu cabelo tão diferente do teu só têm futuro de acontecer em sonhos, os teus lábios carnudos e rosados só encostarão os meus lábios finos aquando as nossas visões. Nada disto pode acontecer. Somos nós nada mais que lutadores eternamente alerta. Temos não tempo para metamorfoses.

Chove dentro de mim. Caem junto a mim dois dos teus, caem junto aos teus dois dos meus. Continua o banho de sangue, continua o festival de palavras grosseiras que ser humano algum devia conseguir proferir, que ser humano nenhum devia ter de ouvir.

Chove torrencialmente por dentro de nós os dois. Os desejos de união aparecem tanto do meu lado como do teu totalmente encharcados. E mesmo com tanta água consigo-te ver a chorar. Dentro do meu tão sei que estás a chorar. E estás longe, e nunca te vi, e és mera aparição contudo és tão forte em mim.

E como me sinto mal. Magoei um irmão teu. Queria lhe pedir perdão. Desde que a porta do meu cérebro se abriu para dar entrada a tua existência que tudo o que quero é rogar por perdão. Perdoas-me tu? Perdoar-me-ão os teus? E os meus guerrilheiros do sol hão-de me perdoar por querer o vosso perdão?



Voando lado a lado

Asa de vento
Solta no ar
Voa, voa
E o céu por lar.
Pluma negra pluma branca
Ou de laivo cinzento
Voa igual no firmamento.

Evade-se a alma
Num breve momento
De infinito e liberdade.

Autora:

**Teresa
Ferro**
51 anos





Os nossos mundos

Como gotas salgadas, num imenso olhar.
Nos silêncios da cidade em cada dia.
Mulheres vão e vêm, sem vagar.
Criam colos, tecem tranças de magia.

Autora:

**Virgínia
Doblado**
53 anos

Como rios que abraçam um imenso mar.
Nos trilhos da cidade em cada dia.
Homens sonham e amam, sem parar.
Rasgam danças em gritos de euforia.

No betão cinzento, pintam velhos deuses,
Suores perdidos de perfumes mil.
Deitam preces em tapetes coloridos.

No chão dourado, riscam novas lendas,
Areias perdidas em marés sem fim.
Gritam mundos distintos mas iguais.





